

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

**XI CONGRESSO NACIONAL
DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA**

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
Em Homenagem a Joaquim Mattoso Câmara Jr.*

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(de 27 a 31 de agosto de 2007)

Cadernos do CNLF

Vol. XI, N° 11

LÉXICO E SEMÂNTICA

Rio de Janeiro
CiFEFiL
2008

RIO DE JANEIRO: CiFEFiL, 2008

1

LÉXICO E SEMÂNTICA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DEPARTAMENTO DE LETRAS

Reitor

Ricardo Vieiraves de Castro

Vice-Reitora

Maria Christina Paixão Maioli

Sub-Reitora de Graduação

Lená Medeiros de Menezes

Sub-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron

Sub-Reitora de Extensão e Cultura

Regina Lúcia Monteiro Henriques

Diretora do Centro de Educação e Humanidades

Glauber Almeida de Lemos

Diretor da Faculdade de Formação de Professores

Maria Tereza Goudard Tavares

Vice-Diretor da Faculdade de Formação de Professores

Catia Antonia da Silva

Chefe do Departamento de Letras

Leonardo Pinto Mendes

Sub-Chefe do Departamento de Letras

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

Coordenador de Publicações do Departamento de Letras

José Pereira da Silva

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Rua São Francisco Xavier, 512 / 97 – Mangueira – 20943-000 – Rio de Janeiro – RJ
pereira@filologia.org.br – (21) 2569-0276 – **www.filologia.org.br**

DIRETOR-PRESIDENTE

José Pereira da Silva

VICE-DIRETORA

Cristina Alves de Brito

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Délia Cambeiro Praça

SEGUNDO SECRETÁRIO

Sérgio Arruda de Moura

DIRETOR CULTURAL

José Mario Botelho

VICE-DIRETORA CULTURAL

Antônio Elias Lima Freitas

DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Valdênia Teixeira de Oliveira Pinto

VICE-DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Maria Lúcia Mexias-Simon

DIRETORA FINANCEIRA

Ilma Nogueira Motta

VICE-DIRETORA FINANCEIRA

Carmem Lúcia Pereira Praxedes

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Amós Coêlho da Silva

VICE-DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Alfredo Maceira Rodríguez

LÉXICO E SEMÂNTICA

XI CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

de 27 a 31 de agosto de 2007

COORDENAÇÃO GERAL

*José Pereira da Silva
Cristina Alves de Brito
Delia Cambeiro Praça*

COMISSÃO ORGANIZADORA E EXECUTIVA

*Amós Coêlho da Silva
Ilma Nogueira Motta
Maria Lúcia Mexias Simon
Antônio Elias Lima Freitas
Carmem Lúcia Pereira Praxedes
Sérgio Arruda de Moura*

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE APOIO

*José Mario Botelho
Valdênia Teixeira de Oliveira Pinto
Silvia Avelar Silva*

COMISSÃO DE APOIO ESTRATÉGICO

*Centro Filológico Clóvis Monteiro (CFCM)
Magda Bahia Schlee Fernandes*

Laboratório de Idiomas do Instituto de Letras (LIDIL)

SECRETARIA GERAL

Silvia Avelar Silva

SUMÁRIO

0-	Apresentação – <i>José Pereira da Silva</i>	07
1.	A delimitação de unidades lexicais complexas em um <i>corpus</i> do samba carioca – <i>Flávio Barbosa</i>	9
2.	A frase do ponto de vista semântico – <i>Zinda Vasconcellos</i> 23	
3.	A relevância da semântica nos estudos da análise sintática de orações subordinadas adverbiais: Desvios sintático-semânticos – <i>Giovana Fernandes Dantas, Marco Aurélio Lourenço e Patrícia Santos de França</i>	32
4.	As convenções lingüísticas: axiologias do léxico – <i>Maria Aparecida Barbosa</i>	44
5.	Cultura partilhada e publicidade: usos lexicais no discurso publicitário – <i>Nelly Carvalho</i>	52
6.	Denotação e conotação: abordagens e reflexões acerca dos efeitos de sentido – <i>Gabriela do Couto Baroni, Ione Aires Santos e Josiane da Silva Souza</i>	62
7.	Descrição de palavras compostas para processamento automático da linguagem natural – <i>Tatiani Ramos</i>	71
8.	Estudo semântico-lexical na região metropolitana de São Paulo: primeiras abordagens – <i>Márcia Regina Teixeira da Encarnação</i>	82
9.	Modalidade, ilocutório e construções lexicais complexas: notas sobre o verbo “dar” – <i>Leilane Ramos da Silva</i>	91
10.	Nas roldanas da guerra: uma análise léxico-semântica da engenharia hawaiana – <i>Vinícius Baião Vieira</i>	104
11.	O estudo dos sintagmas bloqueados no gênero informe – <i>Mara Medeiros Cardoso</i>	115

LÉXICO E SEMÂNTICA

12. O uso do dicionário em sala da aula de língua estrangeira: uma proposta relacionada aos cursos de extensão direcionados à terceira idade – *Angela Marina Chaves Ferreira* 127
13. O vocabulário popular na ilha do pavão – *Denise Salim Santos* 135
14. Os nomes na literatura – *Maria Lucia Mexias-Simon* .. 148
15. Questões terminológicas para um trabalho terminológico/termi-nográfico sobre patrimônio turístico – Rosemary Irene Castañeda Zanette 158
16. Um estudo do léxico malsonante em dicionários bilíngües escolares espanhol-português/português-espanhol – *Sabrina Araújo Pacheco* 166
17. Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados. Estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português europeu – *Patricia de Jesus Carvalhinhos* .. 177
18. Instruções editoriais 195

APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar-lhe os dezessete trabalhos que selecionamos para esse número 11 do volume XI dos *Cadernos do CNLF*, sobre a temática “Léxico e Semântica”.

Considerando o grande número de artigos, resolvemos não fazer aqui uma apresentação resumida de cada um dos trabalhos, visto que a apresentação ficaria muito ampla, considerando-se o padrão desse periódico, que não admite uma apresentação de mais de três páginas.

Tratarão mais especificamente do léxico os artigos de número 1, 4, 5, 7, 9, 12, 13, 16 e 17, apresentados por Flávio Barbosa, Maria Aparecida Barbosa, Nelly Carvalho, Tatiani Ramos, Leilane Ramos da Silva, Vinícius Baião Vieira, Ângela Marina Chaves Ferreira, Denise Salim Santos, Sabrina Araújo Pacheco e Patrícia de Jesus Carvalhinhos; os de número 2, 3 e 6 tratam especificamente da semântica e os demais (de número 8, 9, 10, 14 e 15) tratam de ambos os aspectos (lexicais e semânticos).

Tanto os estudos lexicais quanto os semânticos são, naturalmente, relacionados com outros aspectos dos estudos linguísticos ou com *corpus* específicos.

Flávio Barbosa, por exemplo, estudou as lexias em letras de sambas; Nelly Carvalho, analisou-as no discurso publicitário; *Denise Salim*, no vocabulário popular na Ilha do Pavão; *Sabrina Araújo Pacheco* foi vê-las nos dicionários bilíngües escolares espanhol-português/português-espanhol ou na comparação entre o português brasileiro e o europeu.

A semântica, além de relacionada quase sempre ao léxico, também foi estudada com enfoques particulares, como foi o trato feito por *Zinda Vasconcellos*, relacionando-a com a sintaxe na frase. Outro grupo focalizou a semântica especificamente em orações subordinadas adverbiais.

A terminologia, relacionada à semântica e ao léxico, foi tratada especificamente por Rosemary Irene Castañeda Zanette e por Sabrina Araújo Pacheco e Patrícia de Jesus Carvalhinhos.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Como lembrado mais acima, abstivemo-nos de apresentar uma síntese mais substancial dos trabalhos aqui reunidos, para o que remetemos o leitor para o número 01 deste volume XI, no qual esses resumos estão publicados em ordem alfabética dos títulos. Além disso, eles também se encontram disponibilizados na Internet, na página <http://www.filologia.org.br/xicnlf/resumos>, onde também se encontram na mesma ordem alfabética.

Este número 11 também está disponibilizado na Internet e poderá ser acessado na página <http://www.filologia.org.br/xicnlf/11> e também será publicado em cd-rom no *Almanaque CiFEFiL 2009*, que circulará a partir de agosto de 2009.

Pedimos a colaboração do ilustre leitor no sentido de nos apontar possíveis falhas nessa edição, para que possamos oferecer um serviço de melhor qualidade nas próximas edições. Por isto, antecipadamente agradecemos, contando com a sua crítica.

Rio de Janeiro, dezembro de 2008.

José Pereira da Silva

**A DELIMITAÇÃO DE UNIDADES LEXICAIS COMPLEXAS
EM UM CORPUS DO SAMBA CARIOCA**

Flávio Barbosa (UERJ)

f2ab@ig.com.br

OBJETIVOS

Este trabalho, parte de um projeto de estudo mais extenso, tem três objetivos principais:

Inicialmente, desejo contribuir com reflexões relativas ao tratamento lexicográfico das variedades populares do português brasileiro, a partir da análise de características lexicais do samba carioca.

Também quero trabalhar aplicando a um *corpus* de sambas procedimentos de delimitação e categorização de unidades lexicais complexas. Tal providência me permitirá observar características lexicais dessa variedade do português popular carioca.

Enfim, também pretendo, a partir dos estudos lexicais, observar características discursivas do gênero textual letra de samba.

EMBASAMENTO TEÓRICO

O embasamento deste estudo compreende três vertentes teóricas principais: os estudos de morfologia lexical, os estudos lexicológicos tradicionais e os novos estudos lexicais.

Morfologia lexical

Busquei referências desse domínio teórico em Sandmann (1992), Monteiro (1987) e Petter (2003).

A morfologia lexical ocupa-se, entre outros temas, do estudo dos processos de formação de palavras. Como o morfema é a unidade teórica básica considerada nesses estudos – ao menos naqueles de linha estruturalista –, a descrição dos processos de formação de palavras não costuma extrapolar o limite da lexia composta.

LÉXICO E SEMÂNTICA

As unidades lexicais complexas, formadas a partir da combinação de outras unidades lexicais, estaria, assim, fora do escopo da morfologia lexical.

Estudos lexicais tradicionais

No que diz respeito a esse domínio de estudo, busquei embaçamento, na obra de Bernard Pottier:

...a lexia é uma unidade lexical da língua que se opõe às reuniões fortuitas no discurso; por exemplo: cavalo, cavalo-vapor, cavalo-marinho, cavalo de frisa são unidades já dadas na língua e não foram criadas pelo locutor no momento da elaboração de seu discurso.¹

O conceito de lexia de Pottier admite, portanto, três variedades:

1 lexias simples: cadeira, para, comia;

2 lexias compostas: saca-rolhas, verde-garrafa, rés-do-chão;

3 lexias complexas: guerra fria, complexo industrial, tomar medidas;

Além desses tipos principais, o autor ainda menciona a existência de lexias textuais, como os hinos, preces, provérbios etc.

Pottier diferencia lexias rígidas, seqüências memorizadas invariáveis, como “meter a mão”, “caso de honra”, “onde vai a corda vai a caçamba”, de lexias variáveis, compostas de “um quadro estável e de uma zona instável”, como “tudo leva a pensar/crer/supor que”.

Na abordagem de Pottier encontram-se princípios fundamentais para o estudo das unidades plurivocabulares, que outros teóricos também levariam em conta: 1) o caráter fixo de algumas combinatórias lexicais – o fato de serem unidades pré-fabricadas, usadas pelos falantes sem a necessidade de combinação palavra a palavra –; 2) o fato de o significado das lexias complexas não corresponder exata-

¹ «...la lexie est une unité lexicale de langue qui s'oppose à ce qu'il appelle une *réunion fortuite de discours*; par exemple: *cheval, cheval-vapeur, cheval marin, cheval de frise* sont des unités données en langues et n'ont pas à être créées par le locuteur au moment de l'élaboration de son discours.» Pottier, Bernard (ed.). *Le Langage*. Paris: Denoel, 1973, s.v. lexie, apud Sanromán (2001, p. 152) [tradução minha].

mente à soma dos significados das suas unidades componentes – o que alguns autores denominam idiomaticidade (Cf. Tagnin, 2005, p. 15-16).

Novos estudos lexicais

Os autores nos quais me baseei foram Sanromán (2001), Tagnin (2005) e Borba (2003).

Do estudo das três abordagens, pode-se depreender alguns pontos gerais de concordância:

1 – o uso de critérios formais e semânticos para delimitar unidades lexicais – procedimentos usados desde Pottier;

2 – a concepção de que as unidades lexicais complexas formam um contínuo, que vai das combinações completamente livres até as de maior fixidez;

3 – a convicção de que é preciso compor um corpus e tratá-lo a partir de ferramentas computacionais automáticas, com o objetivo de alcançar uma abordagem indutiva para o estudo e conseguir observar padrões em grandes quantidades de dados.

Ao lado desses pontos de confluência entre as abordagens, também se percebe que

1) o secionamento do contínuo de unidades lexicais complexas em categorias difere de um autor para outro – tal fato é coerente com a idéia de que a delimitação das variedades de lexias complexas não é completamente regular;

2) a terminologia empregada também varia de autor para autor.

Com base nessas constatações, decidi seguir mais de perto, neste estudo, a categorização de Sanromán para o agrupamento das unidades encontradas.

METODOLOGIA

Para compor meu *corpus* preliminar de estudo, usei três discos de compositores considerados modelares para o samba carioca:

LÉXICO E SEMÂNTICA

- 1 - *Cartola entre amigos*, vários intérpretes;
- 2 - *Ismael Silva*, Jards Macalé e Dalva Torres;
- 3 - *Homenagem a Paulo da Portela*, Velha Guarda da Portela.

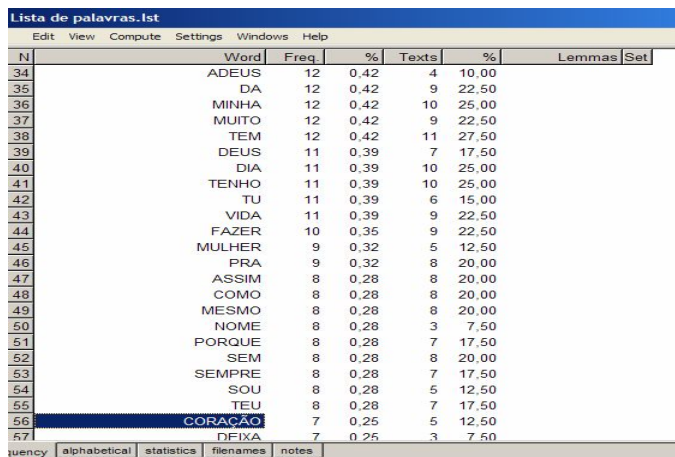
A coleta das composições dos três discos resultou em um corpus de 31 canções. Depois de digitar as letras, usei o software WordSmith Tools (Mike Scott, Oxford), para processamento lexical.

Entre outras funcionalidades, o WordSmith Tools fornece automaticamente listas de palavras, além de contextualizações das mesmas nas letras do corpus.

Devo, ainda, dizer que, para delimitar meu universo de estudo, me detive na análise das palavras lexicais – substantivos, adjetivos, verbos e advérbios com o sufixo *-mente* – e das interjeições encontradas. As palavras gramaticais só foram observadas na medida em que integravam lexias complexas.

A seguir, vejam-se ilustrações de telas do programa, com listas de palavras e contextualizações de palavras lexicais.

Lista de palavras



N	Word	Freq	%	Texts	%	Lemmas	Set
34	ADEUS	12	0,42	4	10,00		
35	DA	12	0,42	9	22,50		
36	MINHA	12	0,42	10	25,00		
37	MUITO	12	0,42	9	22,50		
38	TEM	12	0,42	11	27,50		
39	DEUS	11	0,39	7	17,50		
40	DIA	11	0,39	10	25,00		
41	TENHO	11	0,39	10	25,00		
42	TU	11	0,39	6	15,00		
43	VIDA	11	0,39	9	22,50		
44	FAZER	10	0,35	9	22,50		
45	MULHER	9	0,32	5	12,50		
46	PRA	9	0,32	8	20,00		
47	ASSIM	8	0,28	8	20,00		
48	COMO	8	0,28	8	20,00		
49	MESMO	8	0,28	8	20,00		
50	NOME	8	0,28	3	7,50		
51	PORQUE	8	0,28	7	17,50		
52	SEM	8	0,28	8	20,00		
53	SEMPRE	8	0,28	7	17,50		
54	SOU	8	0,28	5	12,50		
55	TEU	8	0,28	7	17,50		
56	CORAÇÃO	7	0,25	5	12,50		
67	FIXA	7	0,25	3	7,50		

Contextualizações de palavras lexicais

N	Concordance
1.147	seu dia / Por certo que valeria // Duas vezes mais o seu salário / Mas como não quer reconhecer / É ele escravo sem
1.148	muita atenção / Eu quero ver se diplomá-los posso / Salve o fessor, dá nota a eles, senhor / Quatorze com mais
1.149	Tu vais ao samba Pequena, tu vais ao samba / Ver as línguas que
1.150	Teste ao samba Vou começar a aula / Perante a comissão, muita
1.151	O samba do operário Se o operário soubesse / Reconhecer o
1.152	Tu vais ao samba Pequena, tu vais ao samba / Ver as línguas que falam de mim / Sem razão / Tu
1.153	dançando na corda bamba / Ele é aquele que na escola de samba / Toca cuíca, toca surdo e tamborim / Faça por ele
1.154	por mim // Até muamba já fizeram pro rapaz / Porque no samba ninguém faz o que ele faz / Mas hei de vê-lo muito
1.155	ir à festa / Não brincarei / Quero fazer uma oração / Pedir à santa padroeira proteção / Entre os amigos / Encontrarei
1.156	pra comprar / Velas de cera / Quero levar flores / Para a santa padroeira / Só não subirei / A escadaria ajoelhado /
1.157	sempre alcança Orgulho, hipocrisia, vaidade e nada mais / São coisas que em menos de um segundo se desfazem / O
1.158	Juca Malvado Você está vendo / Aquele cabra aleijado / Na sajeita sentado / Implorando a caridade / Pois já foi forte / E
1.159	essa separação / Nunca pensei sem esperar / Ter tanta satisfação (Independência ou morte).
1.160	molhado ou enxuto / Uma dúzia por minuto / Ainda não me satisfaz / Não é demais.
1.161	vem chegando / Já me olham com desdém / Ai, quanta saudade de um passado / Que se vai lá no além // Chora,
1.162	/ Magoou meu coração // Desde o dia em que partiste / A saudade morou em meu peito / Eu já procurei alguém / Mas
1.163	liberdade / O meu amor foi-se embora / Pensando deixar saudades / Eu nunca fui tão feliz / Agora sou eu quem diz...
1.164	vaidade e nada mais / São coisas que em menos de um segundo se desfazem / O mundo é mesmo assim, cheio de
1.165	ouça – Me contrariei / – Por que razão? / – Só eu mesmo sei / – Diga, então! / – Eu que sempre fui leal / A quem só
1.166	um conselho de amigo / Não queiras ter tão triste fim / Eu sei que a vida de quem ama é assim / Manda embora essa
1.167	cheio de ilusão / Há de convencer meu coração // Não sei porque tu és tão orgulhosa / Por isso muito ainda há de
1.168	um novo amor meu bem! / Fui sou tão infeliz – hem sei / Mas ainda tenho fé / Que hei de te ver chorar / Quando

A partir do processamento do corpus, obtive uma lista de 945 lexias monoverbais não lematizadas (ou seja, sem agrupamento das flexões verbais e nominais nas formas primitivas correspondentes);

Estudando essa lista de lexias monoverbais, cheguei a 1.500 ocorrências contextualizadas para delimitação das lexias complexas.

Após a delimitação, cheguei a uma relação de aproximadamente 400 unidades lexicais complexas.

CATEGORIZAÇÃO DAS UNIDADES LEXICAIS COMPLEXAS

Com base em Sanromán (2000, p. 169-183, 253-260), exporei as características principais de quatro tipos dessas lexias:

Frasemas completos

Trata-se de combinações regulares de dois ou mais lexemas. Seu significado não corresponde à soma regular dos significados

LÉXICO E SEMÂNTICA

desses lexemas. Percebe-se que a combinação não é livre – o significado do todo só é expresso pela união desses elementos.

Eis alguns exemplos, colhidos no corpus estudado:

- O meu nome já *caiu no esquecimento* / O meu nome não interessa a mais ninguém [Paulo da Portela, *O meu nome já caiu no esquecimento*]
- Ele está mesmo *dançando na corda bamba* / Ele é aquele que na escola de samba / Toca cuíca, toca surdo e tamborim [Ismael Silva, *Antonico*]
- O subúrbio está é bom, / Venham ver, não é história / Se por ventura estou errado / *Dou a mão à palmatória*. [Paulo da Portela, *Para que havemos de mentir*]
- Juca Malvado para completar o crime / Não consentiu que a cabocla / *Visse mais a luz do dia*. [Cartola, *Juca Malvado*]

Esses são os casos de maior grau de idiomaticidade. A depreciação do significado dessas expressões não se faz por análise dos seus componentes. É mais fácil perceber sua carga semântica se se observa seu cunho metafórico: freqüentemente trata-se de metáforas estereotipadas, que já se tornaram usuais para a comunidade de falantes.

Quase-frasemas

Os quase-frasemas também são formados por combinação regular de dois ou mais lexemas. Nesse caso, os combinados mantêm seus significados individuais. Surge, entretanto, um outro significado específico para a combinação, que não corresponde simplesmente à soma dos significados das unidades.

Seguem alguns exemplos depreendidos no corpus:

- Aceite um *conselho de amigo* / Não queiras ter tão triste fim / Eu sei que a vida de quem ama é assim [Lincoln de Almeida e Paulo da Portela, *Conselho*]
- Ele é aquele que na *escola de samba* / Toca cuíca, toca surdo e tamborim [Ismael Silva, *Antonico*]
- *Festa da Penha* Uma camisa e um terno usado / Alguém me empresta [Cartola, *Festa da Penha*]

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- Orgulho, hipocrisia, vaidade e nada mais / São coisas que em menos de um segundo se desfazem [Paulo da Portela, *Quem espera sempre alcança*]

Percebe-se que *conselho de amigo*, mais do que simplesmente um aconselhamento feito por um amigo, torna-se, especificamente, um novo tipo de conselho, mais valioso do que os triviais.

Da mesma forma, em vários lugares se pode ensinar samba. Entretanto, uma *escola de samba* é uma instituição específica, cuja caracterização vai além do ensino de samba.

O mesmo tipo de especialização se verifica nos outros exemplos apresentados.

Semifrasemas ou colocações

As colocações também são combinações regulares de dois ou mais lexemas. Seu significado inclui a carga semântica regular de um dos elementos, somada à irregular do(s) outro(s) elemento(s). Assim como nas outras unidades plurivocabulares, a combinação entre esses elementos não é completamente livre.

Há quatro subtipos de semifrasemas:

a) Um dos lexemas tem significado esvaziado e funciona principalmente como suporte sintático para o outro lexema. O elemento semanticamente esvaziado costuma ser um verbo:

- Ninguém te *dá valor* / Ninguém de ti *tem dó* / Não queres o amor / De uma pessoa só [Ismael Silva, *Com a vida que pediste a Deus*]
- Quem faz esse apelo / É um pobre trovador / Que se inspira na rosa / Pra *fazer canções de amor* [Paulo da Portela, *Linda borboleta*]
- Compare essa falsa amizade / Com a tempestade, não *perca a esperança* [Lincoln de Almeida e Paulo da Portela, *Conselho*]
- Eu sou tão infeliz – bem sei! / Mas ainda *tenho fé* / Que hei de te ver chorar / Quando souberes amar / Como eu te amei!... [Ismael Silva, *Novo amor*]

Percebe-se, nesses exemplos, que, com o esvaziamento do significado, os verbos-suporte mantêm uma carga semântica mais abstrata: o verbo *dar* traz a noção de transferência; *fazer* traz a idéia

LÉXICO E SEMÂNTICA

de agentividade; *ter* e *perder* trazem noções contrárias – aquele indica um tipo de experimentação (*ter carinho*, *ter vontade de [fazer algo]*, *ter saudades...*), enquanto este indica o fim dessa experimentação. Contudo, o significado principal está nos elementos nominais que se ligam a esses verbos.

b) Um dos lexemas tem significado diferente dos dicionarizados e só apresenta esse significado específico quando em combinação com o outro lexema em questão:

- Viemos de Bento Ribeiro para *batizar* / *Unidos do Morro Azul* em primeiro lugar / Esse é o nosso ideal / Queremos ver brilhar no carnaval. [Paulo da Portela, *Homenagem ao Morro Azul*]
- *Chora, cavaquinho*, chora / *Chora, violão*, também / O Paulo no esquecimento não interessa a mais ninguém [Paulo da Portela, *O meu nome já caiu no esquecimento*]
- Se algum dia tiver de mim compaixão / *Que alegria vai ser no meu coração* [Paulo da Portela e Heitor dos Prazeres, *Cantar para não chorar*]
- Pequena, tu *vais ao samba* / Ver as línguas que falam de mim / Sem razão [Cartola, *Tu vais ao samba*]

Samba, no exemplo, não é o gênero musical, mas sim o evento festivo durante o qual se cantam e dançam sambas; esse significado é selecionado pela combinação do substantivo com o verbo *ir*. O mesmo se dá com o verbo *chorar* em combinação com instrumentos musicais, como *violão* e *cavaquinho*: seu significado, em vez de verter lágrimas, passa a ser o de soar plangentemente.

c) Um dos lexemas mantém o significado dicionarizado, mas, na combinação em questão, é a palavra preferencial para veicular aquele significado

- Assim é o *amor*, / Quando é *fiel* de parte a parte [Paulo da Portela e Monarco, *Este mundo é uma roleta*]
- Porque teu *beijo* / Ou *molhado* ou enxuto / Uma dúzia por minuto / Ainda não me satisfaz [Ismael Silva, *Coisa louca*]
- Não Não, não // Toda a *culpa cabe* a nós dois / Insistimos nesse amor / Sabendo que fomos sofrer / Depois [Cartola e Aluísio Dias, *Não*]
- Cocorocó, o *galo* já *cantou* / Levanta, nego, tá na hora de tu ir pro batedor [Paulo da Portela, *Cocorocó*]

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- *Rolam nos meus olhos / Lágrimas sentidas / Somente em saber / Que te perdi por toda a vida* [Cartola, *Rolam nos meus olhos*]

A existência de combinações preferenciais entre substantivos e adjetivos, verbos e advérbios etc. é uma das grandes dificuldades experimentadas por quem vai aprender uma segunda língua. Nos exemplos acima, por exemplo, a voz do galo, em vez de *cantar*, não deveria ser *gritar*, ou *urrar*. O beijo, por sua vez, pode ser qualificado como *molhado*, mas não é usual dizer que é *encharcado* ou *úmido*; o adjetivo *babado*, apesar de possível, traz uma carga pejorativa não correspondente à de *molhado*.

d) Um dos lexemas mantém o significado dicionarizado, mas sua carga semântica inclui necessariamente o lexema combinado – o colocado só costuma ser usado com referência ao núcleo da colocação:

- É tão triste um adeus, uma despedida / Vê se *apieda-te, Deus* / Cura-me esta ferida [Cartola, *Partiu*]
- *Rolam nos meus olhos / Lágrimas sentidas / Somente em saber / Que te perdi por toda a vida* [Cartola, *Rolam nos meus olhos*]
- Não vivo só de carinho / Fizeste boa promessa / Foi assim nessa conversa / Que me *enganei direitinho* [Ismael Silva, Nilton Bastos e Francisco Alves, *Ironia*]
- Pra que *foste embora* / Por ti tudo chora / Sem teu amor / Esta vida mão tem mais valor [Ismael Silva, Noel Rosa e Francisco Alves, *Adeus*]

O verbo *apiedar-se*, além de ter *Deus* como sujeito, só admite alguns substantivos que impliquem relações muito assimétricas de poder.

Entre outras possibilidades, o verbo *ir* integra o lexema complexo *ir embora*; já o advérbio *embora* ocorre quase exclusivamente nessa combinação – a única outra possibilidade é a de *mandar embora*.

A combinação dos colocados com as bases nesses casos é, portanto, crescentemente restritiva.

Pragmatemas

Diferentemente dos casos expostos anteriormente, no dos pragmatemas tanto a combinação dos lexemas como a formação do

LÉXICO E SEMÂNTICA

significado da lexia podem ou não ser regulares – há combinações cristalizadas cuja articulação sintática pode ser considerada irregular, assim como a formação do significado do todo a partir das partes.

Essas unidades lexicais têm como característica marcante a sua restrição situacional. Seu uso é condicionado pela situação e traz indicações sobre a relação entre os falantes, ou suas intenções comunicativas.

Outro ponto importante é que os pragmatemas em alguns casos podem ser monoverbais.

Esse grupo inclui marcadores conversacionais, fórmulas de rotina, provérbios, citações, slogans etc.

Fórmulas de rotina:

- O teu orgulho / Algum dia há de acabar / *Tudo com o tempo passa / A sorte é Deus quem dá* [Ismael Silva e Francisco Alves, *Me faz carinhos*]
- *Vai-se um amor e vem outro / Nunca vi coisa tão certa* [Ismael Silva e Francisco Alves, *Me faz carinhos*]
- Ele é aquele que na escola de samba / Toca cuíca, toca surdo e tamborim / *Faça por ele como se fosse por mim* [Ismael Silva, *Antonico*]
- Se não gostarem / *Não digam nada a ninguém* / Senão os outros não vão me escutar também [Ismael Silva, *Peçam bis*]
- Aqui no meu sertão / *esses casos nunca vi* / Pois foi o primeiro e talvez o derradeiro / Só em vê-lo, francamente / Eu também me comovi [Cartola, *Juca Malvado*]
- Retratos meus / eu sempre tenho que dar! / Quem lhe contou / Interpretou muito mal... / *Só mesmo Deus / É capaz de escapar / Da língua desse pessoal!*... [Ismael Silva, *Não vá atrás de ninguém*]

Marcadores conversacionais e fórmulas de tratamento:

- Nem notícias eu tenho / Da mulher que tanto venero / *Deus meu*, foi embora / Não sei onde mora / Notícias espero [Cartola, *Partiu*]
- Cantando um hino em louvor / O *mano* Paulo dando viva ao Claudionor [Paulo da Portela, *Cantar de um rouxinol*]
- Levanta, *nego*, tá na hora de tu ir pro batedor [Paulo da Portela, *Cocorocó*]
- ô, *nega*, me deixa dormir, eu hoje estou muito cansado [Paulo da Portela, *Cocorocó*]

Provérbios e citações

- Nesta bandeira afamada / Não falta mais nada / Pede estudo, / *Ordem e Progresso* [Cartola, Carlos Cachça e Arthur Faria, *Brasil, terra adorada*]
- Analisando essa história / Cada vez mais me embaraço / *Quanto mais longe do circo / Mais eu encontro palhaço*. [Ismael Silva, *Contrastes*]

ANÁLISE DE TRÊS LETRAS DE SAMBA

Por fim, apresentarei três letras de samba, uma de cada autor estudado, e analisarei brevemente o uso das lexias complexas nas mesmas.

Nome feio (Ismael Silva)

A vocês vou fazer um pedido / Não é de dinheiro / Não tenham receio / Se o meu nome ficar esquecido / Para não me chamarem / De nenhum nome feio / Nome feio a que me refiro / Não é nada disso que já estão pensando / É Brás, Fedegoso, Pancrácio, Belmiro / Adão, Brederodes, Pafúncio, Rolando

Apesar de eu ter educação / Para participar do melhor ambiente / Quando me fazem dizer palavrão / Digo: inconstitucionalíssimamente / Se eu tivesse me sentido mal / Não estava sorrindo, cantando a esmo / Que pergunta besta desse pessoal / Pois quem é que não vê que eu / Sou feio assim mesmo.

Um recurso importante na letra dessa canção é a desconstrução do quase-frasema *nome feio*. Joga-se com o significado não-composicional, de *palavrão* e com o composicional, de nome considerado esteticamente desagradável.

Assim como o quase-frasema *nome feio*, a colocação *dizer palavrão* também é desconstruída, dessa vez aproveitando-se o aumentativo para quebrar a expectativa das palavras-tabu com o exemplo *inconstitucionalíssimamente*. O pragmatema *não é nada disso que já estão pensando* sinaliza o jogo de ambigüidades que embasa o texto.

A temática da educação, abordada a partir de colocações como *ter educação* e *melhor ambiente*, também é importante. A sele-

LÉXICO E SEMÂNTICA

ção da leitura estética da lexia *nome feio* indica a educação do enunciador que, por polidez, só reconheceria essa leitura da expressão.

Teste ao samba (Paulo da Portela)

Vou **começar a aula** / Perante a comissão, muita atenção / Eu quero ver se diplomá-los posso / Salve o 'fessor, **dá nota** a eles, **senhor** / Quatorze com mais doze **noves fora** tudo é nosso

Cem dividido por mil / **Cada um com quanto fica** / Não pergunte à **caixa surda** / Não **peça cola** à **cuíca** / Lá no morro vamos **vivendo de amor** / Estudando com carinho **o que nos passa o professor**.

A construção dessa letra é embasada na comparação entre a ambiência do samba e a ambiência da escola – já presente, inclusive, no quase-frasema *escola de samba*, que faz parte do domínio discursivo do samba.

Característicos da ambiência do samba são o quase-frasema *caixa surda*, assim como a lexia *cuíca*. No outro pólo da comparação, as unidades características da escola e, mais especificamente, da aula da matemática, são o frasema *noves fora*, o pragmatema *cada um com quanto fica*, assim como as lexias *diplomar* e *professor* (alterada para *'fessor*, uma forma mais próxima da oralidade, além de mais adequada metricamente).

O frasema *viver de amor* adiciona um tom de crítica à composição e dialoga, por exemplo, com a operação matemática *cem dividido por mil* e com o pragmatema *cada um com quanto fica*.

Deus te ouça (Cartola / Paulo da Portela)

– Me contrariei / – **Por que razão?** / – **Só eu mesmo sei** / – Diga, **então!** / – Eu que sempre fui leal / A quem só me fez o mal / Devo ser feliz / – Tu serás! / – O bem que eu fiz / Ninguém faz / – **Confiança em Deus, rapaz** / Das mãos do Mestre o bem terás

– Apesar de ser tão pobre / Tive um **coração** tão nobre / Ai, meu **Deus**, **tenho fé** / Quem tem fé não cansa / E nunca perde a esperança.

Configurada como um diálogo, a letra de *Deus te ouça* é repleta de pragmatemas.

Nela encontram-se marcadores conversacionais, como *por que razão*, fórmula interrogativa; *só eu mesmo sei*, modo de adiar uma resposta e ressaltar o sofrimento do locutor; *então*, usado para instar por uma informação.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Há ainda lexias complexas próprias do discurso religioso, pelas quais um interlocutor busca consolar o outro. É o caso dos pragmatemas *confiança em Deus* e *das mãos do mestre o bem terás*, além de *ai, meu Deus*, que marca um tom lamentoso.

Faz parte, ainda, do discurso religioso a fórmula de rotina *quem tem fé não cansa e nunca perde a esperança*.

Destaque-se, enfim o uso do pragmatema *rapaz*, indicativo de uma relação de camaradagem entre os interlocutores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, pretendi contribuir com uma revisão sobre o estudo das lexias complexas, assim como com uma aplicação desses conhecimentos ao domínio discursivo do samba carioca.

Entendo que a consideração de fatores como o uso freqüente de unidades pré-fabricadas, assim como de combinações preferenciais entre lexemas, aumenta nossa consciência sobre o funcionamento do léxico.

Um outro aspecto importante desse estudo é o do tratamento lexicográfico das unidades plurivocabulares, que precisa de uma abordagem baseada em *corpus*, para que se enfatizem as mais freqüentes e para que sejam tratadas criteriosamente nos dicionários.

Com relação ao samba carioca, parece-me que a observação das lexias complexas é importante para o conhecimento desse universo lexical, uma porção relevante do léxico do português popular brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários*: Uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 2003.

Cartola entre amigos. Vários intérpretes. Acervo Funarte n. 18. Funarte (lançamento original) / Atração Fonográfica (relançamento). Gravado em nov. 1983. Código ATR 32039.

LÉXICO E SEMÂNTICA

MACALÉ, Jards e TORRES, Dalva. *Ismael Silva*, Acervo Funarte n. 25. Funarte (lançamento original) / Atração Fonográfica (relançamento). Gravado em out. 1985. Código: ATR 32054.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 2ª ed. Fortaleza: EdUFC, 1987.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística: II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

SANDMANN, Antônio. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SANROMÁN, Álvaro Iriarte. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Dissertação de Doutorado em Ciências da Linguagem – Lingüística Aplicada. Braga: Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, 2000. Disponível na internet: repositorium.sdum.uminho.pt/dspace/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf. Consultado em 28/10/2007.

TAGNIN, Stella E. O. *O jeito que a gente diz*. São Paulo: Disal, 2005.

VELHA GUARDA DA PORTELA. *Homenagem a Paulo da Portela*. Nikita music/Office Sambinha (Japão). Gravado em jun 1989. Código: 24.06.368-2.

A FRASE DO PONTO DE VISTA SEMÂNTICO

Zinda Vasconcellos (UERJ)

zinda@openlink.com.br

PREÂMBULO

Este artigo desenvolve a comunicação de mesmo título apresentada no XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Em congressos como esse, o público costuma ser variado, indo de pesquisadores-doutores a alunos de graduação. Como o Congresso ocorreu na Universidade onde leciono, escolhi me dirigir especialmente aos alunos de graduação, inclusive porque pretendo usar este artigo como material didático para meus cursos de Sintaxe.

O título dado à comunicação, e ao artigo, sugere que o seu foco principal seria a caracterização das frases do ponto de vista semântico. Ao prepará-la, porém, me dei conta de que a maioria das dificuldades encontradas por alunos de Letras com relação aos conceitos de frase e oração vêm do fato de que diferentes teorias linguísticas e gramaticais caracterizam essas unidades linguísticas a partir de pontos de vista diversos, atribuindo a esses termos conteúdos conceituais diferentes. Os alunos se confundem com isso, tendendo a acreditar que ao mesmo termo necessariamente corresponde o mesmo conceito. Como penso que é muito importante para futuros professores de línguas compreender a real complexidade dos fenômenos que subjaz a essas diferentes perspectivas conceituais, em vez de tratar apenas da caracterização semântica das frases, apresentarei os principais vários conceitos de frase e de oração encontrados em obras de iniciação à Sintaxe frequentemente usadas em Cursos de Letras, mostrando os diferentes critérios que os fundamentam. Ou seja, procurei fazer sobretudo um trabalho de discriminação conceitual.

Dentro do tempo disponível na própria comunicação, pouco mais foi possível fazer além disso do que apresentar um “trailer” dos tipos de aspectos semânticos que as frases da língua, aquelas organizadas em padrão de oração, tipicamente representam. Neste artigo procurei ir ao menos um pouco além.

LÉXICO E SEMÂNTICA

DIFERENTES TENTATIVAS DE APREENSÃO TEÓRICA DA NOÇÃO INTUITIVA DE FRASE

O problema começa pelo fato de que, antes de serem apresentados a qualquer conceito de frase originado em uma teoria lingüística, os alunos já têm uma noção intuitiva de frase, seja vinda dos tempos de escola, seja formada no contato com a língua escrita, seja pelo fato da palavra *frase*, antes de ser usada como designativo de um conceito teórico, é uma palavra normal da língua, com toda o grau de multisssemia que as palavras normalmente contêm. Além disso, na literatura gramatical “escolar”, até mesmo às vezes na usada nos cursos superiores de Letras, os termos *frase*, *sentença*, e *período*, ou *proposição* e *oração*, nem sempre são bem diferenciados.

No ensino escolar de gramática normalmente são diferenciados os conceitos de oração e de período, definindo-se a oração como uma frase simples, composta por um sujeito e um predicado, e o período como uma frase complexa, formada de duas ou mais orações. O termo *sentença* não costuma ser usado, mas às vezes é dado como sinônimo de *período*. O termo *proposição* não é usado praticamente nunca, às vezes nem mesmo na Universidade, e, quando é usado, muitas vezes é como sinônimo de *oração*, quando, na tradição teórica em que esse termo se originou, ele correspondia a uma unidade caracterizada principalmente do ponto de vista semântico, e não do ponto de vista sintático. Já o termo *frase* é usado um pouco mais, mas sem que seja explicitamente definido nem diferenciado dos termos *período* ou *oração*, usados muito mais freqüentemente. O termo é usado sobretudo quando as gramáticas falam de frases afirmativas, interrogativas ou exclamativas, ou quando reconhecem que, além dos períodos, existem também outros tipos de expressões lingüísticas, as chamadas frases de situação ou de contexto, que também podem ser consideradas frases, pelo fato de apresentarem, nas situações em que são emitidas, uma relativa suficiência comunicativa.

Disso se deduz o critério implícito usado nas gramáticas para a caracterização de uma expressão lingüística enquanto uma frase: o fato de tal expressão ser suficiente para expressar um dado propósito do falante, ou seja, de equivaler mais ou menos ao que a Lingüística atual chama de *ato de fala*.

Fundamentalmente essa mesma concepção de frase é expli-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tamente formulada por Mattoso Câmara no início² do cap. XI dos *Princípios de Linguística Geral*³. Partindo da oposição saussureana entre língua e discurso⁴, ele ali define a frase como unidade elementar do discurso. Diz que ela “...*resulta da atualização dos elementos da língua, por parte de um determinado indivíduo, num determinado momento de sua vida social.*” [Mattoso Câmara, 1969, p. 162]. Ou seja, as frases seriam as “partes elementares” em que se divide o texto de um discurso concreto, resultante de uma enunciação dada. Mattoso acrescenta ainda que, na língua oral, além de ser discursivamente caracterizada pelo propósito comunicativo que expressa, a frase também seria caracterizada do ponto de vista fônico, pela entonação que a acompanha, que permite delimitá-la dentro do discurso de que faz parte: a entonação seria a principal “marca lingüística” da frase enquanto unidade.

Essa mesma visão também subjaz à definição encontrada no livro *Morfossintaxe* de Flávia Carone, que caracteriza a frase como “...*unidade de comunicação – quaisquer que sejam suas dimensões e sua estrutura, desde que essa unidade ‘escale a pauta em modulação adequada’*”⁵ [Carone, F., 1986, p. 47].

É interessante na formulação de Carone essa observação de que uma expressão lingüística de qualquer dimensão e estrutura pode

²No início porque, como veremos na continuação deste artigo, do meio para o fim do mesmo capítulo o autor apresenta uma concepção de frase intermediária entre essa concepção inicial e outra diferente, de que tratarei adiante.

³Estou aqui deliberadamente fugindo da tradição acadêmica de não citar os títulos de livros integralmente no corpo dos artigos. Isso se explica por causa da importância, para os objetivos deste artigo, da identificação das obras mencionadas pelo leitor privilegiado a que me dirijo, que infelizmente tem pouco hábito de consultar as referências na bibliografia; porém, para não reforçar esse “mau hábito” e exercer uma influência didática na sua correção, usarei a convenção tradicional para a localização de citações específicas.

⁴É preciso esclarecer aqui que o uso desse termo em Mattoso Câmara não corresponde exatamente ao conceito assim denominado atualmente nas várias correntes teóricas intituladas de Análise do Discurso. Nos textos do autor, *discurso* é a palavra usada para traduzir o termo saussureano *parole*, porque Mattoso argumenta que o termo *fala*, normalmente usado em Português para esse fim, não serviria para os usos escritos da linguagem.

⁵Isso é, seja acompanhada pela melodia correspondente à sua entonação e ao ritmo de sua elocução.

LÉXICO E SEMÂNTICA

corresponder a uma frase. No mesmo capítulo dos *Princípios...* acima referido, Mattoso Câmara também desenvolve essa idéia por algum tempo, chegando a repetir, expressando acordo, a afirmação do lingüista polonês Karcevski de que a frase seria uma unidade de comunicação atualizada, sem estrutura gramatical própria. Uma afirmação surpreendente vinda de um teórico estruturalista! (E da qual, como veremos, o autor recua depois no mesmo texto).

Estratégica para compreender o que subjaz a esse tipo de concepção de frase é a palavra atualização, que Mattoso usa quando diz que a frase é uma atualização, numa situação concreta, de dados e elementos da língua.

O sentido dessa palavra nesse tipo de uso vem da filosofia de Aristóteles. Ao considerar a existência ou não de alguma coisa, Aristóteles distinguia a existência dessa coisa em potência – o fato da existência dela ser virtualmente possível – da sua existência dela em ato, ou seja, do fato dela estar realmente existindo naquele momento. Pelo uso da palavra atualização, podemos deduzir que Mattoso pensa que uma mesma expressão lingüística – digamos “*A Terra é redonda*” – seria uma frase dita às 5hs da tarde por Pedro, e uma frase diferente dita por outra pessoa, ou pelo próprio Pedro num outro momento. A cada enunciação, a mesma expressão lingüística – as mesmas palavras, combinadas da mesma maneira – seria uma frase diferente.

FRASE *VERSUS* SENTENÇA, OU PERÍODO

Mas alguém poderia argumentar que, segundo essas mesmas noções de potência e ato de Aristóteles, para que alguma coisa possa ser atualizada, ela precisaria antes existir potencialmente... Poderíamos pensar assim que, no exemplo acima, a expressão “*A Terra é redonda*” seria sim uma frase potencial do Português, e que todas as suas atualizações em enunciações diferentes correspondem a usos diferentes da mesma frase. É essa a concepção de *frase da língua* que vigorava nos escritos iniciais dos gerativistas, que distinguiram a frase da língua da frase no desempenho, que equivaleria ao aspecto dos fenômenos focalizado pela visão de frase de Mattoso até aqui exposta. Para diminuir a ambigüidade devida à tantas definições diferentes

de frase, em vez de chamar esse tipo de unidade de frase da língua, prefiro chamá-la de sentença.

Trata-se de uma unidade semelhante à que a Gramática Tradicional chama de período, só que a Gramática Tradicional costuma definir os seus conceitos usando vários tipos de critérios simultaneamente – no caso, critérios sintáticos, semânticos e discursivos –, ao passo que o que chamo de sentença seria uma unidade definida principalmente do ponto de vista morfossintático: uma expressão lingüística dada formada de palavras determinadas, combinadas segundo um padrão sintático próprio, que, antecipemos, é o da oração.

A ORAÇÃO ENQUANTO PADRÃO DA LÍNGUA PARA A FORMAÇÃO DE FRASES

Comentei antes que Mattoso recuou depois de concordar com a afirmação de Karcevski de que a frase seria uma unidade sem estrutura gramatical própria. Com efeito, pouco depois, na continuação do mesmo texto, ele lembra que a língua é o sistema que organiza os discursos, e que ela tem padrões para a formação de frases, os quais seriam obedecidos pelas frases que ele chama de integralmente lingüísticas, que segundo ele corresponderiam ao que habitualmente se chama de *oração* ou *proposição*.

Já critiquei a falsa sinonímia dos termos *oração* e *proposição*, e não vou voltar a isso agora. O que quero mostrar aqui é outra ambigüidade no uso que se faz comumente do termo *oração*. Se, no texto a que me venho referindo, Mattoso diz que a frase da língua corresponde à unidade normalmente chamada de *oração*, no verbete *Frase* do seu *Dicionário de Filologia e Gramática* [Mattoso Câmara, J., 1964, p. 154/5], ele diz apenas que a frase integralmente lingüística se estrutura em *padrão de oração*. A mesma oscilação se encontra nas gramáticas escolares. Às vezes se chama de orações às expressões que resultam da combinação de dadas palavras segundo um dado padrão sintático; em outras vezes se dá esse nome ao próprio padrão. Ora, um padrão sintático é algo mais abstrato do que a expressões lingüísticas que por ele se organizam, é uma estrutura sintática caracterizável do ponto de vista formal (por ex., no caso específico do padrão de oração, como um sujeito combinado a um predicado,

LÉXICO E SEMÂNTICA

ou como um sintagma nominal combinado a um sintagma verbal, ou como um sintagma flexional – as várias teorias gramaticais caracterizam a oração de modo diferente entre si). Seria melhor reservar o nome de *oração* para o padrão, e chamar de *cláusulas* as expressões lingüísticas organizadas de acordo com ele, quer correspondam a sentenças completas, quer apenas a partes de sentenças complexas.

FINALMENTE O PONTO DE VISTA SEMÂNTICO

Outro recuo que Mattoso efetua no capítulo citado dos *Princípios...* é em relação a uma crítica que ele faz a respeito da teoria gramatical antiga que via na frase uma “reunião de vocábulos com sentido completo”. Realmente, depois de expor longamente que há frases sem sentido completo, ou formadas apenas por um único vocábulo, ou até por um mero muxoxo, Mattoso diz que, nas frases da língua, os elementos lingüísticos, funcionando *de per si*, são suficientes para a comunicação clara e bem definida; é nessa hora que ele estabelece a correspondência entre os conceitos de frase da língua, oração e proposição. Também no verbete *Frase* ele contrapõe à frase do uso cotidiano, que seria complementada pela mímica do falante e pelos dados da situação em que é enunciada, a frase integralmente lingüística, em padrão de oração, que conteria lingüisticamente em si todos os dados para a comunicação do seu assunto.

Portanto parece que a oração, enquanto padrão para a formação de frases, garantiria às frases por ela organizadas algum tipo de “suficiência semântica”, diferente da suficiência puramente discursiva⁶ que pode existir nas frases de situação e de contexto. Que tipo de suficiência seria essa? Por que uma frase organizada em padrão de oração a teria? Antecipemos: é do ponto de vista da função representativa da linguagem que se pode caracterizar a relativa suficiência das frases organizadas em padrão de oração.

A linguagem tem o poder de representar as situações que acontecem no mundo e nos permite falar sobre elas. Mas, ao contrário do que se pode ingenuamente pensar, o mundo não já vem dividido em categorias de coisas a que as línguas se limitem a dar nomes. As

⁶Caracterizada apenas, como vimos, por ser suficiente para expressar um propósito do falante.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

línguas não refletem mecanicamente a realidade, elas contêm em si uma espécie de “ontologia”, um modo de interpretar e categorizar à sua maneira os fenômenos da realidade, atribuindo a esses “recortes interpretativos” que fazem um atestado de reconhecimento de existência através do “batismo” que lhes dão⁷. São elas que distinguem no mundo dados tipos de “seres” ou entidades – coisas, pessoas, animais, e lugares, como livros, meninos, gatos e praias – e também dados tipos de estados de coisas, isso é, de situações, seja acontecimentos ou estados, quer estados propriamente ditos [cansado, triste], quer eventos [cair, morrer], processos [crescer, amadurecer], ações [andar, comer, escrever], propriedades [bonito, quadrado, caro] ou relações [perto, dentro, maior].

Mas essa ontologia que existe “embutida” nas línguas não se limita ao léxico. A linguagem tem também uma concepção relativa ao modo como as situações do mundo se constituem e se estruturam. Essa concepção prevê, em primeiro lugar, que qualquer situação do mundo seria uma instância de ocorrência de um ou mais dentre os vários tipos de estados de coisas reconhecidos pela língua⁸. Em segundo lugar, que cada um desses estados de coisas pressuponha a existência de entidades que exerçam certas funções necessárias para a ocorrência do estado de coisas em pauta, funções estas que variam em número e tipo conforme o estado de coisas de que se trate⁹. Em

⁷Esse papel “constituídor de realidade” das línguas não se aplica apenas nos casos óbvios em que as línguas têm nomes, e conceitos, correspondentes a seres imaginários, como fadas ou unicórnios. Até mesmo os tipos de objetos comuns da vida cotidiana tais como categorizados pela língua já decorrem de uma atividade interpretativa que aproxima coisas concretamente diferentes como pertencentes a uma mesma categoria (pensem nos diferentes tamanhos, formatos, materiais e cores dos objetos que chamamos de *cadeiras*). E isso se torna tão mais verdadeiro quão mais abstratos são os conceitos; não poderíamos sequer delimitar no tempo e no espaço um conceito como o de governo, por ex.

⁸As situações elementares seriam instâncias de um desses estados de coisas, e as situações complexas de vários, combinados de alguma forma entre si.

⁹O estado de coisas de *comer*, por ex., teria duas funções constitutivas, a função de *agente*, reservada para uma ou mais entidades que comam, e a função de *objeto afetado*, destinada a algo que seja comido; o estado de coisas de *ver* também implica em duas funções, porém diferentes das exigidas por *comer*: a função de *experienciador*, relativa a alguém que veja, e a de *estímulo*, referente a algo que provoque a visão; já o estado de coisas de *crescer* teria apenas uma função constitutiva, a exercida pelo ser que cresce.

LÉXICO E SEMÂNTICA

terceiro lugar que, além de serem caracterizadas pelos estados de coisas de que seriam instância e formadas pelas entidades constitutivas desses estados de coisas, as situações da realidade também poderiam ser definidas pelo fato de ocorrerem em dadas circunstâncias, de tempo, modo, lugar etc.

A essa “visão prototípica” sobre as situações do mundo também corresponde uma concepção das sentenças da língua enquanto manifestações de uma dada estrutura, ou padrão, resultante da combinação de termos com dados tipos de funções. Só que tal padrão não é mais uma descrição da organização subjacente às expressões lingüísticas em si mesmas, e sim da constituição das situações que elas representam, ou seja, do seu significado. E os termos lingüísticos formadores desse padrão não são mais caracterizados, como ocorre com as partes da oração, com base em critérios morfossintáticos (como sua “classe de palavras”, ou sua “função sintática), mas sim de acordo com um critério semântico-conceitual, dependente do tipo de componente da situação que esse termo denote. Chama-se assim de *predicado* ao termo que conceitua o estado de coisas nuclear de uma situação; de *argumentos* aos termos que identificam as entidades específicas que preenchem as funções exigidas por aquele estado de coisas¹⁰; e de *circunstante*, ou *satélite*, aos termos que se referem às circunstâncias da situação. É ao padrão formado por um predicado e seus argumentos, e opcionalmente também por seus satélites, que se costuma dar o nome de *proposição*.

A relativa suficiência semântica das frases organizadas em padrão de oração decorre da correspondência aproximada que há entre o padrão sintático da oração e a estrutura semântica da proposição. Grosso modo, a uma sentença simples corresponde pelo menos uma proposição, e a uma sentença complexa uma combinação de proposições.

¹⁰A função de argumento na verdade é uma “macrofunção”: dizer que um termo lingüístico é um argumento indica que ele denota a entidade específica (ou o conjunto de entidades, caso o termo seja coletivo ou esteja no plural) que corresponde a uma das funções necessárias do estado de coisas denotado pelo predicado de que aquele termo é argumento. Mas não identifica de qual função se trata. Assim os termos correspondentes aos argumentos de um predicado costumam ainda ser caracterizados por funções semânticas mais específicas, como as de *agente*, *objeto afetado* ou *paciente*, *beneficiário*, *destinatário* etc.

BIBLIOGRAFIA

Carone, F. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1986.

Mattoso Câmara, J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.

———. *Princípios de Lingüística Geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

LÉXICO E SEMÂNTICA

A RELEVÂNCIA DA SEMÂNTICA NOS ESTUDOS DA ANÁLISE SINTÁTICA DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS: DESVIOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS

Giovana Fernandes Dantas (UERJ)

Marco Aurélio Lourenço (UERJ)

Patrícia Santos de França (UERJ)

INTRODUÇÃO

Observamos que mais importante do que dividir e classificar orações é captar os nexos que as integram umas às outras, tanto por procedimentos diversificados entre relações, como por traços de caracterização e processos circunstanciais expressos em algumas orações. Assim, este trabalho pretende mostrar as relações implícitas entre os pressupostos semânticos e sintáticos existentes nas construções chamadas adverbiais, explorando suas semelhanças e diferenças, demonstrando, dessa forma, que essas relações estão engendradas em alguns sintagmas oracionais.

Por esses motivos resolvemos esclarecer que é de suma importância não desvencilhar alguns critérios semânticos que irão corresponder (e muito) para uma boa análise sintática, pois há vários conectivos que fazem parte de diversos tipos de orações, atribuindo, porém, sentidos diferentes, que realçam, cada vez mais, os desvios sintático-semânticos.

O PAPEL DAS CONJUNÇÕES:

Normalmente o que se diz das conjunções, é que elas ligam orações, sendo assim, essa noção deve ser problematizada e melhor qualificada. (Guimarães, 1987, p. 35)

A classificação tradicional das conjunções “subordinativas” compreende, primeiramente, a oposição entre “conjunções adverbiais” e conjunções integrantes; e, logo após, a subclassificação das conjunções adverbiais em causais, comparativas, temporais etc. E é a esta subclassificação que vamos nos ater nesse presente trabalho.

Com o embasamento de alguns autores, comprovaremos que realmente ocorre essa diferença, pois a oposição (adverbiais X integrantes) possui base sintática: as conjunções adverbiais são aquelas que, seguidas de uma oração, formam um sintagma adverbial - ou seja, um sintagma que pode desempenhar funções. Já as subclassificações dessas conjunções adverbiais possuem base exclusivamente semântica.

A COESÃO COMO RELAÇÃO SEMÂNTICA:

A coesão fica na fronteira da sintaxe com a semântica. O que há de sintático na coesão é o emprego das conjunções usadas para ligar orações, termos da oração e às vezes até “elementos de maior porte”, como períodos, parágrafos etc. (Oliveira, 2001, p. 32)

Assim, a conjunção, vista também como conexão, permite estabelecer relações significativas específicas entre os elementos ou orações.

E o que existe de semântico na coesão é o fato de que as conjunções, ao ligarem orações, termos, parágrafos etc., estabelecem entre eles uma relação semântica, que pode ser de causa e efeito, de premissa e conclusão, meio e fim etc. (*Ibid.*, p. 24)

Orações dependentes e independentes (plano lógico x plano gramatical):

Segundo Guimarães (1987) as orações são dependentes ou são “não dependentes”. Pois, do ponto de vista enunciativo, não se pode pensar numa independência absoluta entre as orações. Em sua opinião essa independência será sempre relativa. Ou seja, o que se terá, ou não, é a dependência entre as orações.

Duas orações (ou dois elementos lingüísticos) serão dependentes se ambas constituírem uma outra oração. Desta maneira, se duas orações não constituírem juntas uma outra oração, diremos que elas são “não dependentes”.

Exemplos:

a) *Carlos disse que todos viajaram ontem*

LÉXICO E SEMÂNTICA

b) *João comprou o carro, logo vendeu a casa.*

Se podemos dizer que na primeira frase temos uma oração dependente da outra. Por que não poderíamos dizer que na segunda frase temos orações que não são absolutamente independentes?

Admitimos que “*João comprou o carro*” tem a ver com a *conclusão* que daí se tira: João *só* comprou o carro, *porque* vendeu a casa (talvez... se ele não comprasse o carro, nunca iria vender a casa). Por isso, e, sem dúvida, devemos considerar que “logo vendeu a casa” tem a ver com a primeira parte da frase.

Devemos analisar a coordenação não levando em conta o termo *oração independente* (dito pelas gramáticas tradicionais), e sim considerarmos como um processo de interdependência semântica. Podemos estabelecer que nas orações coordenadas, há uma dependência semântica que se estabelece entre elas como um elo de subordinação.

Nas subordinadas, há um processo de “encaixamento de orações”, ou seja, uma oração está encaixada na outra, ocorrendo uma dependência, tanto do ponto de vista da sintaxe como da semântica. A relação entre as orações é mais íntima, uma vez que entre elas há uma dependência sintático-semântica.

Numa visão mais simplificada, diríamos que: na coordenação, juntamos orações independentes do ponto de vista sintático, porém essas orações se relacionam pelo sentido.

È o que Garcia (2003) chama de “falsa coordenação”. Há, portanto, a coordenação gramatical e a subordinação psicológica.

DIFERENTES ANÁLISES DAS ORAÇÕES (COMPARAÇÕES ENTRE OS GRAMÁTICOS):

Alguns autores vêm de forma bastante diferente a classificação das orações, pois cada um possui seus critérios, porém muitos já reconhecem alguns tipos que não são levadas em conta pela NGB.

Quadro das adverbiais:

Cunha e Henriques	Bechara	Kury	Lima
1) Causal	1) Causal	1) Causal	1) Causal
2) Concessivas	2) Concessivas	2) Concessivas	2) Concessivas
3) Condicional	3) Condicional	3) Condicional	3) Condicional
4) Final	4) Final	4) Final	4) Final
5) Temporal	5) Temporal	5) Temporal	5) Temporal
6) Consecutivas	6) Consecutivas	6) Consecutivas	6) Consecutivas
7) Comparativa	7) Comparativa	7) Comparativa	7) Comparativa
8) Conformativas	8) Conformativas	8) Conformativas	8) Conformativas
9) Proporcionais	9) Proporcionais	9) Proporcionais	9) Proporcionais
10) ?	10) Modais	10) Modais	10) Modais
11) ?	11) Locativas	11) Locativas	11) ?
12) ?	12) Agente da passiva	12) ?	12) ?

Dada a dificuldade de classificação de algumas orações, observamos nos estudos feitos pelo professor José Carlos Azeredo uma grande problemática na classificação semântica das orações adverbiais. Ele reorganiza tais orações desenvolvidas já existentes em grupos nos quais acrescenta mais dois valores (locativos e contrastivos “modais”), levando em conta suas afinidades de sentido.

- a) *Causalidade* (causais, condicionais, finais e consecutivas);
- b) *Situação* (temporais, locativas e proporcionais);
- c) *Comparação* (conformativas e comparativas);
- d) *Contraste* (contrastivas “modais” e concessivas).

Critério de Afinidade Semântica:

O professor Helênio Fonseca de Oliveira, assim como Azeredo e Charaudeau (1992) também expõe as conjunções subordinativas, a fim de agrupá-las pelo *critério de afinidade semântica*.

- a) *Grupo da causalidade* – Explicativas, causais e condicionais;
- b) *Grupo da consequência* – Consecutivas, finais e conclusivas;
- c) *Grupo da oposição* – Adversativas, concessivas e opositivas (não mencionadas pela NGB e vistas por Azeredo como contrastivas);

LÉXICO E SEMÂNTICA

d) *Grupo das modais, conformativas e comparativas* (estas últimas ligadas à noção de modo);

e) *Grupo da localização no tempo e no espaço* – Locativas e temporais. Além das temporais concomitantes (proporcionais);

DESVIOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS

A partir da análise desses autores (porém baseando-se no critério de José Carlos Azeredo) comprovaremos uns dos mais constantes desvios sintático-semânticos:

* Veremos o quanto às *conjunções subordinativas e locuções conjuntivas subordinativas* variam seu valor nas orações de acordo com o sentido que lhes é atribuído.

Causalidade x situação: **(condicional/temporal)**

Exemplo:

(*Caso/Se*) *as crianças voltassem da escola, encontrariam seus brinquedos espalhados.*

Se e caso: a conjunção *se* a conjunção *se* introduz geralmente um fato (real ou hipotético) ou uma premissa, a que se associa uma consequência ou uma inferência. Pode-se, assim, distinguir duas espécies de construções hipotéticas com *se*: aquelas que expressam a típica relação causa hipotética-efeito e apresentam correlação obrigatória entre o tempo da oração subordinada e o da principal (neste grupo, *se* é substituído por *caso*). (Azeredo, 2004, p. 226).

Atualmente, a junção das preposições *des* + *de* = *Desde* (que transmite as idéias de origem e proveniência, no tempo e no espaço) agrupada com *que*, integra a locução *desde que*, com valor temporal (quando construída com indicativo) e condicional (quando com subjuntivo). No primeiro caso, a preposição transmite ao todo o seu valor semântico. No segundo, há um esvaziamento do sentido original. Pode-se dizer que, quando condicional, a combinação *desde que* atingiu um maior grau de gramaticalização.

Exemplos:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Desde que me conheço “por gente”, moro naquela rua.

(Valor temporal no indicativo).

Desde que seja com você vou a qualquer lugar.

(Valor condicional no subjuntivo).

**Causalidade x causalidade:
(Causais e explicativas; causais e conclusivos)**

Diante da fronteira bastante tênue entre *Subordinadas Adverbiais* e *Coordenadas*, convém explicar sua relação semântica mediante os critérios já citados.

Exemplos:

Não podemos atendê-lo, porque não é correto o que requereu. (Causal)

Requereu o que não é correto; portanto não podemos atendê-lo. (Conclusiva)

(logo, por isso, então, por conseguinte)

A oração “porque não é correto o que requereu” apresenta valor *causal*. Ou seja, é uma oração subordinada adverbial causal. Ao invertermos as orações, a idéia só não é alterada com o uso de uma *conjunção conclusiva*. Formando uma oração coordenada sindética conclusiva.

Exemplos:

Faltou luz, porque estava tudo escuro. (Coordenada sindética explicativa)

Fui à praia, porque fez sol. (Subordinada Adverbial Causal)

Claudio Cezar Henriques (2003) diz que não devemos confundir as coordenadas sindéticas explicativas com as subordinadas adverbiais causais, já que elas podem ser empregadas com as mesmas conjunções: *pois* e *porque*. Ele também ressalta que a distinção desses dois tipos de orações se faz de forma mais clara pelo aspecto semântico (a explicativa é sempre consequência da oração em que

LÉXICO E SEMÂNTICA

não está o conectivo). Enquanto a subordinada causal fará com que a sua principal exponha uma relação de consequência com ela.

Comparativas x causalidades: (comparativas, condicionais)

Na literatura especializada, observamos três propostas de análises diferentes para as orações comparativas introduzidas por *como se*. Bechara classifica essas orações como *comparativas hipotéticas*; Macedo, como *comparativas condicionais*, e Kury não as classifica de forma diferenciada, pois compreende ser a hipótese apenas uma conotação diferente. Sobre esse impasse, convém que mencionemos o ponto de vista de Bechara em *Lições de português pela análise sintática* (1978) que é o mesmo arrolado por Manoel Pinto Ribeiro (1995), em sua *Gramática aplicada da Língua Portuguesa*:

“*Como se*” – há duas análises:

a) Considerando-se o conjunto, ocorrerá uma subordinada adverbial comparativa (hipotética):

O homem desapareceu/ como se fosse um mágico.

b) Levando-se em conta um verbo oculto, haverá uma oração comparativa e outra condicional:

*“O homem desapareceu/ como (desapareceria)
/ se fosse um mágico.”* (p. 220).

Comparação x comparação: (Conformativas e Comparativas)

Segundo Kury, as orações conformativas exprimem acordo ou conformidade de um fato com outro e são introduzidas pelas conjunções *como*, *conforme*, *consoante* e *segundo*.

Conforme se vê, essas orações possuem uma linha tênue em relação às comparativas, sendo nem sempre é possível estabelecer os limites entre ambas, no que diz respeito ao uso da conjunção *como*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Visando esclarecer as constantes dúvidas dos alunos no momento de classificarem essas orações, sugerimos que seja feita a análise sintático-semântica, conforme os exemplos abaixo:

- a) *Pedro é forte como um touro [é].*
- b) *Pedro é forte assim como um touro.*
- c) *Como disse Caetano, gente é para brilhar.*
- d) *Conforme disse Caetano, gente é para brilhar.*

*Se o *como* puder ser substituído por *conforme* a oração será *conformativa*. Só teremos uma oração *comparativa* quando o *como* tiver o sentido de *assim como* e *qual* (Kury, 2001, p. 87). Sendo assim, não podemos esquecer que o verbo da oração comparativa geralmente é o mesmo da oração principal, o que não ocorre nas *conformativas*.

Situação x situação: (Temporais e Proporcionais)

As orações subordinadas adverbiais proporcionais, segundo Kury, expressam:

* passagem gradual ou proporcional no tempo, ou concomitância (motivo por que poderiam figurar entre as subordinadas temporais);

Exemplos:

As pessoas tornam-se melhores à medida que são capazes de amar.

As pessoas tornam-se melhores quando são capazes de amar.

Enquanto os alunos faziam os exercícios, o professor corrigia as provas da outra turma.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Situação x relação: (Locativa e Pronome Relativo)

Evanildo Bechara considera *Locativas* as orações iniciadas por *onde*, quem, *quanto* sem referência a antecedentes. Verificamos que esse tipo de oração equivale a um adjunto adverbial de lugar, que introduz a oração subordinada adverbial locativa. Visto que isso não ocorre com a oração subordinada adjetiva, pois esta sempre retoma um termo anterior através de um pronome relativo.

a) *Não pode haver reflexão onde tudo é distração.* (Locativa)

b) *Voltei à escola onde [em que, na qual] vivi os melhores momentos da minha infância.*

Um breve comentário:

O estudo tradicional das orações coordenadas e subordinadas, ainda apegado à nomenclatura gramatical, nem sempre dá o devido destaque às relações semânticas mais sutis. A ânsia de enquadrar as tantas possibilidades de expressão em um sistema fechado leva alguns professores a deixar de lado boa parte das realizações da língua — justamente aquelas mais difíceis de classificar. (Camargo, Thaís Nicoleti de *Folha de S. Paulo*, 14/11/2002).

Muitas vezes, um aspecto gramatical não se explica com clareza suficiente por meio de apenas um critério. Por isso é preciso, chamar a atenção do aluno pra a necessidade de se recorrer a vários critérios no tratamento dos fatos gramaticais; é impossível a adoção de um único critério, uma vez que esses fatos se situam não apenas no âmbito das noções, mais ainda no das formas e no das articulações. (Guimarães, 1999, p. 131).

CONCLUSÃO

A análise sintática tão necessária ao exercício mental dos educandos, muitas vezes considerada até como eixo do raciocínio lógico, continua sendo apresentada por nossos professores de ensino médio como um dos assuntos primordiais para o entendimento da língua portuguesa.

Já análise semântica é responsável pelo sentido. Convém, não pensarmos que o significado de uma (mensagem, frase, oração...) se dê apenas pelo uso das palavras e na sintaxe. Tudo dependerá do sentido que uma determinada palavra – em nosso caso, das conjun-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ções – irá estabelecer. Por isso que seu uso indevido pode causar certas incompreensões e análises incorretas, pois sua escolha deve ocorrer não apenas pelas relações sintáticas que elas exercerão, mas também por suas relações de sentido.

Como resultado desses estudos conseguimos relacionar várias opiniões e verificar que ainda não temos uma mesma análise sobre os tão questionados desvios sintático-semânticos. Talvez, pelo simples fato de separarmos alguns critérios semânticos, da análise sintática.

Para muitos é mais fácil analisar sintaticamente e semanticamente (ou seja, de forma separada), porém esse trabalho nos mostra que convém não desvencilhá-las, pois a semântica por ser uma ciência relativamente nova, firmada através de critérios lingüísticos pode ainda nos acarretar, cada vez mais, análises diferentes e que contribuirão, certamente, para um futuro bem mais rico dentro dos ensinamentos de gramáticos e lingüísticos.

Assim como insistem em separar critérios gramaticais de lingüísticos, também se faz presente essa constante separação entre semântica e sintaxe. Porém, por que não podemos dizer que dentro da análise sintática se faz presente a análise semântica?

Devemos ter um grande apanhado de informações e opiniões. Somente dessa maneira, poderemos obter embasamento para esclarecer nossas freqüentes dúvidas enquanto ainda ocorrer esse desacerto entre as gramáticas, que tanto dificulta o trabalho dos alunos como também dos professores, que muitas vezes tentam, mas não conseguem esclarecer esses impasses de nossa língua.

BIBLIOGRAFIA

ALI, M. Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

———. *Iniciação à sintaxe do português*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

LÉXICO E SEMÂNTICA

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

———. *Lições de português pela análise sintática*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1978.

BONFIM, Eneida. Advérbios, preposições ou conjunções? Fronteiras entre classes de palavras. **In:** VALENTE, André (org.). *Aulas de português*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação – confrontos e contrastes*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo* / Celso Cunha, Luis F. Lindley Cintra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati & MULLER, Ana Lúcia. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 23ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GECKELER, H. *Semântica estrutural y teoria del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1976.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

GUIMARÃES, Elisa. Sintaxe e coesão no texto. **In:** VALENTE, André (org.). *Aulas de português*. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALLIDAY, M. A. e HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe portuguesa: para a linguagem culta contemporânea*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 20ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

KOCH, Ingedore Villaça & VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, Março, 2001.

MACEDO, Walmírio. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Série Debates 1, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MELO, Gladstone Chaves. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A, 1978.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. *Descrição do português à luz da linguística do texto*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 1995.

ULLMANN, S. *A semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

LÉXICO E SEMÂNTICA

AS CONVENÇÕES LINGÜÍSTICAS: AXIOLOGIAS DO LÉXICO

Maria Aparecida Barbosa (USP)
mabarbosa@uol.com.br

Tribo da Amazônia que não conhece os números desafia as teorias sobre a formação dos idiomas. (Veja, 18/04/2007, p. 90).

A priori, talvez se poderia supor que o sentido que se organiza pertence àquilo que é comum a todas as línguas e, portanto, às suas semelhanças; mas isto é ilusão, pois ele assume sua forma específica em cada língua; não existe formação universal mas apenas um princípio universal de formação. (Hjelmslev, 1975, p. 78).

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, examinamos aspectos da complexa organização de convenções lingüísticas e suas não menos complexas axiologias subjacentes. Partimos do princípio de que os grupos humanos reelaboram, segundo suas diferentes visões de mundo, os biofatos, os sociofatos, os psicofatos, os manufatos, gerando, assim, tantos universos antro-po-culturais quantas forem as etnias consideradas. Este processo de redução/ampliação seletiva de traços caracterizadores dos `fatos naturais`, constitutivos da substância do conteúdo, denomina-se conceptualização (Pottier, Rastier, Greimas, Pais), que em última análise é o processo de conversão da `substância do conteúdo` em `forma do conteúdo`. Neste patamar do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, tem-se um sistema muito bem organizado de conceitos, grandezas pré e trans-semióticas que, em etapa posterior, serão transformadas em signos. *Formar* é aqui entendido, pois, como processo de atribuição e supressão de valores e funções; de constituição de núcleos semânticos cognitivos que, muitas vezes, estão muito distantes da realidade fenomênica. Chegamos, assim, a uma definição de língua que nos parece muito precisa, densa e veraz:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

... uma das definições possíveis (e até mesmo, conforme pensamos, a mais fundamental) de uma língua, na acepção saussureana do termo, é a que consiste em defini-la como uma forma específica organizada entre duas substâncias: a do conteúdo e da expressão... (Hjelmslev, *apud* Lopes, 1976, p. 94).

Dos autores citados extraímos os modelos teóricos que sustentam as análises e descrições dos dados integrantes do *corpus* de análise: “O mistério dos pirahãs”, artigo na seção Ciência, da revista *Veja* (2007, ano 40, nº 15, p. 90). O autor refere-se a uma tribo indígena da Amazônia que não conhece os números e desafia as teorias sobre a formação dos idiomas (*sic*). As reflexões feitas sobre os dados desse artigo, aliadas a pesquisas anteriores permitiram-nos chegar a um modelo geral de formalização de axiologias.

DESCRIÇÃO DOS DADOS DO CORPUS

Recortaremos, inicialmente, os trechos em que o autor argumenta sobre as especificidades das convenções lingüístico-culturais do grupo étnico dos pirahãs, formado por 350 indígenas que vivem às margens do rio Maici, no Amazonas. São eles:

A língua dessas pessoas tem características únicas no que diz respeito à comunicação; é a única até hoje identificada no mundo (*sic*) que não tem frases subordinadas; não tem palavras para descrever as cores; não usam tempos verbais que indiquem ações passadas; não tem a tradição oral de contar histórias; tudo é dito no presente; é uma língua ágrafa; não usam números e não sabem contar; não desenham e desconhecem qualquer tipo de arte; são a única sociedade no mundo, segundo a avaliação de antropólogos, que não cultiva nenhum mito da criação, para explicar sua origem.

Segundo o articulista, a ausência da abstração aritmética entre os pirahãs foi estudada recentemente pelo lingüista americano Peter Gordon, que tentou ensinar-lhes a contar de um a dez, explicando-lhes o conceito de números e sua utilidade no cotidiano. Não obteve nenhum sucesso.

Nas últimas décadas, além de Gordon, outros pesquisadores embrenharam-se na selva amazônica, para estudar a língua e a cultura dos pirahãs. O etnólogo inglês Daniel Everett morou com a tribo por sete anos. Foram seus estudos que chamaram a atenção do mundo acadêmico, para a particularidades da tribo e para os desafios que

LÉXICO E SEMÂNTICA

ela apresenta à ciência. De acordo com esse autor, entre a teoria da gramática universal, que é inadequada para explicar o idioma pirahã e a teoria de Whorf, nos anos 30, de que o idioma condiciona o raciocínio, a segunda é, sem dúvida, mais fidedigna aos fatos.

DAS AXIOLOGIAS

Concordamos com as reflexões do articulista sobre a gramática universal e sobre a teoria de Whorf. Entretanto, é preciso nuançar alguns pontos. Não são só a língua e a cultura dos pirahãs que desafiam as teorias sobre a formação dos idiomas. Na verdade, todas as línguas têm suas especificidades axiológicas, até mesmo o inglês, o idioma mais disseminado do mundo. Portanto, qualquer língua desafia essas teorias. É certo que a sua gramática vem de sua cultura que é absolutamente única. Entretanto, qualquer grupo etnolingüístico tem uma conceptualização própria do mundo e uma semiotização específica do universo conceptual. Lembremos aqui as palavras oportunas do lingüista dinamarquês Louis Hjelmslev, sobre a teoria da substância e forma do conteúdo.

O sentido, em si mesmo, é informe, isto é, não está submetido, em si mesmo, a uma formação, mas é suscetível de uma formação qualquer. Se há limites aqui, eles estão na formação e não no sentido. É por isso que o sentido é, em si mesmo, inacessível ao conhecimento, uma vez que a condição de todo conhecimento é uma análise, seja qual for a sua natureza. Portanto, o sentido só pode ser reconhecido através de uma formação, sem a qual ele não tem existência específica (...). É por isso que a construção de uma gramática sobre os sistemas ontológicos está tão destinada ao fracasso quanto a construção da gramática de uma determinada língua sobre uma outra língua (...) as diferenças entre as línguas não provêm das realizações diferentes de um tipo de substância mas das realizações diferentes de um princípio de formação ou, em outros termos, de diferentes formas em relação a um sentido idêntico, porém amorfo (1975, p. 79-80).

Essas relações podem ser assim formalizadas:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

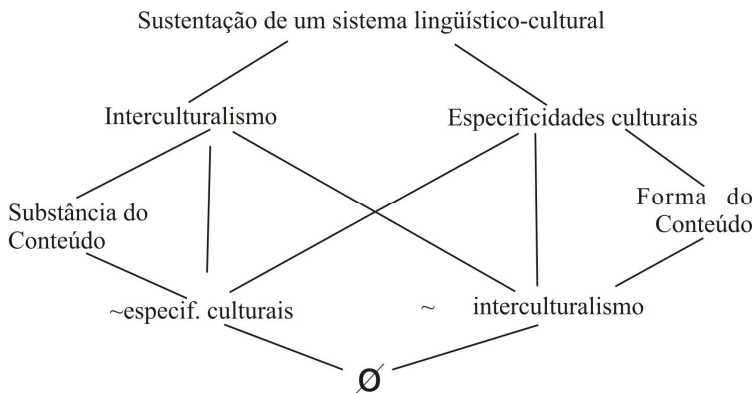


Figura 1: *Relações interculturais*

As especificidades culturais constituem, pois, a própria natureza dos grupos étnicos. Mantêm eles, porém, com os outros grupos humanos relações interculturais e interlingüísticas. Desse modo, sustentam-se em especificidades axiológicas mas não escapam das influências axiológicas de outras culturas.

Quanto à questão da natureza das especificidades, acreditamos, que não existem culturas superiores nem inferiores, não existem línguas bizarras ou civilizadas, trata-se de considerar que haverá tantas culturas e tantas línguas, quantos forem os grupos étnicos considerados, cada qual com suas características e convenções. O princípio do interculturalismo dialeticamente se articula com as identidades.

Sobre as especificidades e os saberes compartilhados, assim se expressa Hjelmslev (1975, p. 57):

Observa-se que o sentido não-formado assume uma forma de modo diferente em cada língua. Cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras na massa amorfa do pensamento, ao enfatizar valores diferentes, numa ordem diferente, coloca o centro de gravidade diferentemente e dá ao centro de gravidade um destaque diferente.

A esse complexo processo de redução/ampliação seletiva dos dados da experiência, denomina-se conceptualização, que, em última análise, equivale à ideologia, ou aos sistemas de valores de um grupo étnico, à sua visão de mundo, enfim à sua axiologia. Existe uma cognição específica de uma comunidade e cognições compartilhadas

LÉXICO E SEMÂNTICA

por várias comunidades, ou ainda, como sublinha Pais (2006, p. 193), trata-se das pregnâncias socioculturais ou das escolhas dos sujeitos coletivos. Tem-se, pois:

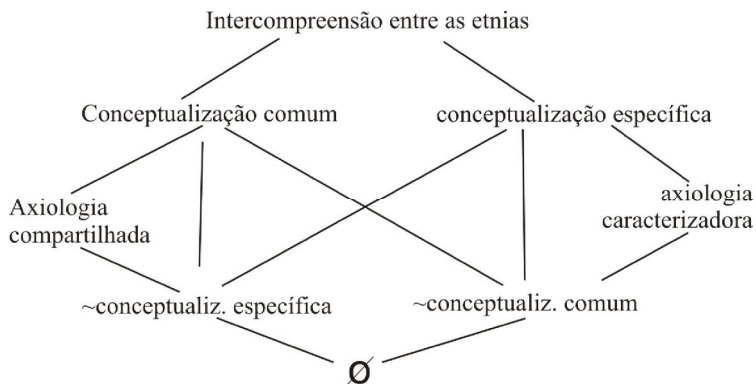


Figura 2: *Intercompreensão entre as etnias*

DAS PREGNÂNCIAS NO PROCESSO DE CONCEPTUALIZAÇÃO

Em seu excelente livro *Théorie et analyse en linguistique*, Pottier (1992, p. 10) mostra aspectos bastante interessantes e originais da complexa questão dos universais lingüísticos. De acordo com o princípio Hjelmsleviano (1975), de que não existe uma formação universal e, sim, um princípio universal de formação, Pottier apresenta alguns princípios e processos estruturais comuns a todas as línguas.

Ressaltamos, neste artigo, dois deles, que nos parecem essenciais naquilo que podemos considerar como axiologias compartilhadas: o primeiro refere-se aos universais de conceptualização e o segundo, à posição fundamental e comum a todas as línguas, de grandes categorias de significado, como a dêixis (eu, aqui, agora); a modalidade (o pensamento crítico do eu sobre o propósito), a hierarquização intencional (pressuposição, tema-remata); processos de topicalização e de focalização; efeitos ilocutórios e perlocutórios etc.

No sistema axiológico de uma etnia, essas estruturas e relações podem ser assim formalizadas:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

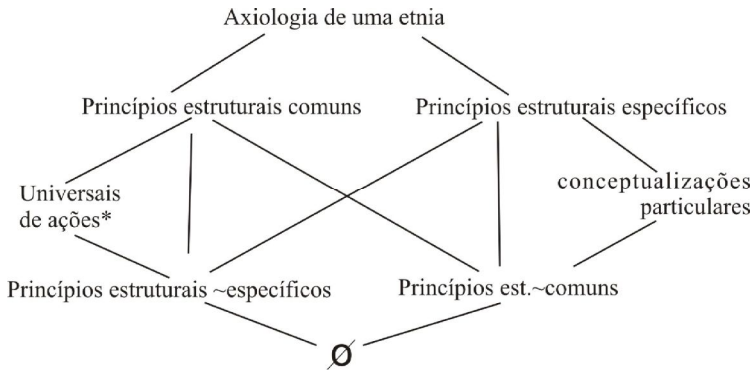


Figura 3: *Axiologia de uma etnia*

* e das grandes categorias de significado, como a dêixis, as modalidades, a topicalização, no processo de enunciação.

Pelo modelo acima, observa-se que o sistema axiológico de uma etnia caracteriza-se por uma tensão dialética entre princípios estruturais comuns e princípios estruturais específicos. A combinação de princípios estruturais comuns e princípios estruturais não específicos definem a dêixis positiva, universais de conceptualização. A combinação de princípios estruturais específicos e princípios estruturais não-comuns define a dêixis negativa, conceptualizações particulares.

Verifica-se, conforme a figura 3, que há elementos comuns entre as etnias, no que concerne aos processos de conceptualização, em nível de estrutura hiperprofunda, aos processos dêíticos e modalizadores, dentre outros. Por outro lado, há processos e produtos de conceptualizações particulares característicos de uma etnia.

Assim, podemos afirmar que existe inter e transconceptualização no pluriculturalismo,

De fato, como afirma Pottier (1992, p. 12)

La convergence de l'universel par généralisation et de l'universel par innéité nous semble un résultat naturel. Contrainte et liberté, unité et variété ne sont qu' un même principe manifesté dans ces termes complémentaires. Citons E. Coseriu: "Toutes les langues sont différentes les unes des autres. Toutes les langues sont construites selon les mêmes

LÉXICO E SEMÂNTICA

principes et sont, en un certain sens, identiques sont des affirmations contraires, mais non contradictoires. (Coseriu, 1978, p. 2020)

Conclui Pottier que:

L'homme est semblable à l'homme: le monde terrestre est essentiellement semblable à lui-même en tous lieux: l'interaction (les langues) aura cette propriété (principe dominant). Tout homme a ses spécificités, toute aire terrestre a ses spécificités: les modalités de l'interaction seront spécifiques (principe dominé).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que a realidade fenomênica é ordenada, articulada, formada de modo diferente segundo as diferentes línguas. São as funções semióticas que determinam cada forma lingüística. Observa-se, ainda, que juízos de valor não se aplicam ao produto final, forma do conteúdo e forma da expressão, pois no macro-universo lingüístico-cultural, os micro-universos, que são constituídos pelos diferentes grupos etno-lingüístico-culturais, são co-ocorrentes e não concorrentes. Claro está que o ponto de partida das nossas análises e julgamentos é sempre o da nossa língua materna. Por esse motivo, entende-se a perplexidade do articulista de *Veja* e de alguns de seus leitores, como vimos no item 1 deste artigo.

Ao examinar esse tema, não se pode deixar de abordar a questão dos universais essenciais da linguagem, ou seja, o conjunto de princípios e estruturas que regem a organização de toda e qualquer língua.

Enfim, há universais, enquanto processos de conceptualização, mas as cognições são específicas de cada etnia.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

COSERIU, Engenio. *Gramática. Semântica, universales*. Madrid: Gredos, 1978.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

PAIS, Cidmar Teodoro. O saber compartilhado, o mundo semioticamente construído e o discurso publicitário institucional. In: *Anais do IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro, CIFEFIL, 2006, p. 193-203.

POTTIER, Bernard. *Théorie et analyse em linguistique*. Paris: PUF, 1992.

O mistério dos pirahãs. *Veja*, 18/04/2007. São Paulo: Abril, 2007.

RASTIER, François. *Recherches en sémantique cognitive*. Paris: PUF, 1991.

LÉXICO E SEMÂNTICA

CULTURA PARTILHADA E PUBLICIDADE USOS LEXICAIS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

Nelly Carvalho (UFPE)

nellycar@terra.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua, não tendo função em si, existe para expressar a cultura e possibilitar que a informação circule. Ela corporifica as demais interpretações culturais, como as letras nas músicas, a oração na religião, a descrição e a especificação na moda, a receita na culinária, o título nas obras de arte.

A cultura é transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar e a condição da subsistência dessa cultura. O discurso publicitário é também matizado pela cultura em que está inserido, seja no vocabulário escolhido, seja nas imagens selecionadas.

A competência do discurso publicitário e a sua eficácia vão depender da forma como representa a cultura em que está inserido, permitindo estabelecer uma relação pessoal com a realidade próxima. A presença de índices carregados de cultura partilhada pela comunidade aumenta o poder de persuasão e sedução da mensagem veiculada, pois apela para valores que circulam e são aceitos, sendo entendidos facilmente. Na publicidade brasileira, podemos observar que, enquanto algumas mensagens dirigem-se a um público-alvo nacional, outras são construídas visando a um público-alvo mais específico, regional.

FUNDAMENTOS LINGÜÍSTICOS

Língua e cultura formam um todo indissociável e, no caso da língua e da cultura maternas, esse todo não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos. Ele identifica os indivíduos como participantes de uma coletividade e serve de denominador comum para o convívio social.

No caso da língua portuguesa – falada no Brasil e em Portugal, consistindo em duas vertentes de uma mesma língua – veiculam-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

se culturas que, embora tenham raízes comuns, diversificaram-se ao longo da história.

Os componentes de uma língua são de ordem fonológica, sintática, e semântico-lexical

Todos estes sofrem diferenciações quando submetidos à influência diversas e são observadas na pronúncia, nas escolhas sintáticas, nas alterações de sentido, nas escolhas do termo, em vertentes diferentes de uma mesma língua.

É contudo o componente semântico-lexical que revela com maior clareza as divergências entre os usos por diferentes comunidades lingüísticas. O léxico, nomeando as realidade extra-lingüísticas vai permitir compreender conceitos abstratos e nomear diferentes ocorrências da vida cotidiana.

As diferenças entre nações que têm em comum a língua materna, no caso, Brasil e Portugal, são um tipo particular de fronteira cultural: a identidade é percebida pelo que se é (explícito) e pelo que não se é (implícito).

Um saber comum é constituído de uma rede de forças. O principio de exclusão dos não-iniciados naquele saber partilhado é decisivo para o sentido que tomam os signos: é o que acontece em toda a comunidade cultural, seja qual for a sua extensão.

O jogo é sempre o mesmo: no momento da comunicação, entender um signo é construir uma linha de demarcação entre os que compartilham o sentido evocado e os que ficam excluídos. O implícito (cultural) desempenha um papel decisivo, impondo uma fronteira eficaz e discreta entre os que compreendem e os que não compreendem o sentido total da mensagem. A fronteira cultural não é apenas a das nações, nem sequer a da língua: pode ser regional e até mesmo grupal.

A aquisição da competência cultural (na própria cultura) não faz parte de uma escolha possível: ela é vivida como uma ligação imediata e única com o mundo. Os fatos são interpretados, mediados por uma aprendizagem e percebidos como expressão de uma evidência indiscutível. A realidade não se apresenta da mesma forma em todas as culturas: ela é uma construção elaborada por meio da

LÉXICO E SEMÂNTICA

experiência pragmática do mundo, sem que se perceba sua relatividade, isto é, sem que se considere a existência de outras formas de viver e de interpretar a realidade objetiva. As próprias mudanças culturais acontecem de forma imperceptível: uma comunidade não percebe as mutações a não ser quando se instalam definitivamente.

O processo de socialização introduz o indivíduo numa construção arbitrária do mundo, coerente mas não universal. O indivíduo (ou a sociedade), contudo, pretende alcançar essa universalidade em relação à sua cultura. Bastante ilustrativo é o caso da cultura ocidental européia, que nos primeiros contatos com os povos dos continentes recém-descobertos, na época das grandes navegações, tentou fazer de suas iniciativas culturais um parâmetro universal. Os portugueses diziam que os índios não tinham fé, nem lei, nem rei, porque além de não serem valores na cultura tupi, eles não sabiam pronunciar os fonemas, F, L, R, por não integrarem a fonética de sua língua.

PALAVRA E CONCEITO

A palavra analisa e objetiva o pensamento individual, tendo também um valor coletivo, pois há uma sociedade própria da língua. A palavra permite ao conceito ultrapassar o estágio individual e afetivo: ela racionaliza, classifica, distingue e generaliza o pensamento, tornando-o abstrato.

Resultante de uma evolução histórica, a língua ordena e classifica os signos de acordo com seu próprio sistema classificatório semântico e formal.

O vocabulário, símbolo verbal da cultura, “perpetua a herança cultural através dos signos verbais” e faz a ponte entre o mundo da linguagem e o mundo objetivo. Não é estático, como a realidade objetiva em que se espelha; ele evolui e se adapta, constituindo sempre um portador apropriado de significações, valores e cargas novas que a realidade gera e a palavra transmite. Essas cargas novas são responsáveis pelo surgimento constante e inevitável de neologismos, pela adoção de empréstimos, pela arcaização de termos, pela mudança de significados, como forma de adaptação da língua à evolução do mundo. Ao permitir a comunicação interpessoal, a língua favorece as representações e atitudes coletivas, produzindo a cultura. O jogo de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

simbiose no qual funcionam língua e cultura faz com que sejam o reflexo recíproco e obrigatório uma da outra.

Palavras são emblemas culturais, símbolos com significados sociais, que conservam a experiência da atividade humana.

O estudo de palavras, nas quais o componente cultural manifesta-se com mais intensidade, pode ser o fio condutor para o conhecimento de uma comunidade. Esse componente cultural é denominado, por Galisson, “carga cultural partilhada” e permite identificar o falante na condição de “indivíduo coletivo”, um conceito que distingue e esclarece mecanismos sociais, culturais e lingüísticos, facilitando o estudo do comportamento humano.

Um dos elementos (talvez o mais forte) de identificação coletiva é a língua materna, que, associada à cultura, permite a intercompreensão. Isolada da cultura de origem, porém, e inserida em comunidades diferentes, a língua materna vai recebendo marcas dessa nova cultura e formando vertentes que se afastam sobretudo no aspecto lexical, aquele que nomeia a realidade. As palavras passam a receber uma carga conotativa cultural diferente da anterior. A cultura na qual a língua se insere desempenha um papel de grande importância, sendo uma “cultura transversal”, que pertence à comunidade como um todo e não deve ser confundida com a cultura erudita.

A língua, como já vimos, é sempre carregada de cultura em todos os níveis (fonológico, morfológico, sintático e lexical e até mesmo nos gestos e na mímica que reforçam a mensagem). Mas é o vocabulário que carrega consigo a maior carga cultural, a cultura comportamental comum. Não há, contudo, uma carga cultural uniforme.

O acervo lexical é formado por unidades estáveis e privilegiadas para os conteúdos de cultura que neles aderem, anexando-lhes outra dimensão à dimensão originária. Palavras como *eagle* (águia) ou *king* (rei) têm o mesmo referente em inglês e português, mas cargas culturais diversas.

Nas duas vertentes do português (Portugal e Brasil), isso é óbvio em palavras como *rapariga* e *bicha*. Há palavras quase neutras e outras bastante marcadas pelos usos sociais. São inúmeros os exemplos de palavra que cristalizam uma carga cultural diferenciada.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Galisson, lingüista francês que estudou o tema, criou um esquema bastante elucidativo para explicar o significado acrescido da carga cultural.

Como dentro do próprio Brasil existem as diferenças dialetais entre regiões, decorrentes de condições e épocas de implantação da língua portuguesa e de sua imposição como língua veicular, este esquema pode revelar diferenças de uso. (Transparência do esquema de Galisson)

ZONAS DIALETAIS BRASILEIRAS

Para entendermos essa carga cultural das palavras no português do Brasil, faz-se necessário conhecer, em linhas gerais, as zonas dialetais brasileiras.

Segundo Antenor Nascentes em *O Linguajar Carioca*, o falar brasileiro, apesar de sua relativa uniformidade, apresenta variações bem características: a enorme extensão territorial, sem fáceis comunicações interiores quebrou a unidade do língua transplantada, fragmentando-o em subdialetos, contribuindo para isso o modo diferente de povoações das diversas regiões. Vinda da Europa, a língua e a cultura implantaram-se no litoral, formando dois focos de irradiação : São Paulo e Pernambuco. Seguem-se depois, na ordem, a Bahia, o Maranhão e o Rio de Janeiro.

São Paulo levou ambas, língua e cultura, a Minas, Goiás, Mato Grosso. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A Pernambuco coube o papel de divulgá-las na margem esquerda do rio São Francisco que serviu como divisor de falares: em Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, que as levou ao Acre.

A Bahia influenciou a margem direita do *velho Chico*: Sergipe e Espírito Santo. O Maranhão divulgou a língua na Amazônia e ao Rio de Janeiro, capital da colônia desde 1763, se vincula a colonização do estado do Rio. Esta variante, por ter se tornado a língua da corte com a Transmigração da Família Real, em 1808, foi considerada, a partir de então o modelo da língua falada no Brasil.

Antenor Nascente considerou o dialeto brasileiro dividido em duas zonas norte e sul, que por sua vez se subdividem em subfalares.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No Norte, o amazônico e o nordestino. No sul: o Baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista. Mas, apesar da força homogeneizadora dos meios de transporte modernos e mais ainda dos meios de comunicação, em cada um desses subfalares, nos vários estados, vão-se criando características próprias no léxico, na fonética e nos torneios sintáticos.

Mas, como isso pode interessar ao publicitário e pode influenciar o mercado?

DIFERENÇAS LEXICAIS

Algeo criou uma tipologia mais minuciosa para analisar as diferenças lexicais entre o inglês britânico e o americano. Ele considera duas formas de estabelecer a tipologia de diferenças lexicais interdialetais: partindo da palavra ou partindo do referente. Utilizando seu esquema para estudar as diferenças regionais, teremos:

Uma única forma e um único referente

1. Referente correspondente na língua comum – É a classe que não envolve diferença entre variedades.
2. Lacuna referencial ou referente sem correspondente em uma das variedades: *cantoria* (desafio de violeiros) – *maracatu-frevo*
3. Lacuna lexical ou termo sem correspondente: *peba*, *gaitada*
4. Lacuna cultural representa hábitos inexistentes e sem correspondência na outra cultura: *lapinha*, *pitoco*, *cotoco*.

Formas múltiplas e um único referente

1. Sinônimos – *cachaça/pinga*.
2. Termos equivalentes – Sinônimos interdialetais: *bigu/carona*; *kombeiro/perueiro*
3. Sinônimos em apenas uma das variedades: *capiongo/tristonho*; *Aperriado/preocupado*

Forma única e referentes múltiplos

1. Polissemia

LÉXICO E SEMÂNTICA

2. Polissemia interdialetoal: *tampa*

Uma forma única pode denotar três ou mais referentes: *trouxa*

2. Termos mais ou menos equivalentes – *Diadema/tiara; calção/maiô*

4. Termos Nos Quais Uma Forma Geral É Semanticamente Restrita Em Outra Variedade Pernambucana, Pronto

Múltiplas formas e múltiplos referentes

1. Termos intercambiáveis – São aqueles que, embora usados nas duas variedades, não cabem exatamente nos mesmos contextos lingüísticos, como ocorre com *bravo/brabo, Sutiã/califon/corpinho*

Múltiplas formas e múltiplos referentes (homonímia)

1. Homonímia.

2. Homonímia interdialetoal usado em área restrita; *Manga*, fruta; *Manga*, verbo (só no Nordeste significa zombar).

3. Analogia – Importante relação para comparações interculturais, a analogia é o oposto da homonímia. Análogos são objetos que diferem entre si e têm nomes diversos, mas preenchem posições parecidas em diferentes sistemas. *boyzinho/mauricinho- patricinha/boyzinha*.

4. Analogia interdialetoal – Diferenças culturais levam a diferenças lingüísticas e constituem a causa mais significativa das variações dialetais. Ex: *mandioca/aipim/macaxeira; laranja cravo, bergamota, tangerina*. Os alimentos, aliás, são um dos maiores responsáveis pelas variações interdialetoais, porque as coisas que eles nomeiam nas duas culturas são similares mas não iguais.

As dificuldades para estabelecer correspondências lexicais são, resumidamente, as seguintes:

- Demarcar os limites do significado das palavras.
- Considerar a diferença entre o vocabulário passivo e o ativo, que mascara as dificuldades.
- Perceber que a frequência modifica a questão de uso.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vimos, nas tipologias acima, como são sutis as distinções entre as zonas dialetais e como são delicadas as relações semânticas que limitam os campos dialetais. Essas classificações orientam a análise, mas dada à limitação do objeto de estudo – os usos do discurso publicitário, observados em jornais, revista e outdoors, no início de 2003, nas peças regionais e nacionais.

APRESENTAÇÃO DO CORPUS

“O sol trabalha 365 dias por ano e usa sua pele como escriptorio”, da Episol, loção hidratante, é bem uma peça publicitária carregada de cultura brasileira, pois apesar do produto ser de uma multinacional, coloca em evidência uma qualidade de que nos vangloriamos todos: ser um país ensolarado.

Iniciamos a apresentação do corpus com três publicidades que levam a marca da cultura brasileira e só são entendidas por quem vive aqui e compartilha as vivências acumuladas: A seguir serão apresentadas peças regionais.

1. *Liberdade ainda que à tardinha, das sandálias Havaianas*, traz à memória do receptor-alvo, a frase-símbolo da Inconfidência Mineira.

2. *Sogra chamando*, dos celulares Sony Ericsson com identificador visual de chamadas, tem no visor uma cobra verde e amarela (creio que é jararaca), forma como a nossa cultura trata as sogras. Na França é o cortês *belle-mère*.

3. *Porque não eu? Me leva pra casa*. Da Assolan, faz referência à supremacia da outra marca no Brasil e usa o nível coloquial, iniciando a frase com pronome oblíquo.

5. *Peixe-gato*. Outdoor da Movimento exibindo um belo rapaz, um gato, com um minúsculo e colorido calção de praia, deitado na areia, à beira mar, onde aparecem os igualmente minúsculos peixes-gato, como são nomeados nas praias de Pernambuco.

6. *Neste verão você precisa de uma sombrinha*. Propaganda institucional do verão em Pernambuco. Faz o jogo polissêmico entre pequena sombra, guarda-sol de praia e adorno carnavalesco, colo-

LÉXICO E SEMÂNTICA

cando como elemento estranho o fato de ser preciso sombrinha no inverno e não no verão.

7. *Do maracatu para o cinema, da praia parra as orquestras de frevo, dos pólos de animação para o restaurante. Não é à toa que o Recife é a cidade das pontes. Recife, diversão dentro e fora da folia.*

8. *E você pensando que as pontes eram as únicas coisas que Recife tinha em comum com Veneza. Quanto Prima: as delícias da Itália em fast food.*

Segue-se uma mostra das inúmeras peças publicitárias com o mote do carnaval, sobretudo do Galo da Madrugada:

9. *Obrigado, Maria Bonita, Lampião e Cleópatra. O Galo da Madrugada agradece a todos os pernambucanos que colocaram sua fantasia, entraram na folia e fizeram, mais uma vez, o maior bloco carnavalesco do mundo.*

10. *O boné – O abadá – O folião (descrevendo uma garrafa de cerveja) Antártica, paixão nacional, a cerveja oficial do Carnaval de Salvador.*

CONCLUSÃO

Os exemplos retirados do mini corpus permitem observar as diferenças de escolha dos itens lexicais e dos usos lingüísticos nos dialetos brasileiros, resultantes da sedimentação cultural, que se fez diferente nas várias regiões.

As diferenças observadas são o produto de uma dialética histórica de diferenciação cumulativa, No curso de histórias diferentes, partindo de uma raiz comum, as comunidades desenvolvem culturas próprias que se expressam na sua forma de linguagem, nas escolhas de imagens. Constituindo-se em variantes, que se baseiam na inter-compreensão, as regiões dialetais brasileiras têm as raízes de sua identidade fincadas nos elementos culturais partilhados.

BIBLIOGRAFIA

ALGEO John. British/American lexical differences. **In:** *English a-cross cultures/Culture across English*. Communications. New York: Edited by Ofélia Garcia and Richard Otheguy, 1989.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria lingüística: Lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.

CARVALHO, Nelly. *Publicidade, a Linguagem da Sedução*. São Paulo: Ática, 2002

DIONÍSIO, Mário. Meu reino (se o tivesse) por um Cavalo de Pau. **In:** *Monólogo a Duas Vozes*. Lisboa: Almedina, 1983.

GALISSON, R. *Lexicologie et Enseignement des Langues: Essais Methodologique*. Paris: Hachette, 1979.

NASCENTE, Antenor. *O dialeto carioca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1945.

ZARATE, Geneviève. *Enseigner une culture étrangère*. Paris: Hachette, 1986.

LÉXICO E SEMÂNTICA

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO ABORDAGENS E REFLEXÕES ACERCA DOS EFEITOS DE SENTIDO

Gabriela do Couto Baroni (Ufes)

Ione Aires Santos (Ufes)

ioneairesp@bol.com.br

Josiane da Silva Souza (Ufes)

josiane.svieira@yahoo.com.br

**Chega mais perto e contempla as palavras
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te perguntas, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?**

(Carlos Drummond de Andrade)

Em *Elementos de Semiologia* (1996), editado inicialmente em 1964, Roland Barthes considera a denotação e a conotação como dois sistemas de significação imbricados um no outro. O autor salienta que o primeiro sistema, que consiste na denotação, é formado pela relação existente entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. A conotação, por sua vez, resulta da relação existente entre o primeiro sistema de significação e um novo plano de conteúdo, dando origem ao segundo sistema.

Joaquim Mattoso Câmara Júnior, em seu *Dicionário de Filologia e Gramática referente à Língua Portuguesa* (1968, p. 111-112), afirma que a denotação é “a parte da significação que diz respeito, na linguagem, à representação compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior”. Assim, a denotação se distingue da conotação e com ela se combina a fim de conferir a significação integral da forma. Já a conotação é a [...] parte do sentido de uma palavra que não corresponde à significação *stricto sensu*, ou seja, ao valor representativo como símbolo de um elemento do mundo biossocial, mas corresponde à capacidade da palavra de funcionar para uma manifestação psíquica ou apelo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Notamos que, para ambos os autores, não há como trabalhar a conotação sem a denotação, pois não existe uma dicotomia que separe esses dois planos de significação. Câmara Jr. (1968) afirma, ainda, a necessidade da existência de um contexto para que se possa precisar o sentido das palavras.

Rocha Lima, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1983), converge com Câmara Jr. (1968), ao afirmar que a denotação e a conotação se combinam para compor a significação integral da palavra. Enquanto a denotação diz respeito à função representativa da linguagem, a conotação está relacionada à parte da significação da palavra capaz de funcionar como exteriorização psíquica ou apelo.

Para exemplificar a estreita relação existente entre denotação e conotação, Rocha Lima (1983) utiliza-se da palavra *madrasta* que, em sentido denotativo, significa “mulher casada, em relação aos filhos que o marido teve de casamento anterior”. Entretanto, como ressalta o autor, em certos contextos essa mesma palavra pode apresentar uma “sensível conotação de repulsa afetiva”.

É interessante observar que esse gramático aborda, ainda, a disposição das acepções de um verbete nos dicionários. Conforme destaca, “logo após a definição principal (que é sempre denotativa)” encontra-se a definição conotativa.

Othon M. Garcia em *Comunicação em prosa moderna* (1986), retoma essa constatação ao declarar que num mesmo dicionário são registrados os dois sentidos, denotativo e conotativo, de cada verbete, como é o caso, por exemplo, da palavra *ouro*, que em sua primeira acepção refere-se ao metal amarelo, brilhante, pesado e dúctil; e em outras acepções, de caráter conotativo, remete à “riqueza, opulência, grande estima, grande valor, ostentação, avareza e adorno”. Essa abordagem é inovadora se comparada ao conceito de denotação trazido por alguns autores, como é o caso de Ernani Terra (2002), José de Nicola e Ulisses Infante (2004) que declaram que o sentido denotativo da palavra é aquele registrado pelos dicionários, sendo independente do contexto.

Francisco da Silva Borba, em *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* (1976), atesta que a denotação é a significação bá-

LÉXICO E SEMÂNTICA

sica assumida por uma palavra, independentemente do contexto. Essa concepção, também é dada pelo teórico John Lyons (1977, p. 171) que considera a denotação como “uma relação que se aplica aos lemas e é válida independentemente das ocasiões de enunciação particulares”. Uma definição similar pode ser encontrada no *Dictionnaire de Linguistique* (2001), que define a denotação como “o elemento estável, não subjetivo e analisável fora do discurso”.

Vale registrar que existem palavras e expressões que mesmo inseridas em contextos frásticos, transmitem dúvidas quanto ao sentido. Assim, há necessidade de recorrermos ao contexto situacional para que sejam esclarecidas as intenções comunicativas do falante. É o que ocorre no seguinte exemplo, apresentado por José de Nicola e Ulisses Infante (2004, p. 431-432):

João quebrou a cara.

O sentido dessa oração somente será identificado no momento da enunciação, uma vez que ela oferece duas possibilidades de interpretação: João quebrou o rosto/face, e João não foi bem sucedido em determinada situação.

O exemplo acima, demonstra como os fenômenos da denotação e da conotação estão intrinsecamente ligados e, juntos, colaboram para a formação de sentidos de uma palavra. Retoma-se, portanto, a afirmação de Câmara Jr., de que “a denotação se distingue da conotação e com ela se combina para dar a significação integral da forma”.

Quanto à conotação, Borba (1976) a define como o “conjunto de associações que a palavra desperta em várias direções”, como acontece no exemplo “Casa é casa”, em que a primeira ocorrência do vocábulo se dá em sentido denotativo, enquanto a segunda tem uma nota a mais de “apreciação, aconchego”.

Nesse mesmo sentido, o filólogo e dicionarista Antônio Houaiss (2004) descreve a conotação como algo sugerido ou implicado por uma palavra, passando essa a ter seu significado ampliado. Em consonância com ambos os autores, Othon M. Garcia (1986, p. 162) afirma que, no plano conotativo, a palavra evoca ou sugere, por associação, outra(s) idéia(s) de ordem abstrata, de natureza afetiva ou emocional. O teórico acrescenta, ainda, que a “conotação implica

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em[...] um certo grau de afetividade, que varia conforme a experiência, o temperamento, a sensibilidade, a cultura e os hábitos do falante ou ouvinte, do autor ou leitor”.

Ilari (2004, p. 41) considera que o uso de determinadas palavras e expressões, além de descrever as realidades de que se fala, cria uma representação do falante, do ouvinte e da interação verbal. Em relação aos aspectos da cultura e hábitos do falante, o mesmo autor ressalta que a procedência daquele pode ser identificada pela escolha das palavras utilizadas na classificação de eventos e objetos:

a) *A lanterna vai custar no mínimo dois mil reais.*

b) *É verdade, a funilaria vai sair cara!*

Nesse diálogo, as palavras *lanterna* e *funilaria* fazem referência ao mesmo conserto, porém, identificam os falantes como carioca e paulista, respectivamente. Ilari (2004) menciona, também, a possibilidade de identificar a faixa etária, a profissão e as condições sociais de quem fala, de acordo com a sua seleção lexical. Além de salientar a importância da escolha do material lingüístico pelo falante conforme a representação que ele faz do seu interlocutor ou até mesmo do assunto a ser tratado. Assim, essa escolha nos remete ao uso de

[...] diferentes pronomes e expressões de tratamento; de expressões que indicam proximidade (camaradagem, amizade, etc.) ou distância (formalidade, frieza, etc.); de diferentes gêneros de fala e escrita (ofício x bilhete); de diferentes níveis de língua (linguagem literária, linguagem padrão, linguagem familiar, jargão próprio de uma profissão ou atividade, gíria, etc.). (Ilari, 2004, p. 42)

Em síntese, Ilari (2004) afirma que os dois sentidos, denotativo e conotativo, participam dos atos de fala e nem sempre se determina como facilidade onde um termina e o outro começa.

A gíria¹¹ é uma forma de linguagem que tem forte poder conotativo. Para ilustrar tal afirmação, tomamos como exemplo a letra da música, *Broto do jacaré*, escrita pelos compositores Roberto Car-

¹¹ [...] Linguagem que, nascida em certo grupo social, termina estabelecendo-se à linguagem familiar. (Ferreira, 2005).

LÉXICO E SEMÂNTICA

los e Erasmo Carlos na década de 60, durante o movimento musical, *Jovem Guarda*:

Vinha deslizando na minha prancha sozinho
E falei ao ver passar por mim um *brotinho*
Que bonitinha ela é
Deslizando num *jacaré*
Ela me sorriu e uma coisa então
Eu tinha que fazer para chamar atenção

Abri os braços e gritei bem alto
Deslizando num *jacaré*
Mas uma onda mais forte chegou
E fora da prancha me atirou
Quase que morro, quase me afoguei
E quando voltei o broto não encontrei
A minha prancha o vento para longe levou
Bebi água salgada porque não dava pé
Peguei a prancha mas não encontrei
O *broto* do *jacaré*.

As gírias em destaque *brotinho* e *jacaré* conotam, respectivamente, garota bonita e onda do mar. Podemos afirmar que essas gírias, de bastante circulação na década de 60, atualmente estão em desuso. Essa composição é um recurso favorável para se trabalhar em sala de aula a denotação e a conotação.

Outro proveitoso exemplo é a seguinte música do cantor e compositor Wando:

Fogo e Paixão

Você é luz
É raio, estrela e luar
Manhã de sol
Meu iaiá, meu ioiô
Você é sim
E nunca meu não
Quando tão louca
Me beija na boca
Me ama no chão

Você é luz
É raio, estrela e luar
Manhã de sol
Meu iaiá, meu ioiô
Você é sim
E nunca meu não

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quando tão louca
Me beija na boca
Me ama no chão

Me suja de carmim
Me põe na boca o mel
Louca de amor, me chama de céu
E quando sai de mim
Leva meu coração
Você é fogo, eu sou paixão.

O compositor utiliza-se de vários atributos para descrever a amada: “luz”, “raio”, “estrela”, “lunar”, etc. Percebemos, então, que o eu-lírico recorre a elementos da natureza; do campo afetivo (Meu i-aíá, meu ioiô); além de fazer uso da antítese (Você é *sim*/ E nunca meu *não*) para conotar a parceria da mulher. Observamos, assim, que há na música um predomínio de metáforas.

Ilari (2004) simplifica o conceito de denotação, definindo-a como “o efeito de sentido pelo qual as palavras falam “neutramente” do mundo”. Semelhante classificação é dada por Celso Pedro Luft (2002), para quem a denotação refere-se à significação básica da palavra, abstraídas as associações individuais. Dessa forma, podemos afirmar que, para esse gramático, a denotação não leva em conta as intervenções subjetivas do falante.

Sacconi (1994) atribui à denotação a propriedade que uma palavra possui de “limitar-se a seu primeiro significado, aquele imediatamente sugerido pelo significante”. O autor apresenta exemplos em uso conotativo, conforme podemos observar abaixo:

Ela não teve *pé* de romper comigo. (pretexto)
Em que *pé* está a sua empresa? (situação)
O *pé* da estátua. (base)
Pé de cana, *pé* de goiaba. (haste, caule)
Pé de cama, *pé* da mesa, etc. (parte inferior)

Com base em exemplos dessa natureza, Sacconi (1994) define a conotação como a propriedade que uma palavra possui de ampliar-se no seu campo semântico, podendo adquirir outros significados de acordo com o contexto em que é empregada.

Ernani Terra (2002) sustenta que quando se deseja transmitir informações ou conceitos, é essencial a utilização de uma linguagem clara, que não dê margem a mais de uma interpretação, o que ocorre

LÉXICO E SEMÂNTICA

com o uso das palavras em sentido denotativo. A mesma concepção é dada por Paschoalin e Spadoto (1996). Essa definição, entretanto, é contestável, uma vez que desconsideram o caráter polissêmico das palavras, conforme observado por Câmara Jr. (1968), para quem a denotação pressupõe a polissemia e se precisa no contexto.

Também é satisfatória a abordagem de Terra (2002), segundo o qual “a conotação caracteriza-se pela multiplicidade de interpretações. Está presente na poesia, no humor, no dia-a-dia. Nesse caso, o sentido das palavras é dado pelo contexto”, como se verifica no poema de Almir Correia, em *Poemas Malandrinhos* (São Paulo: Atual, 1992, p. 32), que o autor utiliza:

Não engavete o assunto
senão ele morre sufocado

Quem gosta de gaveta
é lenço
toalha
e deputado.

Quando o poeta diz “Não engavete o assunto/ senão ele morre sufocado”, não se deve entender a expressão *engavetar o assunto* em sentido literal, pois nota-se que o autor do poema tem a intenção de ironizar a atuação de políticos que recebem pedidos e projetos e os jogam no fundo da gaveta, de onde não saem mais, conforme explica Terra (2002).

Ainda no plano conotativo, Paschoalin e Spadoto (1996, p. 352-353) mencionam que “as palavras ganham significados afetivos, subjetivos, que mais sugerem do que informam”, como se constata nos exemplos seguintes:

a) *A minha alma partiu-se como um vaso vazio.* (Álvaro de Campos)

Na frase acima, Álvaro de Campos utiliza-se de uma comparação para atribuir à “minha alma” a característica de um objeto concreto capaz de se partir, daí a conotação.

b) *Os violões descem a rua, misturando a música e os passos nas pedras.* (Cecília Meireles)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nesse verso, a palavra “violões”, em sentido conotativo, é usada para substituir “violonistas”. É interessante notar que ao instrumento musical são atribuídas características humanas. Duma relação metonímica, Cecília Meireles dá um tom poético à sua obra. Este exemplo demonstra que a conotação não se restringe à comparação e à metáfora, mas, sobretudo, está presente em todas as figuras de linguagem.

Mediante o exposto, podemos afirmar que é satisfatória a abordagem que considera os sentidos, denotativo e conotativo, intimamente ligados um ao outro para caracterizar o campo semântico de uma palavra ou expressão. Essas, só têm sentido comunicativo se inseridas em contextos situacionais e frásticos.

A criatividade da comunidade lingüística em fazer analogias, associações e até mesmo usar um mesmo vocábulo para descrever distintos eventos e objetos do mundo se deve à interação social. É importante lembrar que a conotação não é a criação de novas palavras ou expressões, mas sim a atribuição de um novo sentido às formas já existentes.

Se é da linguagem que emana o sentido, é a partir de mecanismos de linguagem que se constrói efeitos de sentido tanto de denotação quanto de conotação. Assim, a linguagem produz efeitos de sentido e não é reflexo das coisas. Tanto a denotação quanto a conotação são construções discursivas. (Lopes e Pietroforte, 2003, p. 125).

Retomando as palavras de Drummond, podemos aferir que seus versos fazem um convite ao sujeito-leitor para atentar-se aos diversos sentidos que uma palavra pode adquirir nos distintos contextos de uso da língua. Por fim, a utilização da epígrafe sintetiza a noção desses dois efeitos de sentido: a *denotação* corresponde à face neutra da palavra enquanto que a *conotação* refere-se às mil faces secretas que a palavra pode ter.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1976.

LÉXICO E SEMÂNTICA

CADORE, Luís Agostinho. *Curso prático de português*. 7ª ed. São Paulo: Ática.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Lozon, 1968.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2005.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 13ª ed. ver. e at. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LOPES, I. V., PIETROFORTE, A. V. C. A semântica lexical. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à lingüística*. v. II. São Paulo: Contexto, 2003, p. 111-135.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, John. *Semântica-I*. Lisboa: Presença, 1977.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 11ª ed. São Paulo: Scipione, 1993.

PASCHOALIN, Maria Aparecida & SPADOTO, Neuza Terezinha. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: Teoria e Prática*. 18ª ed. São Paulo: Atual, 1994.

TERRA, Ernani. *Português para todos*. São Paulo: Scipione, 2002.

**DESCRIÇÃO DE PALAVRAS COMPOSTAS
PARA PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO
DA LINGUAGEM NATURAL**

Tatiani Ramos (UFES)
tateletras@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O léxico categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados. Este léxico que constrói enunciados, forma palavras, nas quais se apresentam em estruturas simples e compostas.

Uma palavra simples é uma seqüência construída sobre o alfabeto e uma palavra composta é uma seqüência de palavras simples. Com esta definição podemos distinguir uma palavra simples *cara* de uma composta *cara de pau*.

Em nossa língua encontramos muitas variações lingüísticas, e isto dificulta a compreensão de algumas estruturas.

Mattoso Câmara (1987, p. 17) afirma que: um dos percalços mais sérios com que se tem defrontado os estudos lingüísticos, é o fato da enorme variabilidade da língua no seu uso num momento dado.

Ela varia nos espaços, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais.

A existência de vários dialetos regionais faz com que somente os falantes nativos de uma determinada língua possam depreender o sentido da estrutura, porque contam com o fator de ordem pragmática. Desta forma cria-se um grande *déficit* na integridade lingüística e assim compreendemos que não basta entender e internalizar a estrutura do léxico, há também necessidade de conhecer a língua em uso.

Sendo assim, observou-se uma grande necessidade de um estudo mais detalhado sobre as expressões criadas por esta variedade, para que se consiga igualar as diferenças e facilitar a interpretação destas estruturas por todos.

LÉXICO E SEMÂNTICA

NOÇÃO DE COMPOSICIONALIDADE

Neste trabalho a estrutura eleita foi a de palavras compostas, pois é a que apresenta maior grau de dificuldade de compreensão, quando observadas sobre os aspectos sintáticos, morfológicos, semânticos e pragmáticos. No que diz respeito à composição de palavras, Smarsaro (2004, p. 78) afirma que:

A noção de composicionalidade tem a ver com a possibilidade de deduzir o significado de uma seqüência a partir dos significados dos componentes. Deduzir quer dizer calcular por um processo que pode ser formalizado.

A noção de composicionalidade apresentada acima, ainda não é tão homogênea entre os lingüistas, pois além de não darem muita ênfase para o problema da composicionalidade, cada um adota um conceito diferente gerando desta forma um estudo superficial que atende a problemática deste item lexical.

A necessidade de se chegar a um consenso sobre esta estrutura encontra-se no processo de adequação para o uso em dicionário eletrônico. Ranchhod (2001, p. 14) especifica que:

O dicionário eletrônico é um léxico computacional concebido para ser usado, sem intervenção humana, por programas informáticos em diversas operações de processamento de linguagem natural: reconhecimento de unidades lexicais simples e complexas num texto a ser automaticamente indexada, análise de um texto para extrair informação ou para o traduzir para outra língua.

Toda esta preocupação em adequar estruturas para que possam compor uma base de dados em dicionário eletrônico, encontra-se na crescente utilização de computadores para produzir os tipos mais variados de textos.

Com o crescimento dos avanços tecnológicos as maiorias dos textos passaram a ser produzido por computador, hoje em todos os lugares nos deparamos com este tipo de serviço (supermercados, bancos, lojas, textos escolares, dissertações etc.) e isto nos coloca em contato com o uso da língua propriamente dita.

Baseado nos aumentos de textos sendo elaborados pela máquina tornou-se necessário voltarmos as nossas atenções para as expressões idiomáticas, pois apesar de muitas delas não fazerem parte

da língua padrão está sendo cada vez mais utilizadas pelos meios de comunicação para facilitar a interação com o leitor.

Um exemplo de interação com o leitor foi o *outdoor* da Grafitusa em 12/2005 na cidade de Vitória (ES), que exibiu a seguinte mensagem: “Encerramos o ano com *chave de ouro: de cara nova*”. Nesta frase foram usadas duas expressões *chave de ouro e cara nova*, esta propaganda vem corroborar em nossa argumentação no sentido de que as expressões idiomáticas não pertencem a um escopo marginal da natureza lingüística.

Diante deste avanço na produção textual tornou-se imprescindível uma conexão entre o meio lingüístico e o computacional. Em que os lingüistas trabalham na descrição e formalização de palavras transformando-as em base de dados e os técnicos computacionais inserem os mesmos no sistema, para formar um dicionário eletrônico.

Assim se confirmou a grande importância da lingüística computacional que é a área de conhecimento, que explora as relações entre lingüística e informática, tornando possível à construção de sistemas com capacidade de reconhecer e produzir informação apresentada em linguagem natural. O tratamento automático das línguas naturais obriga a uma descrição sistemática e completa das línguas.

Esta descrição é feita de modo a considerar os processos morfológicos, sintáticos e semânticos de estruturas utilizadas por falantes nativos na construção de um dicionário eletrônico. Ranchhod (1999, p. 14) explicita de forma clara a importância desse tipo de dicionário:

A finalidade dos dicionários eletrônicos faz com que eles tenham de ser fundamentalmente diferentes daqueles que são elaborados para utilizadores humanos, mesmo quando estes se encontram em um suporte magnético ou óptico a fim de poderem ser consultados em ambiente informatizado. Elaborados com o objetivo específico de serem usados em análise automática de texto, estes dicionários têm de conter informações lingüísticas codificadas e formatadas, pois só assim se tornam, acessíveis aos programas de análise lexical e sintática. Não podem conter lacunas (nem lexicais, nem descritivas) e todas as informações lingüísticas têm de estar coerentemente estruturadas.

O que difere o dicionário eletrônico das versões digitais está no fato de que o segundo é exatamente idêntico às tradicionais edições em papel desses mesmos dicionários que são consultados por

LÉXICO E SEMÂNTICA

humanos e não podem em caso algum ser diretamente explorado por programas de análise automática de textos.

A proposta de Processamento da Linguagem Natural é possibilitar, com os recursos de que dispõe, utilizar ao máximo o que é previsível e determinado dentro da língua e explorar o que ela oferece em termos de interpretação e expressividade, nem sempre previsíveis, pois dependem também de fatores extralingüísticos, como a situação e o conhecimento compartilhado.

A IMPORTÂNCIA DO LÉXICO

Com isso o léxico surge com um fator de crucial importância em qualquer sistema de processamento automático de texto, pois é através dele que se dá a formação de palavras simples e complexas que são utilizadas na descrição.

As unidades textuais de mais baixo nível são as palavras. Assim, a primeira fase de tratamento de um texto passa inevitavelmente pela sua análise lexical. E isto consiste em:

- Identificar as unidades lexicais do texto;
- Descrever cada uma delas através de informações lingüísticas formalizadas, à cabeça das quais se encontram as de natureza morfológica e categorial;
- Resolver o maior número de ambigüidades lexicais provocadas pela homografia.

Separar as unidades lexicais de palavras simples como andar, modelo, par e passo não é complicado: elas são separadas tipograficamente um das outras. Porém, muitas unidades lexicais não são palavras simples. São palavras compostas como a estrutura *par e passo*, formada por duas palavras simples.

O sistema de etiquetagem das palavras do texto, isto é, a associação de informações lingüísticas, depende crucialmente da noção de palavra simples e composta. Se o sistema de etiquetagem não é utilizar a noção de composto a palavra par, por exemplo, receberá o mesmo tratamento quer em:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(1) Cada um dançou com o seu par.

em que par é uma palavra simples e pluralizável, ao contrário do outro exemplo em:

(2) Todas as decisões foram tomadas *a par e passo*.

em que o mesmo elemento perde as propriedades (sintáticas e morfológicas) que tem em (1). Ele só tem valor dentro da combinação *a par e passo*, que no seu todo se comporta como um advérbio e deve ser etiquetada como tal.

Como nos exemplos acima existem inúmeros casos de expressões compostas com estruturas de: Nome e Nome, Nome adjetivo, Nome e sintagma verbal, etc. e para os identificar de forma fundamentada é necessária utilizar alguns critérios lingüísticos como afirma Ranchhod (1990, p. 49) e Baptista (1995, p. 66):

...que vão desde a análise do seu comportamento morfológico, até à verificação da sua, total ou parcial, perda de composicionalidade, lexical, sintática e semântica. Esses critérios são igualmente necessários para distinguir os nomes compostos de grupos nominais livres.

Uma seqüência será considerada composta, se apresentar restrições quanto às propriedades sintáticas em relação à outra seqüência com a mesma categoria de palavras.

É na intersecção dos vários critérios que se define a composicionalidade de uma dada combinação que será tanto mais fixa, quanto mais restrições se observarem em relação às propriedades sintáticas que caracterizam um grupo nominal livre formado pela mesma seqüência interna de categorias gramaticais.

Estes procedimentos são essenciais para a codificação de dados na formação de um dicionário eletrônico, pois o processamento automático necessita, antes de mais, de um tratamento das unidades básicas da língua (palavras simples e compostas) diferente do que é feito pelos dicionários de uso informatizados.

As expressões cristalizadas ou fixas, segundo Vale (2001, p. 130),

São expressões formadas por mais de um segmento (um segmento compreendido, em língua escrita, como uma seqüência de letra delimitada por dois separadores, qual seja: um espaço em branco, um sinal de

LÉXICO E SEMÂNTICA

pontuação) cujo significado total não se pode ser deduzido pelo significado das partes que a compõem.

Por exemplo, a expressão “*fazer uma vaquinha*” não significa que alguém irá confeccionar uma vaca, mas sim juntar uma certa quantidade de dinheiro.

Este tipo de expressão é muito comum na nossa língua e aparece em várias estruturas como as substantivais, ex: “*plano de saúde*”, as adverbiais, ex: “*dos pés a cabeça*”, com verbo-suporte “*fazer gato e sapato*”, etc. De uma maneira geral as expressões cristalizadas (EC) se estruturam como frases comuns, mas que precisam de um contexto que impeça as interpretações de forma errônea, ou seja, de modo partitivo.

O dicionário eletrônico colabora para sanar com problemas gerados pela semântica das palavras ou estruturas, o que dificulta o manuseio do idioma por estrangeiros que buscam ter o contato com textos escritos, e isto funciona como uma forma de igualar as diferenças tornando as leituras e interpretações textuais mais completas nas línguas em que estão sendo elaboradas pesquisas para a implementação do dicionário eletrônico.

Na constituição de um dicionário eletrônico, a listagem das formas deve ser a mais completa possível. Isto diz respeito tanto às formas canônicas como as formas flexionadas. Para uma língua como o português, um dicionário destinado à utilização em máquina deve explorar de modo aprofundado as estruturas flexionadas e isto se refere à flexão verbal e também a outras classes que tenham essas propriedades como os substantivos e os adjetivos.

É importante ressaltar que se faz necessário observar as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas das estruturas que obedecem aos critérios de aceitação e não-aceitação, realizados por pesquisadores franceses de lingüística (Laporte, 2000) e brasileiros (Vale, 2001; Smarsaro, 2004) os estes testes são realizados no sentido de cercar os limites entre a aceitação ou não de outros itens lexicais alocados no interior da estrutura, para verificar a sua fixidez.

Estes testes são utilizados na análise das ocorrências, levando em conta as distribuições sintáticas dos componentes de cada sequência e a interpretação lingüística dos falantes nativos. Os critérios

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

utilizados que se referem às propriedades sintático-semânticas e morfológicas são os seguintes:

- Variação em gênero;
- Variação em número;
- Variação em grau;
- Substituição de parte do SN por outro;
- Substituição do determinante do SN;
- Redução ou elipse de SN;
- Inserção de um item lexical no grupo nominal;
- Coordenação do adjetivo com outro adjetivo;
- Inserção de um advérbio na EC.

Com base nestes critérios seguem-se aqui uns exemplos que representam os três primeiros pontos como forma de demonstração dos critérios

Variação em Gênero

No que se trata da variação em gênero, pode ocorrer ou não um bloqueio da EC.

- a) – João está com uma *cara porca*.
- b) – Ana está com uma *cara porca*.
- c) * – João está com *um cara porco*.
- d) * - Ana está com *um cara porco*.

A mudança de gênero no exemplo 1, efetuada no sujeito masculino para o feminino não apresenta bloqueio na EC. Para os exemplos 1-(c) uma simples variação do artigo interferiu no grau de fixidez da EC, pois em 1-(b) o sentido aponta para um rosto com a expressão de safado e em 1- (c) entende-se que João está acompanhando um homem sujo.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Variação em Número

2 – João está com uma *cara porca*.

a – Ana e João estão com *uma cara porca*.

b - * Ana e João estão com *umas cara porca*.

c - ? Ana e João estão com *umas caras porca*.

d – Ana e João estão com *umas caras porcas*.

A expressão ao ser testada com o critério 2, demonstra cum-
plicidade com o artigo, pois na frase 2.a o artigo está no singular e a
expressão permanece no singular. Já para a frase 2.d o artigo foi para
o plural e a expressão também, o que torna aceitável as frases 2b e 2c.

Variação em Grau

No ponto em que se encontra nossa pesquisa os testes em
grau só foram efetuados no modo sintético com o sufixo -inho.

João está com uma *cara porca*.

a- * João está com uma *cara porquinha*.

b- * João está com uma *carinha porquinha*.

c- João está com uma *carinha porca*.

O sufixo -inho indica afetividade, quando acrescentado a uma
palavra, mas para as frases acima somente a 3.b tornou-se aceitável,
a 3.c torna-se duvidosa, pois para o falante nativo é aceitável, mas
lingüísticamente ela foge as regras. Para a frase 3.a é totalmente ina-
ceitável a variação na última palavra em se tratando de uma palavra
composta.

Observamos também a variação em grau dessas expressões no
modo analítico.

João está com uma *cara porca*.

*João está com uma *pequena* cara porca.

*João está com uma *minúscula* cara porca.

*João está com uma *grande* cara porca.

*João está com uma *enorme* cara porca.

As formas “pequena cara porca” e “grande cara porca” causam estranhamento não por questões de lingüística, mas sim por questionar o tamanho. Para se dizer que alguém tem a *cara porca* não precisa indicar o tamanho.

Os exemplos demonstrados acima geram a formalização das estruturas para a inserção em dicionário eletrônico. Segue-se abaixo uma pequena amostra dos processos de formalização:

FORMALIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS

Procuramos apresentar uma formalização das classes Nome adjetivo (Nadj.), Nome preposição e nome (N de N), descritas a partir de critérios morfossintáticos e semânticos no 1º semestre.

Classe	Exemplos	Número de Ocorrências
Nadj	Cara porca	31
N de N	Cara de sono	49

A formalização consiste em apresentar uma descrição codificada das propriedades estruturais (morfológicas, sintáticas e semânticas) para inserção em programas de dicionário eletrônico.

Para a classe Nome adjetivo (Nadj.) a simbologia utilizada é resultado da aplicação de critérios.

“N” é usado para indicar a categoria de substantivos.

Quando a seqüência (N) for adjetiva, anota-se “Nadj.”, quando não é, anota-se “Nsubst.” Ex: Cara porca (Nadj.) ou cara honesto (Nsubst.). Junto a esta seqüência ocorrerá ou não a função predicativa, quando sim, anota-se “+f.pred.”, quando não, anota-se “-f. pred..” Ex: Cara feia (Nadj. + f. pred.) ou cara larga (Nadj. – f.pred.).

Quando o resultado da aplicação de critérios apresentar variação em gênero, anota-se “+g”; quando não apresenta, anota-se “-g”. Os códigos (+g ou -g) indicam que os substantivos podem ser flexionados em gênero. Ex: Cara amarrada (Nadj. + f. pred. -g).

LÉXICO E SEMÂNTICA

Quando a seqüência (Nadj.) não apresenta a variação em número, anota-se “-n”, quando apresenta, anota-se “+n”, sendo que este “n” se dividirá em “n¹” e “n²”, indicando a variação por partes dentro da própria seqüência. Ex: Cara suja (Nadj. – f. pred. – g + n) ou cara legal (Ndj. + f.pred. – g + n¹ + n²).

Quando a seqüência (Nadj.) não apresentar variação em grau, anota-se “- Ngr”, quando sim, anota-se “+Ngr” e nesta simbologia acrescenta-se ainda os números 1 e 2 que indicam a parte que irá variar em grau. Ex: Cara azeda (Nadj. + f. pred. – g + n¹ + N¹gr) ou cara triste (Nadj. + f.pred. – g + n¹ + n²+ N¹gr + N²gr

A aplicação de critérios também levou em consideração se “n¹” tem “n²”, quando sim, anota-se “+ter”; quando não, anota-se “-ter”. Os códigos (- ter ou +ter) indicam a representação da existência de uma frase simples N² ter N¹, na qual N² e N¹ conservam o mesmo sentido da palavra composta N¹ de N².

Ex.: Cara lavada (Nadj. + f. pred. – g + n¹ + n² + N¹gr – ter + n: fs).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um dicionário eletrônico com estas propriedades se configura como uma condição para a melhoria da qualidade de programas computacionais, que lidam com processamentos da linguagem natural.

Isto se faz necessário, pois em várias línguas existem muitas palavras com características de composição e a descrição de nomes compostos pode, possivelmente, solucionar grande parte de um dos problemas clássicos no processamento das línguas-reconhecimento de formas numa seqüência linear sem o comprometimento do sentido das informações, eliminando-se ambigüidades, redundâncias, repetições e informações agramaticais.

Sendo assim é possível organizar uma metodologia para o português que abrange os para falantes nativos e para estrangeiros fundamentada em melhores condições didáticas.

REFERÊNCIAS

GARRÃO, Milena de Uzeda. *Um estudo de expressões cristalizadas e sua inclusão em um tradutor automático bilíngüe (português/inglês): o caso de “bater + SN”*. 2001. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2001.

SMARSARO, Aucione das Dores. *Descrição e formalização de palavras compostas do português do Brasil para elaboração de um dicionário eletrônico*. Tese de doutoramento. 2004. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2004.

VALE, Oto Araújo. *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Tese de doutoramento. 2001. Araraquara: UNESP, 2001.

CAMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

BASÍLIO, Margarida. *Formação de palavras no português do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RANCHHOD, Elizabete Marques. *Tratamento das línguas por computador: Uma introdução à lingüística computacional e suas aplicações*. 1ª ed. Lisboa: Tipografia Louzanense, 2001.

BAPTISTA, J.M.E. *Estabelecimentos e formalização de classes de nomes compostos*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. 1994.

LÉXICO E SEMÂNTICA

ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO: PRIMEIRAS ABORDAGENS

Márcia Regina Teixeira da Encarnação (USP)
profamarciairegina@ig.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um breve olhar sobre a realidade atual das diversas comunidades lingüísticas brasileiras revela as profundas modificações pelas quais elas têm passado nos últimos anos. Neste jogo dialético entre inovação e conservação, a fala retrata elementos antigos, aceita as inovações e parte incessantemente para uma conseqüente variação, movida por razões sociais e culturais.

Essas transformações, trazidas pela evolução dos meios de comunicação, cuja influência exerce um papel significativo nas mudanças dos hábitos lingüísticos, e ainda, pelo deslocamento dos habitantes de uma região para outra, acabam provocando, não só uma reconstituição demográfica, mas também mudanças irreversíveis nos usos lingüísticos da comunidade, promovendo uma irretroativa quebra de limites e de fronteiras.

Seria, porém, simplificar demais dizer que as migrações para a cidade e a mídia são as únicas responsáveis pela desintegração de muitas culturas locais. Trata-se, na verdade, de uma soma de fatores que atuam nesse sentido, mas não é nosso objetivo discuti-los aqui. Não obstante todas essas formas de influências, iremos nos ater às relações entre o espaço geográfico e as variações lingüísticas, o que nos leva ao campo da Dialetoлогия.

Esta comunicação retende mostrar os procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores ligados à Geolingüística, apresentar m estudo de caso feito no município de São Paulo e uma análise semântico-lexical dos primeiros dados obtidos na questão de número 1, no campo semântico 15, intitulado ‘Vida urbana’: “Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? [Onde os carros devem parar para as pessoas ou outros carros passarem?]”

O Comitê Nacional do Projeto ALiB aponta *sinaleiro* como provável resposta a essa questão. Entretanto, no começo da pesquisa já obtivemos variações lexicais que serão analisadas.

A DIALETOLOGIA E A GEOLINGÜÍSTICA

A Dialetoлогия é proveniente da palavra grega *dialektos* que significa diferença, diversidade. Essa consciência de variação não é recente, pois a noção de dialeto provém dos gregos. Esses, segundo Brandão (1991), já distinguiam quatro variantes regionais de sua língua – o jônico, o dórico, o eólico e o ático. No grego clássico, esses dialetos eram considerados como adequados para expressar determinados gêneros de literatura, a saber: o dialeto jônico expressava o gênero épico – *Ilíada*, *Odisséia* – Homero; o dialeto dórico expressava as odes – Píndaro; o dialeto eólico, a poesia lírica e o dialeto ático, o drama. Também entre os romanos, cuja sociedade era extremamente estratificada, encontramos menções à variabilidade de natureza social: a linguagem corrente – como testemunham alguns escritos latinos – recebia subclassificações, como *sermo urbanus*, *sermo plebeius*, *sermo rusticus*.

Entende-se por Dialetoлогия um estudo das variações na utilização de uma mesma língua por indivíduos ou grupos sociais de origem geográficas diferentes.

A Geolingüística é o método da Dialetoлогия que estuda a variação lingüística em suas várias manifestações dentro de um espaço determinado.

OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método geolingüístico investiga a língua oral e, por esse motivo empreende pesquisas de campo, registrando os dialetos e os falares. Esse resgate torna-se possível por meio da aplicação de um questionário previamente elaborado a determinados sujeitos e pela elaboração de cartas, onde as respostas são registradas e pelas quais podemos, então, obter o mapeamento das variantes lingüísticas. Essas cartas registram diversos fenômenos que nos permitem compreender melhor alguns fatores da história da língua, como as migrações

LÉXICO E SEMÂNTICA

de palavras de uma região a outra, os centros de irradiações, e muitas outras, dando-nos uma visão de conjunto que por outro método seria difícil conseguir.

A primeira etapa para a aplicação do método é a escolha dos pontos. Chamamos de ponto lingüístico a cada uma das localidades em que se recolhem os dados de natureza lingüística. Para esse projeto, foram selecionadas cinco grandes regiões, que correspondem às cinco subprefeituras do município de São Paulo.

A segunda é a escolha do instrumento para a coleta de dados. Nesse caso, optamos pelo questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – Projeto ALiB, versão 2001, ao qual acrescentamos novas perguntas, de modo a considerar o universo antropocultural da cidade de São Paulo. Recortado em áreas temáticas e em subáreas, as lexias obtidas como respostas dos sujeitos constituem o material de análise para nossa pesquisa.

A importância da utilização de questionários estruturados para a pesquisa dialetológica é reconhecida pelos dialetólogos e geolinguístas, pois sua aplicação permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados, necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos. Dessa forma, todo o material colhido, pode ser cotejado com outros falares, de outras regiões do País, ou ainda, comparado com outros, futuramente, nessa mesma região.

Para a elaboração desse questionário, segundo o texto de apresentação do ALiB, foram considerados estudos de diferente natureza existentes sobre o português regional do Brasil, os questionários dos atlas já publicados e aqueles disponíveis dos atlas em andamento, e também os questionários do AliR- *Atlas Linguistique Roman* e do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e Galiza. Foram também examinados os resultados cartografados nos atlas nacionais.

Segundo o Comitê realizador do Projeto ALiB, a seleção desses itens inclusos no QSL tem como objetivo documentar o registro coloquial do falante, procurando retratar as formas de emprego mais gerais da comunidade pesquisada, sem, com isso, priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de certos grupos.

Depois, passamos à escolha dos sujeitos. Para essa seleção baseamo-nos não só nos trabalhos de Silva Neto (1957), de Nascen-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tes (1958), de Caruso (1983), mas também, nas postulações do Projeto ALiB. Para essa primeira abordagem, decidimos pela seleção de dois sujeitos, dos dois gêneros, na faixa etária de 50 a 65 anos e a opção por qualquer um dos três níveis de escolaridade: fundamental, médio ou superior.

Após as entrevistas, ouvimos as gravações e fazemos as transcrições grafemáticas das falas dos sujeitos, tendo-se utilizado os sinais definidos por Marcuschi (1986). Retratamos as variáveis semântico-lexicais, independente de suas variações fônicas ou da pronúncia peculiar de cada ponto.

A seguir, após uma revisão de todo o material coletado, as respostas dos sujeitos são dispostas numa planilha do aplicativo Excel da Microsoft a fim de se registrar os dados e gerar as respectivas tabelas que nos permitem observar as lexias com maior acuidade, possibilitando-nos o levantamento estatístico para a análise quantitativa, para as posteriores análises semântico-lexicais e para a elaboração das cartas lexicais.

Segundo Oliveira (1980, p. 57):

Carta é a representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinada a fins práticos da atividade humana, principalmente à avaliação precisa de distâncias, direções e a localização geográfica de pontos, áreas e detalhes – é comumente considerada como uma representação similar ao mapa, mas de caráter especializado construído com uma finalidade específica.

Elaborar cartas lingüísticas é retratar a distribuição das lexias nos determinados pontos estudados, é dar forma física ao conteúdo das entrevistas, é retratar as variações lingüísticas encontradas, enfim, é documentar o falar dos sujeitos da região pesquisada.

O ESTUDO DE CASO E A ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL

A estratégia de estudo de caso contribui para a compreensão de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, e nos permite uma investigação para se preservar características significativas de eventos da vida real, tais como as mudanças que porventura possam ocorrer em uma determinada região, servindo, não apenas como uma ferramenta exploratória, mas também para descrever ou

LÉXICO E SEMÂNTICA

testar proposições. Nos estudos geolingüísticos, essa estratégia de pesquisa representa uma maneira de investigar um tópico empírico no qual seguimos um conjunto de procedimentos pré-estabelecidos. Nessa pesquisa, o estudo de caso beneficia-se do fato de essas mesmas questões serem apresentadas a outros pontos diferentes, sendo que as respostas obtidas podem ser comparadas a fim de comprovar a sua consistência. Essa comparação pode demonstrar que os resultados não diferem, evidenciando que, em uma pequena amostragem, os resultados colhidos podem ser extremamente úteis e devem ser considerados importantes fontes de pesquisa, ajudando-nos a identificar fontes relevantes de evidências.

Depois de se definir como pontos iniciais da pesquisa, os bairros de Santana/Tucuruvi, na zona norte do município de São Paulo e de encontrar os sujeitos que estão na faixa etária pretendida, de 50 a 65 anos, de ambos os gêneros, realizamos as entrevistas.

No *corpus* de um trabalho geolingüístico, as respostas dos sujeitos a uma determinada questão fornecem as lexiás, objetos de nossa análise.

Após os procedimentos anteriores, partimos, então, para a análise propriamente dita, focalizando a questão de número 1, no campo semântico 15, intitulado ‘Vida urbana’: “Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? [Onde os carros devem parar para as pessoas ou outros carros passarem?]” Os sujeitos não mostraram nenhuma dificuldade para responder. Obtivemos apenas lexiás simples – farol, semáforo e sinal – em todas as respostas. O tema sugerido pelo Projeto ALiB ‘sinaleiro’ não aparece nas respostas de nossos sujeitos, mas as lexiás utilizadas na fala dos sujeitos faz referência ao objeto em questão. Em vista disso, consideramos que eles entenderam a pergunta.

Classificamos as variantes de acordo com a proposta de Pottier (1978), pesquisamos nos dicionários as respostas/ocorrência, buscando a relação parassinonímica que existe entre essas respostas dadas pelos sujeitos e o tema da questão sugerido pelo Projeto ALiB – *sinaleiro*.

A parassinonímia consiste em buscar o sema de relação de sentido entre dois ou mais vocábulos de significação muito próxima

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que permite muitas vezes que um seja escolhido pelo outro em alguns contextos, sem alterar o sentido literal da sentença como um todo. Ocorre quando a dois ou mais elementos do conjunto significante, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado.

Essa relação de parassinonímia será estabelecida em lexias encontradas no *corpus* da nossa pesquisa e será definida em função da implicação recíproca, ou seja, em função da equivalência.

O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, de Cunha (1982) traz:

FAROL, Construção na costa, provida de luz que emite sinais aos navegantes. Lanterna, candeeiro. *faroll* sex XV – do castelhano *farol*, derivado do catalão antigo *faro* e este, do grego *pharos*. Faro, “farol” – séc. XVI do latim *pharus*. Faroleiro – 1858, farolete – séc. X

semÁFORO: substantivo masculino ‘telégrafo aéreo instalado nas costas marítimas para assinalar os navios à vista e com eles se corresponder’; ‘poste de sinalização ferroviária ou rodoviária que orienta o tráfego por meio de mudanças de cor das luzes’ – 1890. Adaptação do francês. *Sémaphore*. Proveniente de SEM (A), Semato – elemento composto de grego *sema-atos* – ‘sinal, marca, significação’ que se documenta em vocábulos formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.

sinalEIRA substantivo feminino, ‘sinal luminoso regulador do trânsito’, XX, proveniente de SIGNO substantivo masculino. Sinal, símbolo, marca. *sina* substantivo feminino ‘insígnia, bandeira’, ‘sorte, destino’ – XIII, *signa* XIV, *syna* XIV – forma divergente semi-erudita do popular *senha* e do erudito *signa*. sinal substantivo masculino signo – XIII, *signal* XIII do latim *signalis*. sinalADO – XIII, *sinaado* XIII, *sy* – XIV etc. sinalAR verbo ‘assinalar’ – *sy*. XIV.

O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Aulete (1958), traz:

SINALEIRO, substantivo masculino, aparelho destinado a dar automaticamente sinais luminosos para regular o tráfego; *sinal*; *sinaleira*; *semáforo*.

SINAL, substantivo masculino (bras.) (pop.) O mesmo que *sinaleira* ou *sinaleiro*.

SEMÁFORO, substantivo masculino. Telégrafos aéreos, estabelecidos em pontos elevados da costa ou junto de portos, para noticiar a passagem ou chegada de navios; Poste de sinais nas vias férreas, com farol e hastes móveis para indicar aos maquinistas se a via está livre.

Proveniente do grego: *sema* (sinal) + *phoros* (que leva) = SEMÁFORO

O *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Borba (2002), traz definições e exemplos:

LÉXICO E SEMÂNTICA

FAROL Aparelho para dar sinais luminosos reguladores de trânsito; semáforo: *Os motoristas descem, se insultam, um pergunta se o outro está cego, se não viu o farol (ESP). Vencemos o farol da Rangel e entramos pisando na Clóvis Bevilacqua.*

SEMÁFORO1 poste de sinalização urbana, destinado a orientar o tráfego por meio de mudança da cor de luzes: *instala-se um semáforo num cruzamento para aumentar a segurança; [Valéria] esperava o semáforo abrir num cruzamento de São Paulo. 2 cruzamento em que há ~: No primeiro semáforo crianças maltrapilhas vêm vender rosas.*

Vimos, no caso da relação de sentido entre as lexias sinaleiro (L1), semáforo (L2), farol (L3) e sinal (L4) que, cada uma delas possui seus próprios semas, mas nas respostas dos sujeitos da nossa pesquisa ocorre uma intersecção não vazia, ou seja, possuem semasem comum.

$$L1 \cap L2 \cap L3 \cap L4 \neq \emptyset$$

Esse resultado, obtido com a aplicação de QSL mostra que a parassinonímia exerce grande pressão sobre a dimensão produtiva da linguagem, considerando-se que a unidade de sentidos é, por assim dizer, a palavra em uso no discurso.

As lexias sinaleiro (L1), semáforo (L2), farol (L3) e sinal (L4) possuem uma relação de parassinonímia definida em função da implicação recíproca, ou seja, em função da equivalência.

Ao chamarmos de R1, R2, R3 e R4, as respostas obtidas; e de T, a resposta sugerida pelo QSL, denominada tema, em que \supset significa “implica” e \equiv significa “equivalente a”, encontramos:

Se R1, R2, R3 e R4 \supset T e se, T \supset R, então R1, R2, R3 e R4 \equiv T

Se todas são equivalentes podemos considerá-las parassinônimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que, as palavras, ao se relacionarem, concedem entre si um valor significativo, ampliando o espaço configurativo da linguagem, estabelecendo parâmetros de produção de sentidos, caracterizando e dimensionando situações de uso da língua. Respondem pela dinamização do universo de conhecimento, de forma a tornar-se suscetível de mudanças dialetais, conforme as necessidades.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A pesquisa de ordem lexical de uma região permite ao pesquisador adentrar o universo cultural de um povo, reconhecendo nele as suas influências geográficas e históricas, a ação do homem sobre a natureza e o seu perfil social. O léxico de uma língua natural registra o conhecimento do universo na forma de palavras. Ora, o tesouro vocabular de um idioma constitui um conjunto de dimensões indeterminadas.

Segundo Vilela (1994, p. 6), “o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade (...) é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.”

Os estudos de base lexical, por sua natureza básica, seja a de estabelecer, organizar e veicular os signos na relação do homem com o mundo que o rodeia, nos propiciam o reconhecimento das diferenças culturais que compõem a realidade de um mesmo país.

A relevância de um documento dessa natureza é incomensurável porque, além de representar a memória lingüística da comunidade pesquisada, é uma contribuição importante para o conhecimento do estágio atual da língua portuguesa falada no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALIB. *Atlas lingüístico do Brasil: Questionário*, 2001.

ALVAR, M. *Estúdios de geografia lingüística*. Madrid: Paraninfo, 1991.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CÂMARA JR., M J. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

LÉXICO E SEMÂNTICA

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

ENCARNAÇÃO, M. R. T. *Estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela*. 200 p. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.

LYONS, J. *Linguistics Semantics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

OLIVEIRA, C. *Dicionário cartográfico*. Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980.

POTTIER, B. et al. *Estruturas lingüísticas do português*. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1978.

———. *Lingüística geral: teoria e descrição*. Tradução de W. Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

**MODALIDADE, ILOCUTÓRIO
E CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS:
NOTAS SOBRE O VERBO “DAR”**

Leilane Ramos da Silva (UFS)
leilane-ramos@bol.com.br

A par da idéia de que a língua é uma forma de ação, a singularidade deste estudo reside em apresentar estruturações lingüístico-discursivas constituídas com o verbo DAR + nome (ou variações), denominadas de Construções Lexicais Complexas - CLC(D)s, como veiculadoras não apenas de atos de fala, mas também de efeitos modalizadores, que são definidos a par das forças ilocucionárias que nelas são projetadas.

Para dar conta dessa proposta, realçam-se os princípios da Teoria dos Atos de Fala – notadamente a classificação dos atos ilocucionários proposta por Searle (1969, 2002) e a estratificação dos graus de intensidade das forças ilocucionárias tratadas em Vanderveken (1985) – entrelaçados aos da modalização lingüística e, para esse peculiar, recorre-se às vozes de Koch (1987), Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989), Neves (2000; 2002), entre outros.

Agora, uma pergunta parece inquietante: o que são Construções Lexicais Complexas – CLCs ou, ainda, CLC(D)s?

Grosso modo, diz-se que uma Construção Lexical Complexa é estrutura lexical constituída de verbo + nome (ou variações) quando essas expressam uma idéia conjunta, como ocorre nos exemplos seguintes: *tomar banho*, *levar bolada*, *dar um duro (na padaria)* e outros.

Como é possível atestar, tais estruturas podem ser reduzidas a só um item lexical, substituindo um verbo pleno. O que significa dizer que, em uma construção complexa, o verbo que a constitui, primariamente com o valor funcional de predicar, perde sua força predicativa e assume um caráter mais gramatical. Em algumas situações, os verbos a que se reduzem essas estruturações apresentam uma relação estreita com o nome (ou variação) que as configuram, como apresentado em *tomar banho* (= banhar-se) e *levar bolada* (bo-

LÉXICO E SEMÂNTICA

lear-se), outras vezes isso não acontece, nos casos cujo sentido veiculado é de caráter mais metafórico, como explícito em *dar um duro na padaria* (= trabalhar muito).

Dessa forma, pode-se afirmar que tais construções são interdependentes da coexistência de elementos formais, semântico-funcionais e, sobretudo, pragmáticos, tendo em vista o contexto discursivo onde elas se realizam. Aliás, a dependência significativa a esse ambiente situacional a que as CLCs estão submissas permite evidenciar os efeitos modalizadores veiculados por essas perífrases verbais.

Considerando-se que o número de registros de CLCs constituídas com o verbo “dar” foi bastante recorrente no *corpus* investigado¹² – um total de 283 ocorrências – e diante do fenômeno da polissemia que atinge esse item lexical (Salomão, 1990), optou-se por descrever tais estruturas lingüísticas com esse verbo (daí a sigla CLC(D) = Construção Lexical Complexa com o Verbo “Dar”).

Enquanto perífrases geradas pela presença de elementos lingüísticos selecionados e organizados pelo falante no momento da interação verbal, pode-se afirmar que as CLC(D)s representam parte integrante de um texto (Koch, 1987) e podem acionar “atos de fala” capazes de produzir efeitos modalizadores diferenciados para a enunciação.

Como se sabe, de acordo com a Teoria dos Atos de Fala TAF, postulada pelo filósofo inglês John Austin, em 1962, a enunciação é marcada por três atos complementares: a) locutório ou locucionário: produção de uma série de sons dotados de um sentido numa língua específica; b) ilocutório ou ilocucionário: correspondente à ação – ordem, promessa, agradecimento, etc. – que pode ser realizada por

¹² Tais construções foram extraídas do *corpus* do projeto Variação Lingüística do Estado da Paraíba -VALPB, coordenado pelo Prof. Dr. Dermeval da Hora de Oliveira. O *corpus* do VALPB foi publicado em cinco volumes, que foram distribuídos com base na variável “anos de escolarização, a saber: *Volume I* – Informantes com nenhum ano de escolarização; *Volume II* – Informantes de 01 a 04 anos de escolarização; *Volume III* – Informantes de 05 a 08 anos de escolarização; *Volume IV* – Informantes de 09 a 11 anos de escolarização; *Volume V* – Informantes com mais de 11 anos de escolarização.

meios linguageiros; c) perlocutório ou perlocucional: a reação ao que fora gerado por intermédio do ato ilocucionário.

Atrelada a essa teoria reside a noção de ‘força ilocucionária’, responsável pela forma por meio da qual a mensagem deve ser entendida pelo seu interlocutor. Diz-se, então, que é a essa força que se deve o conjunto de atos de fala e, por extensão, os vários efeitos discursivos veiculados por uma CLC(D), facilmente identificados nos textos orais¹³. Para observação desses aspectos, optou-se por adotar uma classificação que, embora não esteja imune a críticas, ao menos questiona a natureza desses atos a partir das especificidades das forças ilocucionárias, na tentativa de justificar a diversidade de atos reconhecidos.

Dessa forma, apesar de se reconhecer o valor das diversas classificações dos atos de fala, para este estudo, lançou-se mão da taxinomia dos atos ilocucionários proposta por Searle (1969, 2002) e, simultaneamente, das observações de Vanderveken (1985) acerca da tipologia de graus de intensidade das forças ilocucionárias.

Ora, considerando o fato de as CLC(D)s serem capazes de veicular efeitos modalizadores, adotou-se o posicionamento de Pierre (1992), para quem tal efeito é interdependente da força ilocucionária.

A aplicabilidade desse trílogo teórico-conceitual exigiu que a explicitação dos efeitos observasse os graus de intensidade pertinentes às respectivas forças ilocucionárias presentes nos atos, em consonância com a descrição da esfera caracterizadora da contextualização discursiva tratada, se da informação, da avaliação ou da ação (Chabrol, 2001)¹⁴. Uma vez apresentada a diretriz metodológica adotada

¹³. Na verdade, a noção de força ilocucionária ocupa um lugar especial no bojo dessas reflexões, seja quando se tenta classificar os atos de fala, seja quando a atenção se volta para o desmistificar das várias instâncias modalizadoras inerentes a esses atos ou a uma contextualização discursiva como um todo. A propósito, pode-se dizer que em todos os empenhos em classificar os atos de fala, entre eles o do próprio mentor da teoria - Austin -, a noção de força ilocucionária sempre se faz presente, posto ser entendida como diretriz motivadora da ação empregada com um fim específico.

¹⁴ Chabrol (2001) afirma a existência de cinco esferas discursivas de atos de fala - da informação, da avaliação, interacional, acional e contratual. No *corpus* deste estudo, caracterizado por ser um conjunto de entrevistas, foram identificadas ocorrências de CLC(D)s apenas em três dessas esferas: a) *avaliação*: marcada pela avaliação de um locutor frente a uma proposta

LÉXICO E SEMÂNTICA

neste estudo, urge destacar, agora, as informações teóricas relevantes.

No geral, Searle (1969; 2002) observa a natureza dos atos a partir da caracterização de suas forças ilocucionárias. Tais especificidades são observadas mediante: 1) o propósito do (tipo de) ato; 2) a direção do ajuste entre as palavras e o mundo; 3) os estados psicológicos expressos; 4) a força com que o propósito ilocucionário é apresentado; 5) o estatuto do falante e do ouvinte relativo à força ilocucionária da emissão; 6) o modo como a emissão se relaciona com os interesses do falante e do ouvinte; 7) as relações com o resto do discurso; 8) o conteúdo proposicional determinado pelos dispositivos indicadores da força ilocucionária; 9) os atos que devem sempre ser atos de fala e os que podem, mas não precisam, ser realizados como atos de fala; 10) os atos que requerem e os que não requerem instituições extralingüísticas para sua realização; 11) os atos em que o verbo ilocucionário correspondente tem um uso performativo e aqueles em que isso não acontece; 12) o estilo de realização do ato ilocucionário.

Para o autor, os atos ilocucionários se definem em: *assertivos*, *diretivos*, *compromissivos* e *expressivos*. Por não conseguir incluir todos os atos nessas quatro classes, fez valer uma outra tipologia – a das *declarações* – para comportar os casos, “... em que se faz existir um estado de coisas ao declarar-se que ele existe, casos em que “dizer faz existir” (Searle, 2002, p. 25).

Os *assertivos* são os atos que comprometem o falante com a verdade expressa, sendo seus membros avaliados como “verdadeiro” ou “falso”.

Os *diretivos* são aqueles cujo propósito ilocucionário valida uma tentativa do falante em fazer com que o ouvinte realize uma a-

(sua ou do interlocutor), em conformidade às normas deônticas, de saberes epistêmicos ou da coerência enunciativa / argumentativa; b) *informação*: incluem-se, aqui, as descrições, as explicações e/ou exemplificações e, nesse caso, o que está em jogo é a verdade ou falsidade da denotação referencial; e c) *ação*: incitar funciona como palavra de ordem, ora enquanto motivadora (ou não) da ação alheia, ora como forma de engajamento do próprio falante na execução (ou não) de uma dada ação.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção futura. Entre os verbos caracterizados como dessa classe, estão os seguintes: ask (pedir) e order (ordenar).

A classe dos *compromissivos* diz respeito aos atos caracterizados por um grau específico de comprometimento do falante com alguma linha de ação futura.

Já os *expressivos* representam atos que denotam a expressão de um estado psicológico. São exemplos: thank (agradecer), congratulate (congratular) e apologize (desculpar-se).

Quanto às *declarações*, diz-se que sua principal característica é a de que, quando bem-sucedidas, garantem a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade. Ao nomear com sucesso X para secretário (de uma empresa), por exemplo, X é o secretário.

É possível mesclar tal classificação às convicções de Vanderveken (1985), para quem qualquer proposição (**P1**), proferida em um dado contexto, carrega uma força ilocucionária que se realiza em um ponto específico, sob um grau **X** de intensidade. Indubitavelmente, o compromisso de um falante ao jurar a execução de uma ação futura é maior do que quando ele apenas aceita fazer tal ação.

Igualmente, ao usar as CLC(D)s, o falante pode empreender uma força ilocucional com nível **X** de intensidade e gerar um grau de adesão maior (ou menor) ao que explicita, sobretudo avaliando algo e, nesse peculiar, um efeito modalizador se configura.

Como o interesse, aqui, não é esclarecer todas as observações de Vanderveken (1985) acerca das características dos graus de intensidade dos pontos ilocucionais, eis ao menos como esses graus são representados formalmente: **0** é o grau médio ou nulo de intensidade (asserções); **+1** representa o grau de intensidade mais forte imediatamente superior (atos emitidos por testemunhas); **+2** é o próprio grau; **-1** representa o grau imediatamente mais fraco do que o **0** (o das conjecturas, por exemplo) e assim por diante.

Baseada nessa categorização, uma formalização para os graus de intensidade inerentes às forças ilocucionárias das CLC(D)s identificadas no *corpus* é a seguinte: **+1**, enquanto forma de representação do grau máximo de intensidade de um ponto ilocucional, vai marcar atos de fala cujo efeito é + acentuado; **0**, sendo o grau médio ou nulo

LÉXICO E SEMÂNTICA

de intensidade, caracteriza as forças ilocucionárias dos atos que, independentemente das esferas onde se originam, veiculam avaliações ou opiniões equilibradas; **-1**, como grau imediatamente mais fraco que o nulo (**0**), determina a força ilocucionária de atos cuja instância discursiva é menos acentuada.

Essas observações de Vanderveken (1985) permitem evidenciar que o grau de intensidade inerente à força ilocucionária expressa na(s) CLC(D)s pode trazer à tona diferentes efeitos modalizadores¹⁵, ainda que muitas vezes estes passem despercebidos, como ocorre no seguinte exemplo apontado Neves (2002, p. 175): “... o curso de Pedagogia daria *possibilidade* como o caso de Orientação Educacional”

No exemplo, a estudiosa assinala o uso de um nome modalizador como objeto de verbo suporte, o que, sob a ótica adotada neste estudo, representa um exemplo típico de uma CLC(D). Como se vê, há um tipo de modalização que não é tão discursivamente percebida, mas incide sobre parte de um enunciado.

Também em “A conseqüência ÓBVIA é a total desinformação sobre problemas de saúde”, Neves (2000, p. 188) sugere uma modalização, caracterizada como epistêmica (veiculando uma eventualidade), cuja incidência recai apenas sobre o sintagma nominal “conseqüência”.

Conforme Cervoni (1989), pode-se falar também de uma modalidade parcial. O estudioso defende uma tipologia segundo a qual é possível se diferenciar o que é tipicamente modal, do que é modal e do que é preferível (ou vantajoso) excluir do campo das modalidades.

¹⁵ Historicamente, pode-se falar na existência de três tipos de modalidade/modalização: a *alética*, a *deôntica* e a *epistêmica*. A primeira reporta ao eixo da existência, à verdade do conteúdo proposicional, é lógica, por excelência; as segundas relacionam-se ao eixo da conduta e ao grau de adesão do falante frente ao enunciado, respectivamente. Nos dias atuais, pode-se falar, também, em um outro tipo de modalidade, cuja terminologia não está totalmente estabilizada, como sendo aquela que destaca a emissão de um juízo de valor e/ou reações emotivas por parte do falante. Para Castilho e Castilho, denomina-se de *afetiva*; para Koch (1987), caracteriza-se como *modo axiológico*; neste, preferiu-se tratá-la como *avaliativa*, em função de esta ir além da expressão emocional do falante em relação ao enunciado, indicando uma avaliação e, simultaneamente, a forma como a proposição deve ser entendida pelo interlocutor.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Desse modo, o autor subcategoriza a modalidade em dois grupos principais: a) o “núcleo duro”: “constituído por tudo que traz as noções que figuram nos quadrados aléticos, deônticos e epistêmicos” (62). Aqui, inclui as modalidades proposicionais e os auxiliares de modo, considerando que estes apresentam significativamente um significado modal que é perfeitamente explícito; b) “modalidade impura”: reúne “os casos em que a modalidade é implícita ou mesclada num mesmo lexema, num mesmo morfema, numa mesma expressão, a outros elementos de significação”. (68)

Ao falar nos performativos, Cervoni (1989) registra que estes trazem à baila a relação entre modalidade e ilocutório, validando que os lexemas verbais caracterizados por uma modalidade são, em sua maioria, performativos. Porém, o autor trata como performativos apenas os seus casos típicos, ou seja, aqueles em que há uma forma verbal na 1ª pessoa do singular e cujas enunciações realizam as ações denotadas (“Eu juro que ...= juramento, por exemplo).

De acordo com os trabalhos de Austin, esses casos são tidos como ‘performativos explícitos’, em oposição àqueles classificados como ‘performativos implícitos’. Genericamente, Cervoni (1989) destaca que, embora muitos autores subordinem a relação entre modalidade e ilocutório, seja considerando aquela como secundária ao ato, seja a idéia contrária, modalidade e ilocutório podem ser considerados fenômenos autônomos. Como dito outrora, neste artigo, preferiu-se considerar que o grau de adesão e/ou atitude do falante em relação à emissão de um enunciado qualquer pode ser expresso via elementos modalizadores e caracterizar tais elementos em virtude das respectivas forças ilocucionárias que lhes são inerentes.

Uma vez apresentados os sobreavisos teóricos pertinentes, eis informações sobre a análise efetuada.

Para a análise das CLC(D)s como veiculadoras de efeitos discursivos e, por extensão, de atos ilocucionários, julgou-se lúcido tratar apenas duas dimensões de variação – o *propósito do (tipo) de ato*

LÉXICO E SEMÂNTICA

e a emissão da força – apontadas por Searle (1969, 2002), quando da classificação dos atos ilocucionários¹⁶.

Constatou-se, com base nas contextualizações observadas, que os efeitos modalizadores veiculados pelas CLC(D)s são depreendidos numa fusão do propósito discursivo e do grau de intensidade da força ilocucionária inerentes ao ato. Após observação desses aspectos, foram identificados os seguintes atos ilocucionários:

1) *Assertivo valorativo equilibrado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **0** de intensidade da força ilocucionária:

(01) E* O que a senhora faz todo dia?

I* Todo dia? Eu num eu num, minha filha, tem dia que eu num faço nada. Tem dia que eu passo mais i dia sentada. Agora tem dia que eu costuro muito, faço roupa, confecciono roupa e:: e ajeito aí alguma coisa no armário, né? Mias tem dia que eu também num *dou conta* nem de mim. (VALPB, Vol. II, p. 207, L. 27)

2) *Assertivo valorativo acentuado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **+1** de intensidade da força ilocucionária:

(02) E* Vânia, como eram seus professores?

I* Num *dava tanta liberdade* pra gente como era assim :: sei que e-le] :: que eles separava a turma assim num sabe, era meio rígido, e tinha um professor nosso que ele era muito bom (...) (VALPB, Vol. IV, p.153, L.18)

3) *Assertivo valorativo - acentuado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **-1** de intensidade da força ilocucionária:

(03) E* E Tereza, como as mulheres são tratadas no seu setor de trabalho?

¹⁶ As demais dimensões de variação ora adentram em limites típicos da Semântica Formal, ora priorizam especificidades dos verbos ilocucionários da Língua Inglesa que, em Português, não apresentam igual relevância, notadamente em relação à descrição das CLC(D)s. Além disso, sabe-se que, durante a emissão de um ato de fala, alguns dos critérios tratados pelo autor parecem indissociáveis, de modo que um não existe sem o outro e, por isso, tais dimensões foram observadas conjuntamente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

I* Sabe como é, os home0 sempre *dar assim uma chegadinha*, sempre ficam enxiridinho, bem assanhadinho quando vê mulher. (...) (VALPB, Vol. II, p.163, L. 39)

4) *Assertivo valorativo subjetivo equilibrado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **0** de intensidade da força ilocucionária:

(04) E* E sua época de infância, como é que foi?

I* Eu não queria ser crente, eu não *dou valor* a ser crente. {inint} (VALPB, VOL. II, p. 135, L.27)

5) *Assertivo valorativo subjetivo + acentuado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **+1** de intensidade da força ilocucionária:

(05) E* O que você acha que deveria ser feito pra valorizar mais os times da terra?

I* Eu acho que deveria *dar mais incentivo* (...) (VALPB, Vol. V, p. 45, L. 33)

6) *Assertivo valorativo subjetivo - acentuado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **-1** de intensidade da força ilocucionária:

(06) E* O que você acha que o Governo deveria fazer por essas pessoas?

I* Dando:: você dando estudo direito e: com tempo só entraria [da] *daria emprego* às pessoas capacitadas. (VALPB, Vol. V, p. 40, L. 38)

7) *Compromissivo equilibrado*: a promessa responde pelo seu propósito discursivo e o grau de sua força ilocucionária é **0**:

(07) E* Por quê (*não tem medo do futuro*)?

I* Eu gostaria muito de montar uma empresa, fazer ser uma administradora que *dê atenção* as pessoas ao consumidor, aos empresários, mas eu acho que vai tá sendo muito difícil pra mim (...), (VALPB, Vol. V, p. 113, 01)

8) *Compromissivo - acentuado*: a promessa representa seu propósito ilocucionário e o grau de sua força ilocucionária é **-1**:

(08) E* : Se a sñora pudesse, o que mudaria nesse mundo?

I* : Qui a palavra qui mais eu tẽo ódio na mĩa vida é essa palavra i(trupa@ado@. * E esses infelizes, eu *dava um fim* a todos eles.* E eu *dava um jeito* de acabar com isso, que eu acho que e muito difícil apare-

LÉXICO E SEMÂNTICA

cer quem acabe, viu? Eu *dava fim* a essa cabroeira safada todinha que tem no mundo (...) (VALPB, Vol. I, p. 193, L.27, 38 , p.194:08)

9) *Expressivo valorativo acentuado*: apresenta uma avaliação como propósito discursivo e é caracterizado pelo grau **+1** da força ilocucionária:

(09) E* Germana, o que você acha do homossexualismo?

I* (...) Quando eu passo assim lá no Parque Sólon de Lucena (em João Pessoa) que vejo ali na Maciel Pinheiro (rua de João Pessoa), me *dá um desgosto muito grande* (...) (VALPB, Vol. III, p. 115, L.25)

10) *Expressivo valorativo subjetivo equilibrado*: apresenta uma avaliação configurada como ‘opinião’ e é determinado pelo grau **0** de intensidade da força ilocucionária:

(10) E* Tem vontade de deixar o país? Por quê?

I* (...) É um país que me *dá vergonha* de ser brasileiro. (VALPB, Vol. IV, p. 81, 06)

11) *Diretivo avaliativo equilibrado*: incita uma avaliação do informante sobre algo e é marcado pelo grau **0** da força ilocucionária, como no exemplo seguinte:

(11) E* Ele já *deu algum problema* no colégio?

I* Não, não, nunca recebi queixa dele não (...) (VALPB, Vol. III, p. 164, L. 35)

12) *Diretivo avaliativo + acentuado*: incita uma avaliação do informante sobre algo e é marcado pelo grau **+1** da força ilocucionária, como no exemplo seguinte:

(12) E* Você acha que o Brasil tem condições de *dar mais emprego* ao povo?

I* Emprego existe, agora resta só o governo procurar escolher as pessoas capacitadas, né? (VALPB, Vol.V, 40, L. 05)

Com base nos exemplos acima, pode-se afirmar: a) os atos assertivos, embora os menos marcados lingüisticamente, são os mais produtivos no discurso ordinário; b) os compromissivos (- *acentuados*) apresentam uma estrutura lingüística comum: verbo no passado com valor funcional de futuro + ação nominalizada; c) os expressivos se caracterizam por um nome constituinte que, por si só, evidencia um estado psicológico; d) os diretivos, ao recuperar os aspectos

entoacionais que lhes são inerentes, já configuram a sua marca primeira de direcionar a atuação do outro.

A par dessa classificação, um entrelaçamento com as modalidades lingüísticas pode ser efetuado.

No âmbito da modalidade avaliativa, incluem-se os atos de fala assertivos valorativos evidenciados, em função de este tipo de modalidade assinalar uma avaliação do falante frente ao que está comentando, um determinado julgamento de valor, excluindo-se as referências aos eixos deôntico e epistêmico.

No campo da modalidade deôntica, encontram-se os diretivos e os compromissivos tratados, entendendo-se, então, que a modalidade deôntica vai além daquilo que normalmente a caracteriza nos compêndios de Lingüística, em que é comum a referência à efetivação de atos diretivos *strictu sensu*, ou seja, aqueles que prevêm a atuação do ‘outro’. Em outras palavras, neste estudo, a noção de diretivo foi redimensionada segundo a posição de Neves (2002), que prevê também a atuação do próprio falante.

Por fim, no terreno da modalidade apreciativa, estão os atos expressivos, nos termos de Cervoni (1989), que caracteriza tal modalidade como uma subclasse da avaliativa. Esses atos, ao, veicularem um determinado estado psicológico, reportam a reações específicas de emoções, como por exemplo, as lamentações.

À guisa de considerações finais, pode-se afirmar que a análise acima tratada, ao validar a idéia de que as CLC(D)s veiculam atos de falas instauradores de efeitos modalizadores distintos no interior de um texto, confirma a máxima austiniana do “dizer é fazer” e o entendimento de uma performatividade generalizada.

No mais, em sendo uma análise de natureza pragmática, convém registrar que a tipologia aqui proposta não é nada fechada, afinal, seria pouco inteligente conformar-se definitivamente com uma metalinguagem particular. Mesmo porque explicar “na Pragmática necessariamente passa por uma série de questões que não dizem respeito à língua *stricto sensu*, e que, no entanto, fazem qualquer esforço de abordar a linguagem no seu aspecto irredutivelmente social (Rajagopalan, 2002, p. 93).

LÉXICO E SEMÂNTICA

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliane Ferraz. *Construções lexicais complexas com o verbo levar*. Tese de doutorado. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFPE, 1998.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

CHABROL, C. Por uma classificação dos atos de fala. Tradução de Hugo Mari e Renato de Mello. **In:** MARI, Hugo et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001.

HORA, Dermeval da e PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Orgs.). *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba - VALPB*. Volumes I, II, III, IV e V. João Pessoa: Idéia, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

———. A modalidade. **In:** KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). *Gramática do português falado*. 2ª ed. rev. Campinas: UNICAMP. (Série Pesquisas), 2002.

RAJAGOPALAN, K. Sobre a especificidade da pesquisa no campo da pragmática. **In:** *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 89-97.

SAINT-PIERRE, M. *La modalisation em français parlé: une analyse informatisée*. Canadá: Université du Quebec à Montreal, 1992.

SALOMÃO, M. M. M. *Polyssemy*. Aspect and modality in Brazilian Portuguese. The case for a cognitive explanation of grammar. Tese de doutorado. University of California at Berkeley, 1990.

SEARLE, J.R. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

———. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VANDERVEKEN, Daniel. O que é uma força ilocucional? **In:** DASCAL, Marcelo (Org.) *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 1985, p. 173- 179.

LÉXICO E SEMÂNTICA

NAS ROLDANAS DA GUERRA UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DA ENGENHARIA HAWAIANA

Vinícius Baião Vieira
viniciusbaiao@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa trabalhar aspectos lexicais e semânticos na obra do compositor gaúcho Humberto Gessinger, líder da banda “Engenheiros do Hawaii”. A escolha por tal nome deve-se ao fato desse compositor atuar continuamente por cerca de duas décadas e sua produção ser significativa, por crítica e público, no cenário musical brasileiro.

Com dezessete álbuns lançados e mais de oito milhões de discos vendidos ao longo de sua carreira, os Engenheiros do Hawaii se situam como um dos mais importantes grupos do rock brasileiro, sendo Humberto Gessinger, considerado um dos principais compositores da chamada geração 80.

Um dos temas recorrentes na obra dos Engenheiros do Hawaii é a guerra, incluindo seus pressupostos, suas conseqüências e suas correlações. Em todos os álbuns lançados pelo grupo há músicas que evidenciam as tensões próprias de sua época. Humberto Gessinger costuma dizer que a guerra é uma das poucas coisas eternas do mundo, presente em todos os momentos do homem, e, exatamente, por isso constitui farto material de criação. Até mesmo as regravações mais importantes feitas pela banda tratam deste tema: “*Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones*”, do original “*c’era un ragazzo che come me amava i Beatles e i Rolling Stones*”, cuja primeira versão brasileira foi feita pelo grupo *Os Incríveis*, nos anos 60, e “*Rádio Pirata*”, originalmente gravada pelo banda *RPM*.

Para a preparação deste trabalho, fez-se um levantamento quantitativo de todas as palavras do campo lexical da guerra presentes nas canções compostas por Humberto Gessinger. Foram observadas 135 expressões diferentes tradicionalmente ligadas a conflitos bélicos. Muitas destas palavras aparecem em mais de uma letra, sen-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

do “guerra” e “paz”, as campeãs de frequência. Cabe aqui ressaltar que a pesquisa se baseou apenas nas músicas compostas pelo líder da banda, não sendo incluídas as canções de outros compositores gravadas originalmente pelo grupo. Adota-se tal critério devido à pequena ocorrência de canções de outros compositores e por estas não constituírem relevância na construção da obra.

O uso do léxico da guerra não se limita às canções que tratam desta temática, sendo, também incorporado, pelos mais variados contextos, constituindo, assim, um significativo recurso expressivo nas construções textuais.

Ao deslocar as palavras de seu universo natural para universos externos, o compositor reorganiza o esquema dos sentidos e cria novas significações para os signos lingüísticos. As sentenças onde aparecem tais palavras adquirem uma expressividade única, pois cada vocábulo deslocado leva em si uma representação significativa portadora de aspectos históricos e ideológicos que enriquecem a mensagem a ser cantada.

Assim, este estudo pretende comprovar, através de uma análise léxico-semântica de 12 canções de Humberto Gessinger, a multiplicidade de sentidos que um determinado campo lexical é capaz de produzir quando bem utilizado em diferentes contextos. O objeto de estudo do trabalho é o campo lexical da guerra inserido em diferentes campos semânticos como recurso expressivo de construção textual. Os campos semânticos analisados são os seguintes: guerras e conflitos reais, relações de mercado e consumo e relações amorosas e pessoais. É importante destacar que este trabalho ficará restrito a substantivos e adjetivos. Buscou-se ainda contemplar canções de épocas diversas para, mais uma vez, provar a constante preocupação do compositor com o tema.

É tendo em foco esta expressividade adquirida pelo léxico em questão que o presente trabalho nasce e se sustenta. Comprovada a recorrência do campo lexical, cabe agora um aprofundado trabalho de análise.

LÉXICO E SEMÂNTICA

ANÁLISE

Foram adotadas para análise sempre as versões originais das canções, independente do número de álbuns em que elas aparecem. A única exceção fica a cargo de “*O papa é pop*”, gravada pela primeira vez em 1990 no álbum de mesmo nome, porém aqui trabalhada pela versão do álbum “*10.000 destinos*” de 2000. Tal escolha se deve a uma sutil mudança na letra, quase imperceptível aos ouvidos menos atentos, mas de grande importância significativa, que será comentada mais à frente.

As siglas que indicam o álbum e a canção de onde foram retiradas as citações se encontram no final do trabalho. Os numerais romanos indicam a faixa da música.

CAMPO SEMÂNTICO 1 – GUERRAS E CONFLITOS REAIS

Para o primeiro campo semântico proposto, guerras e conflitos reais, foram escolhidas quatro músicas (“*toda forma de poder*”, “*beijos pra torcida*”, “*a ilha não se curva*” e “*armas químicas e poemas*”), compostas em três décadas diferentes: 1986, 1997, 2004.

As duas primeiras canções citadas foram retiradas do primeiro álbum lançado pelo grupo, “*Longe demais das Capitais*”, e trabalham o mesmo tema por vieses diferentes.

“*Toda forma de poder*”, a primeira faixa do disco, critica toda forma de poder não legitimada pelo povo, independente de sua formação ideológica. Não há distinção, portanto, em plano prático, entre comunistas e ditaduras militares imperialistas, “*Fidel e Pinochet tomam conta de você que não faz nada*” (TFP, LDC, I, 1986).

Para comprovar historicamente que todo “*poder é uma forma de morrer por nada*” (TFP, LDC, I, 1986), remete à experiência do fascismo que, apesar de manipular e, assim, contar com o apoio de grande parte da massa italiana na primeira metade do século XX, não resistiu por muito tempo.

Governos que se mantêm pela força geram sempre reações violentas de seus opositores, criando um clima de tensão ainda maior. Bombas atiradas contra embaixadas e o desencadear de lutas ar-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

madras contra tais condutas são as expressões utilizadas pelo compositor para demonstrar esta idéia.

Fica, então, o exemplo de que a história sempre se repete, mesmo quando contada por olhares não isentos, parciais, que transformam a história em estória.

a história se repete
mas a força deixa a estória mal contada. (TFP, LDC, I, 1986)

“Beijos para torcida” (LDC, VI, 1986) aborda claramente o comportamento do homem desta época diante de conflitos não declarados (guerra fria) e da possibilidade sempre presente de se eclodir a 3ª guerra mundial. Este homem já não mais suporta tantas especulações de guerra, anunciadas a todo o momento, seja pela mídia, seja pelo seu cotidiano:

quando eu abro a janela
quando eu abro o jornal
eu vejo a cara dela:
a terceira guerra mundial (BPT, LDC, VI, 1986)

Tal alarde transforma a guerra em produto banal onde jogar bombas em “nova iorque” ou “moscou” (mesmo nunca tendo ocorrido) já é tão familiar ao entendimento de todos como o jogador que joga beijos para a torcida após marcar um gol. Esta insistência informativa acaba por gerar impaciência e desligamento do homem à sua situação de mundo, “que pé no saco (...) procuro entender qual é a desses caras” (BPT, LDC, VI, 1986), uma vez que em nenhum local se vê livre de tal assunto. Até a ficção trabalha com estes dados da realidade, e o que seria um momento de distração deste homem no cinema, mais uma vez, se transforma em informação e reflexão. Um filme que não acaba.

em todo lugar, um pedaço sem fim
um furo de bala, um muro de berlim
muito sangue sai da tela do drive-in:
um filme de guerra, um fim sem fim. (BPT, LDC, VI, 1986)

Se em “Toda forma de poder”, Humberto Gessinger faz críticas ao modelo ditatorial de Fidel Castro, em “a ilha não se curva”, (MIN, X, 1997), o compositor presta uma homenagem à resistência de Cuba às investidas capitalistas. A ilha se mantém firme, não se curvando a modelos ideológicos impostos em todo o mundo, mesmo

LÉXICO E SEMÂNTICA

após a derrocada da União Soviética, sua grande parceira nos tempos de guerra fria. Os inimigos são conhecidos e estão a postos, mas não há a existência de ataques diretos, o que não impede de Guantanamo, região cubana, permanecer militarizada por tantos anos aguardando a possibilidade de conflitos concretos. A última estrofe da letra define bem todo esse contexto.

inimigos na trincheira
guantanamera militar
e a ilha não se curva
às águas turvas desse mar
vida a fora...noite a dentro... (INSC, MIN, X, 1997)

Novamente estabelecendo uma comparação com “toda forma de poder”, música símbolo da banda e portadora dos genes temáticos que a obra irá produzir no futuro, “armas químicas e poemas” (AMTV, V, 2004), também apresenta um conflito real, porém é construída textualmente de maneira diferente das primeiras canções. Se no início de sua carreira, Gessinger denuncia, dá nomes e diz abertamente sobre os sujeitos da guerra e suas conseqüências, em seu último trabalho, ao se referir à guerra do Iraque, arquitetada por George W. Bush, o compositor apenas faz uma alusão aos fatos, arguindo, refletindo, tentando encontrar as respostas que ele mesmo dava décadas atrás. Referindo-se ao jogo capitalista como uma grande loucura, o poeta se questiona sobre os reais motivos que teriam levado Bush a invadir o Iraque, já que as armas químicas de destruição em massa, que ele dizia serem produzidas pelo governo de Sadan Hussein, nunca foram encontradas.

eu quis pagar pra ver
aonde leva essa loucura
qual é a lógica do sistema
onde estavam as armas químicas
o que diziam os poemas (AQEP, AMTV, V, 2004)

E se tudo se transforma em produto neste jogo capitalista, a invasão e o ataque ao território alheio também se tornam um programa a ser visto, ingerido e deglutido, seguido de um bom descanso. Mas tendo em vista as conseqüências catastróficas, também para os Estados Unidos, com milhares de soldados americanos mortos na reorganização do país destruído, mais uma vez o autor se questiona sobre as promessas não cumpridas pelos agentes da guerra, sobre os reais culpados pelo conflito.

?quem prometeu o descanso em paz
depois dos comerciais? (AQEP, AMTV, V, 2004)

Paz cantada nos poemas, filha não nascida da guerra.

CAMPO SEMÂNTICO 2 – RELAÇÕES DE MERCADO E CONSUMO

Nas canções em que discorre abertamente sobre as guerras (Campo Semântico 1), Humberto Gessinger já assinalava suas preocupações com o tratamento dado ao homem pelo mundo capitalista. A ânsia do lucro se sobrepõe à humanidade, subjugando todos às prerrogativas do capital e do consumo. Vende-se a idéia do ter e as grandes empresas passam a tratar o mercado como um verdadeiro campo de batalha, com estratégias traçadas e inimigos vários: desde a empresa rival (competidora natural) até seu mais fiel cliente que não pode nunca deixar de ser atingido por sua marca.

Das canções escolhidas para análise, “*Tribos e tribunais*” (ODNN, VIII, 1988) é a primeira entre as músicas incluídas no *corpus*, (critério cronológico) a anunciar a comparação entre guerra e mercado (vale ressaltar que nos álbuns anteriores, algumas canções já evidenciavam esta relação). Nesta letra o compositor propõe, em seu modelo comparativo, relacionar personagens características de cada grupo, citando nomes e expressões representativos das duas áreas, como efeito expressivo. O paralelismo criado sugere uma grande interação entre as partes que chegam a incorporar traços da personalidade alheia. Vale lembrar que as personagens expostas não precisavam ser necessariamente humanas, bastando como condição para tal valia, a posição de agente em seu campo natural. Segue um trecho da canção e os pares formados:

agente secreto	agente secreto – agente imobiliário
agente imobiliário (...)	estátuas de generais – empresas estatais
empresas estatais	heróis de guerra – industriais
estátuas e generais	guerra / paz – tribunais
heróis de guerra	
guerra pela paz	fascista de esquerda – empresas sem fins lucrativos
hindus, industriais	
tribos e tribunais (...)	fascistas de direita – empresas que lucram demais
fascistas de direita	
fascistas de esquerda	

LÉXICO E SEMÂNTICA

empresas sem fins lucrativos
empresas que lucram demais”

Há uma clara equivalência de poder e influência nos pares formados. Enquanto as empresas estatais aparecem como estátuas de antigos generais, que no passado tiveram grande importância, mas hoje permanecem paralisados em praças públicas para serem vistos, sem comando algum no campo de batalha, os industriais assumem a posição dos heróis de guerra, aqueles que agem, alcançam os objetivos traçados e conquistam medalhas (lucro) de honra ao mérito. As metas de guerra e/ou paz ficam à mercê de tribunais suspeitos, não confiáveis por serem partidários de alguma das diferentes tribos capitalistas de relevância no combate, “tribos e tribunais” (TET, ODNN, VIII, 1988). Há ainda a dicotomia entre “empresas que lucram demais” e “empresas sem fins lucrativos”, apoiada pela representação histórica do fascismo atrelado às ideologias, aparentemente divergentes, de direita e esquerda, que se convergem em torno de uma nova idéia de fascismo, não nacionalista à pátria, mas com o mesmo empenho à empresa a qual se dedica.

Em “a promessa” (SDC, V, 1995) e “o papa é pop” (10D, XV, 2000), o mercado se mostra como um grande exército sempre pronto para dominar seus clientes, representados como o alvo a ser atingido.

Na primeira destas canções, tal idéia se constrói na alteração de uma sentença de senso comum: a propaganda é alma do negócio. Troca-se o vocábulo alma pelo arma e a propaganda perde seu caráter informativo e promocional para se transformar em um instrumento de dominação e influência do mundo capitalista. A arma em questão possui precisão de “mira a laser” (AP, SDC, V, 1995), colocando em linha reta de ataque os alvos pretendidos. Ao não oferecerem resistência ao mercado de consumo, os clientes assumem a posição de frágeis vítimas que a tudo assistem passivamente, por comodismo ou por não possuírem condições de combater exercito tão forte. Vive-se, portanto, uma sensação camuflada de paz onde cada produto consumido, agindo como soldados, corrobora para a manutenção da ordem vigente de paz vigiada e controlada pelo sistema em voga.

“O papa é pop” (10D, XV, 2000) reflete sobre o mundo pop e seu poder de alastramento. Filho querido do capitalismo, o mundo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pop se instaura como uma de suas mais importantes ferramentas de influência e persuasão. Ninguém fica imune às suas garras, desde o papa, símbolo maior de caridade, logo, avesso a este jogo, até os *Be-ates*, maior ícone pop de todos os campos.

Partindo do atentado terrorista sofrido pelo papa João Paulo II em 1981, estabelece-se uma comparação entre o tiro real que Sua Santidade recebeu e o disparo conferido contra este pelo sistema capitalista. Suas frequentes andanças e aparições na mídia sugerem um sujeito, de alguma forma, afetado pelo poder do mercado de consumo. Humberto Gessinger salienta que “*qualquer coisa que se mova é um alvo e ninguém tá salvo*” pois “*o pop não poupa ninguém*” (O-PEP, 10D, XV, 2000).

Uma mudança significativa entre as diferentes versões desta música ocorre no álbum 10.000 destinos, em que a expressão original “*tá na cara*” é alterada por “*tá na caras*”, fazendo uma referência clara à revista *Caras*, símbolo do mais alto glamour pop brasileiro.

CAMPO SEMÂNTICO 3 – RELAÇÕES AMOROSAS E PESSOAIS

Neste campo semântico, o compositor cria interessantes efeitos de sentido nas metáforas elaboradas. Ao retirar as palavras de seu campo semântico original e inseri-las no campo das relações amorosas e pessoais, Gessinger reorganiza o esquema de significações comprovando a constelação de sentidos permitida pela língua. Uma vez que todas as palavras possuem, intrínsecas em si, marcas próprias relativas à sua história e experiência, elas adquirem, quando aplicadas fora de seu contexto original, uma fantástica multiplicidade de sentidos que só vem a enriquecer as criações textuais. “*Sopa de letrinhas*” (LDC, XII, 1986) e “*nau à deriva*” (AIM, I, 1989) constroem belos efeitos de sentido através das definições criadas. Na primeira, o adjetivo nazifascista, com sua representação história e ideológica, atribui ao amor do casal um caráter violento, contraditório, autoritário, agressivo, para quem só importa suas próprias necessidades. Assim sendo, o eu lírico afirma não conseguir ficar em paz, tendo sempre suas tropas no ataque, não se libertando nunca desta relação. “*Nazifascista*” e “*tropas minhas no ataque*” (SDL, LDC, XII,

LÉXICO E SEMÂNTICA

1986) indicam ainda, apesar dos problemas, um amor forte, pronto para enfrentar qualquer desafio que apareça.

Opondo-se à intensidade do amor relatado em “*sopa de letrinhas*”, “*nau à deriva*” (AIM, I, 1989) sugere segurança e conforto não utilizados. Aqui, o coração passa por constantes perigos, à deriva, abandonado, à mercê de diferentes conseqüências por estar só, esperando que alguém venha se reabastecer em toda a segurança e proteção que este porta-aviões pode proporcionar, “*meu coração é um porta-aviões*” (NAD, AIM, I, 1989) . “*Filmes de guerra, canções de amor*” (ARD, V, 1987) e “*até mais*” (TR, IV, 1999) sugerem que a relação passional é comparável a conflitos bélicos. Em ambas as canções, o término de um relacionamento amoroso é caracterizado como guerra. Em “*até mais*”, “*guerra*” é a única palavra do campo lexical em foco que aparece no texto. Já em “*filmes de guerra, canções de amor*”, todos os elementos que compõem o desfecho de um relacionamento são metaforizados por expressões típicas de guerra. Assim, casal é representado por “*nações unidas*”, desentendimento por “*batalha naval*”, e relacionamento conturbado por “*campo de batalha*”, o que dá ao texto uma carga expressiva muito mais abrangente que se utilizadas as palavras convencionais. As expressões de guerra recriam o universo amoroso, implicando em novas considerações, não pensáveis até então.

ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS

Outra recorrência lexical nas canções dos Engenheiros do Hawaii é a utilização de nomes próprios carregados de valores históricos e ideológicos. Assim os antropônimos e topônimos aparecem, com toda sua força expressiva, para representar diferentes aspectos semânticos.

Na canção “*toda forma de poder*”, já estudada no início deste capítulo, “*Fidel e Pinochet*” surgem referindo-se aos próprios líderes políticos em questão, sem haver, portanto, a criação de novos efeitos de sentidos. O mesmo ocorre em “*beijos pra torcida*” quando da citação de “*nova iorque*” e “*moscou*” e em “*a ilha não se curva*” com “*guantanamera*”

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Já em “*alívio imediato*” (AIM, II, 1989), os topônimos em foco têm a função de representar partes da sentimentalidade do eu-lírico. O “*muro de berlin entre nossos lábios*” (AI, AIM, II, 1989) indica mais que uma simples separação entre casais, assinala uma ruptura violenta, imposta por fatores externos às ações dos participantes. Esta ruptura concretiza a divisão de uma mesma existência. Os dois que um dia foram um, agora se vêem divididos, separados assim como as “*duas Alemanhas*” e as “*duas Coréias*” (AI, AIM, 1989).

ÍNDICES

Siglas das canções

AI – Alívio Imediato
AM – Até mais
AP – A promessa
AQEP – Armas Químicas e Poemas
BPT – Beijos pra torcida
FGCA – Filmes de guerra, canções de amor
INSC – A ilha não se curva
NAD – Nau a deriva
OPEP – O Papa é pop
SDL – Sopa de letrinhas
TET – Tribos e tribunais
TFP – Toda forma de poder

Siglas dos álbuns

AIM – Alívio Imediato
AMTV – Acústico MTV
ARD – A Revolta dos Dandis
LDC – Longe demais das capitais
MIN – Minuano
ODNN – Ouça o que digo, não ouça ninguém.
SDC – Simples de coração
TR – Tchou Radar!
10D – 10.000 destinos

REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

HAWAII, Engenheiros do. *Longe demais das capitais*. São Paulo: BMG, 1986.

———. *A revolta dos Dandis*. São Paulo: BMG, 1987.

———. *Ouça o que digo, não ouça ninguém*. São Paulo: BMG, 1988.

———. *Alívio imediato*. Rio de Janeiro: BMG, 1988.

———. *Simples de coração*. São Paulo: BMG, 1995.

———. *Minuano*. Los Angeles. EUA: BMG, 1997.

———. *!Tchau radar!*. Rio de Janeiro: Universal, 1999.

———. *10.000 Destinos*. São Paulo: Universal, 2000.

———. *Acústico MTV*. São Paulo: Universal, 2004.

LÉXICO E SEMÂNTICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. **In:** OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negrini (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 33-51

BARBOSA, Maria Aparecida. O grupo de trabalho de lexicologia, lexicografia e terminologia da Anpoll: tratamento do léxico e produção de obras lexicográficas e terminológicas. Online: disponível na internet via <http://www.riterm.net/actes/2simposio/barbosa.htm>

———. *Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação*. Online: disponível na internet via <http://www.riterm.net/actes/2simposio/barbosa2.htm>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. **In:** OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negrini, org. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p.13-22.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro:Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MANGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso* (Nouvelles Tendances en Analyse du Discours). Trad. de Fredda Indursky. 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2ª ed. São Paulo: USP, 2001.

MATTOS, Melissa. *História dos Engenheiros do Hawaii*. ONLINE: disponível na Internet via <http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/index2.htm>. Arquivo consultado entre dezembro de 2006 e janeiro de 2007.

**O ESTUDO DOS SINTAGMAS BLOQUEADOS
NO GÊNERO INFORME**

Mara Medeiros Cardoso (UFF)
mara.m.cardoso@gmail.com

INTRODUÇÃO

Basta darmos uma olhada nos jornais do dia para verificarmos que as expressões pré-fabricadas não são um fenômeno marginal da nossa língua. Apesar de os estereótipos verbais serem considerados elementos abomináveis pela tradição por trazerem em si o traço da repetição, eles ganham cada vez mais terreno nos textos jornalísticos. Justifica-se, assim, de sobra, o trabalho com tais expressões.

O presente trabalho tem como corpus, exemplares do gênero informe, retirados de um jornal de circulação nacional, destinado ao público adulto: Folha de São Paulo (FSP). Os exemplares foram publicados no período de julho a agosto de 2007. A escolha deste gênero não foi gratuita, veremos que nele há inúmeras ocorrências das formas a serem estudadas. Procuraremos também mostrar como essas unidades lexicais são utilizadas para a construção do sentido do texto. Para reexaminar tais pontos, serão analisadas obras que versam sobre morfologia lexical e lingüística textual. Afinal, a abordagem gramatical e a textual-discursiva não são opostas, mas sim complementares.

Para dar uma idéia do que estamos tratando, aí vai um exemplo da amostra.

1. SINAL VERDE

Em reunião da coordenação política, Lula se manifestou a favor da abertura de capital da Infraero. Usou a Petrobras como exemplo bem sucedido do modelo. (FSP, 2 de agosto de 2007)

O uso da expressão “sinal verde” constrói a idéia de permissão para seguir em frente. No texto, fica claro que Lula aprovou a abertura da Infraero para o capital privado e espera que a idéia seja levada adiante. Neste e em outros exemplos, veremos que é a partir

LÉXICO E SEMÂNTICA

de um objeto concreto, corporizado (semáforo) que se constroem depois as extensões e expansões metafóricas ou metonímicas dos mesmos termos, que passam a ser usados inclusive em outros contextos.

ABORDAGEM MORFOSSINTÁTICA

As expressões analisadas são estruturas frasais que têm unidade de sentido. Com o uso, tais construções sintáticas acabam se cristalizando numa função léxica, ou seja, estão a serviço do processo de nomeação. Todas elas se formaram ou estão se formando via lexicalização. A lexicalização pressupõe uma combinação freqüente no discurso e se configura como uma escolha em bloco pelos falantes. As expressões lexicalizadas consistem em um conjunto de palavras cujos elementos andam mais ou menos intimamente ligados para denotarem certa idéia. A lexicalização é um processo que se consolida em diferentes graus de fixação ou aderência. Por esta razão, muitos autores preferem usar o termo expressões lexicalizadas, grupo fraseológico a expressão fixas, frases feitas, pois estas últimas noções pressupõem um certo grau de cristalização, que nem todos os grupos apresentam.

No processo de lexicalização, o sentido global da expressão não é equivalente à soma dos conteúdos das partes componentes. A expressão lexicalizada perde gradualmente a transparência semântica e fonológica.

Neste trabalho lançaremos mão dos ensinamentos de Pottier (1973, p. 26-30). Acreditamos que o autor faz uma nítida distinção entre palavra e lexia ao situar os conceitos em níveis diferentes. Autores como Freitas (1997), Biderman (2001), Laroca (1994) adotam a mesma teoria.

A palavra é uma unidade formal composta de morfemas. Para o autor, há dois tipos de palavras: com lexemas e gramemas (casas = casa + s) ou com gramemas (estas = est + a + s). As palavras são unidades construídas, de caráter formal. Vale lembrar que para o autor, lexemas integram classes abertas (substantivo, verbo, adjetivo) e os gramemas integram classes fechadas (preposição, artigos, prefixos, sufixos, desinências).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A lexia é uma unidade funcional. “É uma unidade lexical memorizada”. Observa-se que a lexia “bem-te-vi” traduz a idéia de um tipo de pássaro. Apesar de ser formada de três palavras ou unidades construídas, não se pensa nos elementos separadamente, nem é uma simples associação de bem/te/vi.

A lexia é definida pelo autor como uma unidade de comportamento. Quando o falante diz “quebrar um galho”, “bater as botas”, “barra-limpa”, “pelo amor de Deus”, não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de seu repertório lexical. O autor distingue as lexias em:

a) lexia simples: “árvore, saiu, agora”. Neste caso as lexias simples coincidem com palavra.

b) lexia composta: “primeiro-ministro, pára-brisa”. Formalmente há duas palavras que compõem um todo semântico.

c) lexia complexa: “guerra-fria, mortalidade infantil, pôr a mão na massa, mesa-redonda”. Não se podem separar os elementos que formam a lexia, sem que se tenha prejuízo do todo semântico. As lexias complexas estão a caminho de lexicalização.

d) lexia textual: “quem tudo quer, tudo perde”, “quem ama o feio bonito lhe parece”. Trata-se de uma lexia complexa que comporta um enunciado ou texto. São exemplos os provérbios, os títulos de certas obras, desde que sejam usadas por um grupo sócio-cultural capaz de interpretá-lo.

Lapa (1975, p. 65-80) ao estudar os grupos fraseológicos diz que, muitas vezes, os vocábulos só adquirem o seu verdadeiro significado quando se ligam com outros elementos no contexto. A palavra “cabeça” na frase “o homem perdeu por completo a cabeça” não pode ser separada do artigo e do verbo, a menos que se rompa com o significado global da expressão. Na verdade, se descompuséssemos o todo em suas partes, chegaríamos a um absurdo. Só é possível conceber a expressão em sentido conotativo.

A ligação entre os elementos do grupo fraseológico pode ser mais ou menos íntima. Há grupos que apresentam vida curta, se formam de momento e após o uso deixam de existir; uns sobrevivem mais um pouco; outros acabam por formar um todo compacto, inde-

LÉXICO E SEMÂNTICA

componível. Há, portanto, variação no grau de coesão entre as partes do grupo.

Carone (2003, p. 75) observa que a aderência gramatical varia de acordo com a localização das unidades. Quanto mais próximo estiver o elemento marginal do central mais forte será o grau de fixidez. A autora lembra que a ordem dos termos no sintagma é determinante-centro-adjunto. Na oração, sujeito-verbo-complemento. Por esta razão, a aderência do objeto direto ao verbo é mais forte do que a do sujeito e do objeto indireto. A autora lembra que às vezes a coesão do verbo é tanta, que a unidade acaba por se cristalizar, dando origem a uma lexia. Nestes casos, verbos e objeto formam uma unidade semântica e gramatical. Exemplos como “pular corda”, “fazer parte”, “levar um tombo” em “as crianças pulam corda”, “João levou um tombo”, “eu faço parte da equipe” não podem ser analisados separadamente, pois se formam em bloco. Como bem observa a autora, não podemos transformar a oração para a voz passiva, pois o objeto direto não pode se desgarrar do verbo. São inaceitáveis as construções: “uma corda foi pulada por João”, “parte da equipe é feita por mim” etc.

As lexias são formadas ao atingir um grau de aderência tão forte entre os termos que se tornam estáveis como um vocábulo. Apresentando, assim, as características essenciais da palavra: a inseparabilidade e irreversibilidade das partes articuladas.

ABORDAGEM TEXTUAL-DISCURSIVA

As expressões [+/-] lexicalizadas têm recebido nomes diversos: sintagma bloqueado, expressões previsíveis, fórmulas fixas, expressões cristalizadas, estereótipos verbais, frases feitas, etc. E tradicionalmente, estas expressões são tomadas como um agrupamento estável no que se refere à forma e ao conteúdo. São formações vistas como prontas e acabadas. Neste sentido, o uso de tais formas não reserva ao leitor nenhuma habilidade discursiva e não apresenta função cognitiva ou comunicativa relevante. O seu uso é visto como pobreza vocabular.

Vilela (2002, p. 19-31) trata das expressões pré-fabricadas da língua, os estereótipos verbais. E a partir das definições feitas pelos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dicionários, tenta delimitar os possíveis sinônimos de estereótipo (clichê, lugar comum, chavão, frase feita, protótipo, provérbio etc). Ele nos antecipa que o traço comum a todos os termos é a repetição. Além disso, acrescenta que há nos conceitos uma gradação semântica: o traço repetição adquire contornos valorativo ou depreciativo.

Para uma nítida delimitação dos conceitos sugiro uma leitura oportuna da obra. Por ora, interessa-nos dizer que os estereótipos verbais referem-se a qualquer agrupamento verbal já configurado na língua. O autor afirma que o estereótipo é fenômeno constitutivo da língua. As “muletas discursivas” representam o conhecimento partilhado pela coletividade. Nada mais é que o denominador comum aos membros de uma sociedade, refletindo os caminhos já percorridos pela língua.

O autor afirma que o estereótipo pode ser concebido por duas formas. Na primeira visão, estereótipo corresponde a uma representação social, um modelo cognitivo generalizado dos saberes e valores. Por outro lado, estereótipo pode ser visto como uma opinião, uma representação cômoda e congelada que bloqueia a verdadeira reconstrução. E neste sentido deve ser evitado.

Carvalho (2004, p. 84-93) assevera que as fórmulas fixas da língua são condenadas pelos teóricos da estilística. Entretanto, elas podem se tornar peças de valorização de um texto, à medida que despertam a adesão do leitor por meio de algo já conhecido. As fórmulas fixas estimulam a memória do leitor, proporcionando uma certa satisfação de um conhecimento partilhado entre autor e leitor. Fato que cria uma certa cumplicidade entre ambos.

As fórmulas fixas facilitam a comunicação, pois trazem em si um grande apelo à memória individual e coletiva. O leitor ao acionar seus esquemas mentais, descobre algo que lhe é familiar, mas ao mesmo tempo faz parte do patrimônio cultural de seu povo. A rapidez e a precisão, que caracterizam esse tipo de mensagem, contribuem para o automatismo da memória, despertando o interesse e a aprovação de um grande número de leitores. Por estas e outras razões, as fórmulas fixas tem lugar garantido na publicidade e no jornalismo e cada vez mais vêm se tornando um artifício bem sucedido.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Vale ressaltar que nem sempre o uso das fórmulas fixas é literal. Pode-se incorporar um elemento novo e criar um jogo de palavras de modo que a frase feita torna-se “contrafeita”. Outra possibilidade é modificar a fórmula fixa para desmontar estereótipos. Mainqueau (2005, p. 169-178) acrescenta que a desmontagem ou quebra da fórmula fixa pode apresentar ora uma finalidade lúdica. Neste caso, há apenas o jogo de palavras. Ora apresenta uma finalidade prática, cujo objetivo é conferir autoridade a um novo enunciado e negar, desmoralizar o texto original (“De hora em hora, a vida piora”). Trata-se de uma estratégia de captação (potencializando ao máximo a estrutura e o conteúdo semântico da fórmula fixa) e de subversão (ênfatizando a contradição presente na fórmula).

Koch (2005, p. 64) afirma que o uso de fórmulas fixas é um caso de intertextualidade. Atribuem-se a um enunciador genérico e enunciados de origem indeterminada, que fazem parte de um repertório comum de uma sociedade. Este saber compartilhado é constituído por provérbios, frases-feitas, ditos populares. Segundo a autora, quando se usa um provérbio, há uma “enunciação-eco” de um número ilimitado de enunciados prévios do mesmo provérbio. E sua legitimidade é garantida por um enunciador genérico, verdadeiro representante da opinião geral, da “vox populi”, do saber comum de um grupo.

ANÁLISE DO CORPUS

O corpus de que nos valemos é composto por expressões previsíveis que funcionam como títulos de textos do subgênero jornalístico chamado informe. Segundo o Dicionário de comunicação, o informe é “qualquer dado a respeito de alguém ou de alguma coisa. O mesmo que informação. Relatório. Notícia”. De pronto, nota-se que os diversos textos que o compõem são em geral curtos, e não articulados entre si, mas pertencem a um mesmo universo conceptual: esporte, política. Analisamos a seção *Painel* e a coluna de Mônica Bergamo do caderno Ilustrada da FSP.

A leitura dos textos do informe pressupõe um leitor assíduo, pois, às vezes, as informações contextuais são insuficientes para a construção da referência. O produtor do texto pressupõe da parte do leitor conhecimentos situacionais, enciclopédico. Por ser guiado pelo

princípio da economia, o autor não explicita as informações redundantes. Além disso, muitas informações não explicitadas textualmente podem ser recuperadas via inferenciação.

Nos informes, as expressões lexicalizadas desempenham uma importante estratégia de contextualização. Elas antecipam e sintetizam o conteúdo da mensagem e funcionam como chamada de um grande número de leitores, todos possivelmente capazes de ativar os referentes dessas expressões. Agora sim, vamos à análise dos textos:

MUNDO CÃO

E o Instituto de Proteção aos Animais do Brasil (IPAB) criticou o fato de uma UTI veterinária móvel ter ficado à disposição dos cães no passeio de Campos de Jordão. “Há discriminação até no mundo animal. Enquanto os cachorros ricos de Campos têm UTI, o centro de controle de Zoonoses de São Paulo não tem um caminhão funcionando para tirar os animais da rua, mesmo que haja um cavalo atropelado na Marginal Tietê”, diz o presidente da Ong, Maurício Esteves. (FSP, 13 de julho de 2007)

A expressão fixa “mundo cão” nos remete à idéia de desumanidade, apelo à exploração da miséria humana. A leitura deste item lexical aciona nosso conhecimento de mundo ou enciclopédico e gera a expectativa de encontrarmos uma situação de injustiça qualquer. Essa hipótese é confirmada no próprio texto “há discriminação até no mundo animal”. O que chama mais atenção no informe é o fato de a expressão “mundo cão” ser ambígua. Ela é empregada tanto no sentido conotativo, como no denotativo “mundo canino”. Neste último caso, há a desmontagem da fórmula fixa, que deverá ser lida como não lexicalizada.

O FILHO É TEU

Quando o tema Mangabeira veio à tona no planalto dias antes da posse do professor, Lula virou-se para Dilma Rousseff e avisou: “O primeiro problema que der quem vai resolver é você”. A ministra ia responder, mas o presidente cortou: “E pode chamar o tarso, que é outro pai da criança”. (FSP, 8 de julho de 2007)

Como dissemos, nem sempre a fórmula fixa é usada na íntegra. Neste caso, há uma redução, um corte. O título do informe é parte da expressão lexicalizada “toma que o filho é teu”. A expressão é

LÉXICO E SEMÂNTICA

usada quando alguém quer se livrar de um problema e delega sua resolução ao verdadeiro responsável. No caso, o problema em questão é Roberto Mangabeira Unger, recém chegado ao governo Lula. O professor de Harvard manifestou severas críticas aos tucanos do I-PEA, o que pode gerar animosidade do governo com a oposição.

DOIS PESOS

A decisão do TCU de interromper melhorias em aeroportos por causa da variação de valores em obras de Infraero contrasta com ação do órgão no Pan. Sinalizou que poderia parar as obras por suspeitas de irregularidades. Mas não o fez. (FSP, 29 de julho de 2007)

Mais uma vez, temos o corte na expressão fixa. Essa estratégia é usada para estimular a memória do leitor e estreitar sua interação com o texto e o autor. Ao ler o título, o leitor aciona seu conhecimento idiomático e recupera a expressão “dois pesos e duas medidas”. A fórmula fixa é usada para mostra que houve tratamento desigual para situações afins. O texto deflagra a incoerente ação do TCU ao embargar as obras em aeroportos e, ao mesmo tempo, não interromper as obras do Pan pelas mesmas suspeitas, a superfaturação.

O VENTO LEVOU

Ontem de manhã, no hotel da Organização Desportiva Pan-Americana, os mastros em que as bandeiras alusivas ao Pan ficavam caídos. (FSP, 12 de julho de 2007)

Já dissemos que os títulos de livros, músicas populares, filmes são exemplos de fórmulas fixas quando podem ser resgatados por um grupo sócio-cultural. O título do informe faz alusão a um dos filmes mais conhecido no mundo. A carga dramática do filme sinaliza para um acidente: os mastros em que as bandeiras do Pan estavam hasteadas caíram. O título do informe é sugestivo, pois faz o jogo da intertextualidade. E ao mesmo tempo a frase pode ser lida literalmente. Segundo Carvalho (2004, p. 91), neste caso, há a desmontagem da fórmula fixa, pois o seu sentido inicial é recuperado, tal como era antes da lexicalização.

UMA MÃO LAVA A OUTRA

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O Palmeiras teve ajuda do Santos para mandar o clássico de amanhã no Parque Antarctica. Os palmeirenses pediram aos santistas que afirmassem à polícia Militar que não viam problemas em jogar lá. Marcelo Teixeira aceitou e ligou para a Pm. Os policiais exigiam a partida no Morumbi, alegando questões de segurança. E não receberam bem a atitude do time do litoral. Ao ser gentil com o adversário, Teixeira praticamente assegura que, no futuro, terá ajuda caso a PM vete um jogo com o Palmeiras na Vila Belmiro. (FSP, 18 de julho de 2007)

A expressão lexicalizada significa “troca de favores”, aponta para a prática pouco ortodoxa do jogo de interesses. No caso, o Palmeiras pede para o Santos interceder junto a PM em seu favor. O Santos ajuda o time adversário e em troca espera ser ajudado em uma outra ocasião.

SOB A LUZ DO LUAR

Reduto de escritores e artistas, a praça Roosevelt anda com iluminação parcial desde a semana passada. É que os refletores, do lado oposto ao dos bares e teatros, foram furtados e não há previsão de reposição. Mas segundo a prefeitura, já foi registrado boletim de ocorrência e continua em andamento o projeto para revitalizar a praça, que inclui iluminação. (FSP, 24 de julho de 2007)

O título do informe é um clichê, uma construção fixa, pretensiosamente literária que é desgastada pelo uso. Tradicionalmente, o clichê é condenado por sua trivialidade, por recorrer a imagens corriqueiras. Tais expressões estafadas imprimem um estilo postiço, sem força expressiva. Entretanto, o clichê de caráter romântico ganha nova vida. Ele é adequado ao assunto, pois o referente é um reduto de artistas e escritores, a praça Roosevelt. Além disso, o clichê ganha ares irônico, cômico, já que o local está iluminado “sob a luz do luar” não por causa de uma atmosfera romântica, mas sim por causa de um roubo. Revela-se, então, o abandono do lugar.

LÉXICO E SEMÂNTICA

MEU PIRÃO

Simão Cirineu e Mauro Ricardo, secretários da fazenda dos tucanos Aécio Neves e José Serra, respectivamente, reuniram-se ontem com o vice-presidente da Câmara, Nárício Rodrigues (PSDB-MG), para articular um plano que viabilize a partilha da CPMF com os Estados. (FSP, 8 de agosto de 2007)

O título é parte do provérbio “farinha pouca meu pirão primeiro”. O ditado elucida o individualismo, a não consideração dos interesses alheios. No texto, fica claro a corrida dos secretários da fazenda para atender a sua própria causa: a partilha do imposto entre os Estados.

FOGO AMIGO

A oposição corintiana irritou-se ao descobrir que Alberto Dualib entrou com uma ação contra o Corinthians e seu Conselho deliberativo. Tentou, em vão, liminar para anular a reunião que aprovou as suas contas. (FSP, 31 de julho de 2007)

No jargão militar, a expressão “fogo amigo” ocorre quando um exército ataca por engano uma força aliada. E por extensão de sentido, passou a ser usada em outros contextos, como na política. Nota-se que no texto fica claro que a pessoa, Dualib, volta-se contra seus aliados, mas não tem sucesso na sua “incursão”.

TODA NUDEZ...

O shopping Frei Caneca instalou placas nos banheiros masculinos com o texto: “A prática de ato obsceno em lugar público, aberto ou exposto ao público é passível de pena de detenção de três meses a um ano”. Segundo a administração do shopping, a medida é apenas preventiva, “para evitar constrangimentos”. (FSP, 15 de agosto de 2007)

O título do informe é um exemplo de intertextualidade implícita, pois não há citação explícita da fonte. O autor do texto espera que o leitor acione seu conhecimento textual e resgate a peça teatral “Toda nudez será castigada” de Nelson Rodrigues. A seleção do título foi intencional, perspicaz, pois ele dá uma noção do conteúdo do informe. O aviso colocado no banheiro masculino de um shopping procura inibir a prática de gestos obscenos. E o mesmo prevê a pena

(o castigo) para tal prática. Certamente, o conteúdo do informe está em consonância com a obra Rodriguiana.

LIVRO ABERTO

Aliados de Ricardo Teixeira tentarão convencê-lo a ser mais dócil com congressistas interessados em seguir de perto o projeto da Copa de 2014. Um deles, baseado em Brasília, diz que o pior para o cartola está por vir. Refere-se à sua certeza de que deputados encontrarão uma fórmula legal de ter acesso a todos os contratos referentes ao Mundial, se ele for no Brasil. Estão incomodados com o fato de, até agora, não saberem quanto custará a brincadeira. Pretendem levar o presidente da CBF mais de uma vez à Câmara. (FSP, 18 de agosto de 2007)

A expressão lexicalizada “livro aberto” é usada em bloco com o significado de “acessibilidade à informação”. Essa idéia de certa forma é explicitada na passagem “ter acesso a todos os contratos referentes ao Mundial”. Mais uma vez, parte-se de um objeto concreto (livro aberto) e através de um hábito associativo, é atribuído um novo uso para expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que as expressões lexicalizadas são encontradas aos montes nos gêneros textuais do domínio jornalístico, sobretudo no informe. Elas atendem a funções textual-interativas específicas: Tais formas apresentam bom rendimento comunicativo, pois condensam conhecimentos partilhados. Direcionam a leitura, ao gerar hipóteses de interpretação no leitor. Estabelecem uma espécie de cumplicidade entre autor e leitor à medida que reservam ao leitor a satisfação de um conhecimento partilhado. Além disso, como estereótipos verbais, elas apresentam uma maior estabilidade referencial por funcionar em bloco e ser coletivamente pré-fabricadas. As fórmulas fixas fazem parte do repertório de uma comunidade, configurando o saber idiomático. E é nela que se imprime o chamado gênio e o colorido da língua.

LÉXICO E SEMÂNTICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CÂMARA Jr., J. Matoso. *Problemas de lingüística descritiva*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

KOCH, Ingedore G. *O texto e a construção dos sentido*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

POTTIER, Bernard. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

VILELA, Mario. *Metáforas do nosso tempo*. Porto: Almedina, 2002.

**O USO DO DICIONÁRIO EM SALA DA AULA
DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UMA PROPOSTA RELACIONADA
AOS CURSOS DE EXTENSÃO
DIRECIONADOS À TERCEIRA IDADE**

Angela Marina Chaves Ferreira (UERJ / UFRJ)
angmarina@globo.com

INTRODUÇÃO

Propomos apresentar possibilidades mais amplas de atividades que utilizam o dicionário monolíngüe em sala de aula de língua estrangeira (LE), no caso, a língua espanhola. Trazemos uma sugestão do que pode ser efetuado para o uso mais estendido do dicionário como material de ensino-aprendizagem em cursos de extensão desenhados especificamente para atender à terceira idade na UnATI (Universidade Aberta à Terceira Idade). Para isso, tomamos pressupostos da extensão em geral e do curso focalizado, de teóricos de educação sobre o trabalho com pessoas de 60 anos ou mais, além de nos ancorarmos em suportes teórico-metodológicos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Faz-se necessário apresentar as características do dicionário unilíngüe e o que conforma as *definições* através das quais se organizam os enunciados lexicográficos. Incluímos, para exemplificar, uma amostra de uma atividade docente realizada com o grupo em tela.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: OBJETIVOS E ASPECTOS

As atividades de extensão, pesquisa e ensino que organizam a Universidade são indissociáveis. A socialização dos saberes da Academia está relacionada às atividades de extensão e ensino, professores e alunos constituem-se como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, em interação. A extensão possibilita uma aproximação entre a universidade e a sociedade, promove o relacionamento entre teoria e prática e entre os saberes acadêmicos e os da comunidade. A extensão se inclui dentro do processo constituinte da Uni-

LÉXICO E SEMÂNTICA

versidade e está relacionada à pesquisa e ao ensino. (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2001).

Em relação, especificamente, à extensão na UERJ, esta foi oficialmente instituída em 1981 pela resolução 503/81 do Conselho Universitário UERJ, como resultado de ações anteriores que podem ser consideradas precursoras da criação da extensão na Universidade. Em 1989, a Comissão Acadêmica de Análise Institucional instituída pela Reitoria apontava, no relatório final, para o fato de que as atividades promovidas pela extensão não poderiam ser um fim em si mesmas e que ganhos pedagógicos, científicos e técnicos deveriam ser alcançados. (Castro, 2004, *Apud* Ferreira, 2004)

A partir dessas considerações, é possível concluir que a extensão universitária está em sintonia com pesquisa e ensino, devendo promover um diálogo constante entre a universidade e a comunidade, uma interação entre teoria e prática. (Ferreira, 2004)

A UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE

Criada há 14 anos na UERJ, em 1993, a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) está estruturada a partir de quatro eixos, em que as ações de ensino, pesquisa e extensão estão contempladas:

O primeiro, para os idosos, reúne serviços de saúde, atividades sociais, culturais e educativas, voltadas à integração e inserção social. O segundo destina-se a estudantes de graduação, profissionais e público não-idoso, oferecendo formação, capacitação, atualização e especialização de recursos humanos. O terceiro eixo prioriza a produção de conhecimento, voltado para pesquisadores e estudantes de cursos de pós-graduação. E, o quarto busca a sensibilização da opinião pública, por meio de atividades de extensão, programa de voluntariado e a participação na formulação de políticas para a população idosa. (www.unati.br)

Oferece cursos gratuitos organizados em quatro grandes áreas (1) educação para saúde: 13 títulos; (2) arte e cultura: 13 títulos; (3) conhecimentos gerais e línguas estrangeiras: respectivamente 16 e 5 títulos; (4) conhecimentos específicos sobre terceira idade: 12 títulos, perfazendo um total de 59 cursos (*ibid.*). Além desses cursos, organiza e promove atividades culturais e educativas de interesse dos idosos.

O PROJETO DE EXTENSÃO LÍNGUA ESPANHOLA
PARA A COMUNIDADE

O Sub-projeto de Línguas Estrangeiras/Língua Espanhola para a Comunidade está vinculado ao Programa de Línguas Estrangeiras para a Comunidade (LICOM). Trata-se de um projeto de extensão destinado a oferecer aos alunos da UnATI, cursos de língua estrangeira moderna de inglês, alemão, francês e espanhol. O curso de Língua Espanhola estrutura-se em dois módulos, de dois níveis cada e exige que o candidato tenha concluído o ensino fundamental para realizá-los. Atualmente, há 80 alunos freqüentando as aulas, distribuídos em 4 turmas. Encarregam-se das atividades docentes alunos bolsistas de Iniciação à Docência e voluntários, todos da Graduação em Português-Espanhol, orientados por um professor da UERJ.

Objetivos do curso

Procura-se destacar os objetivos mais significativos do curso neste apartado.

Em relação ao aluno UnATI

Geral: propiciar ao aluno domínio de habilidades básicas em língua estrangeira, inserindo-o em novas culturas.

- a) exercitar aspectos cognitivos (memória, o raciocínio, a atenção), sem descartar os aspectos afetivos.
- b) ampliar a visão de mundo do idoso, resgatando conhecimentos prévios

Em relação ao graduando UERJ

Geral: propiciar uma oportunidade real de iniciação à docência.

- a) proporcionar alternativas para a experimentação de estratégias inovadoras no ensino de línguas estrangeiras;
- b) inserir o futuro docente no trabalho de apoio à Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) no atendimento aos idosos (Projeto Língua Espanhola para a Comunidade UnATI/LICOM, 2005)

LÉXICO E SEMÂNTICA

Bases das propostas teóricas

Tomando a reflexão de Paulo Freire (1994) “Ninguém aprende sozinho, nós aprendemos através do mundo”, o curso procura contemplar o resgate do conhecimento de mundo do aluno UnATI e o respeito pela autonomia, reconhecidamente um aspecto fundamental. Alegria e esperança na sala de aula tornam-se fatores indispensáveis para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Relacionam-se neste processo as atividades lúdicas, a socialização, a memória, o raciocínio lógico e o pensamento crítico, integrando os aspectos cognitivos e afetivos. Desse modo, estamos satisfazendo as principais necessidades diretamente relacionadas com a faixa etária do público-alvo.

Os métodos de base estrutural e comunicativa são mesclados e utilizados a partir de atividades lúdicas e criativas. O trabalho com exercícios relacionados ao método estrutural busca resgatar a memória cognitiva e a afetiva, considerando que a maioria dos alunos utilizou propostas semelhantes em sua trajetória escolar. Transformam-se as estruturas aprendidas em instrumentos para o desenvolvimento da compreensão e da expressão oral e escrita, interagindo com o enfoque comunicativo. De acordo com esta perspectiva, o método estrutural é um meio de atingir os objetivos comunicativos e estes se realizam a partir de um contexto criado em sala de aula, de situações e experiências nas quais os educandos poderão praticar o que foi aprendido. (Projeto Língua Espanhola para a Comunidade UnATI/LI-COM, 2005)

O DICIONÁRIO: TIPOS E DEFINIÇÕES

Dentre os vários tipos de dicionários existentes, elegemos para este trabalho o dicionário monolíngüe (espanhol/espanhol) porque define os lemas, vocábulos que encabeçam o verbete, através da própria língua. Entendemos que este tipo de dicionário é um registro da língua marcado a partir de posições sociais, políticas, históricas e culturais. Observa-se que as definições evidenciam sinais do momento e do lugar em que se inserem os interlocutores, entendidos como a equipe de lexicógrafos e o público a que se destina o dicionário. Essas marcas são facilmente encontráveis nas enciclopédias e

nos dicionários enciclopédicos, mas os dicionários de língua também as incluem em seus enunciados lexicográficos, de acordo com o lema a ser definido.

Definição para Martínez de Sousa (1995, p. 73), o mesmo que *definição lingüística*, é a expressão do significado da unidade léxica que forma a entrada com a ajuda de vozes, locuções ou sintagmas conhecidos, para Porto Dapena (2002, p. 269) seria qualquer tipo de equivalência semântica estabelecida entre a *entrada* e qualquer expressão explicativa da mesma num dicionário monolíngüe. Segundo as propostas de Porto Dapena (*ibid.*, p. 269), os elementos da definição são *definido/definindum* (a própria entrada) e *definidor/definiens* (expressão explicativa: a própria definição). A definição lexicográfica se realiza em dois níveis ou *metalínguas*: *metalíngua de signo* (para definir o significado da entrada ou definido) e *metalíngua de conteúdo* (para definir palavras que carecem de verdadeiro sentido léxico). Alguns princípios básicos regem (ou deveriam reger) a redação das definições: *equivalência, substituição, identidade categorial ou funcional, análise, transparência, auto-suficiência, comutabilidade* (Cf. Porto Dapena, *ibid.*, p. 271). As definições, retomando Porto Dapena (*ibid.*, p. 277) dividem-se em dois grandes grupos, *enciclopédicas* e *lingüísticas* e vários sub-grupos. Enfocaremos somente as que conformam os grupos mais amplos. A *definição enciclopédica* descreve, define o objeto, *a coisa*. Este tipo de definição, em tese, não deveria ser incluído em dicionários de língua por suas próprias características de descrição do *objeto*. Entretanto, é freqüentemente encontrada para definir lemas relacionados à fauna e à flora ou a alguma terminologia, contendo informações descritivas detalhadas. A *definição lingüística* é a definição por excelência, uma vez que explica a palavra ou unidade léxica em geral. Trata-se de classificação mais abrangente que comporta subtipos que, por sua vez, incluem muitas subdivisões. Dividem-se através de dois grandes aspectos, *conceituais* e *funcionais*. No grupo das definições *conceituais*, p.e, encontram-se as *sinonímicas* e *perifrásticas*, que em alguns enunciados também incluem marcas que evidenciam os interlocutores e situam o verbete temporal e espacialmente, como o fazem de modo mais perceptível as *definições enciclopédicas*. (Porto Dapena, *op. cit.* p. 266-269)

LÉXICO E SEMÂNTICA

UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE EM SALA DE AULA

Servem de base a esta sugestão, somente as *definições enciclopédicas*, das quais trazemos duas, retiradas de um dicionário monolíngüe seletivo,¹⁷ *Diccionario del Español Usual en México* (DEM), que exemplificam a proposição. Faz-se necessário recordar os objetivos relacionados ao trabalho com o público-alvo: exercitar a memória, a atenção, através de atividades lúdicas, um jogo, nesta proposta.

Desenvolvimento da atividade

- a) Dividir a turma em grupos.
- b) Determinar o tipo de dicionário que será consultado (monolíngüe).
- c) Estabelecer as classes que serão pesquisadas (por exemplo: mamíferos, felinos).
- d) Orientar sobre as regras: retirar os lemas, fazer o reconhecimento dos referentes pelas características contidas na descrição, combinar a pontuação atribuída e o tempo máximo dispensado a cada verbete.
- e) Vence o jogo o grupo que trouxer mais entradas dificilmente reconhecíveis.

Exemplos de entradas:

(1) s m (*Felis concolor*) Felino americano, parecido al tigre pero de pelo suave y de un solo color, que varía entre el gris amarillento y el café rojizo. Llega a medir más de 1 m hasta el arranque de la cola, que es larga y oscura en su punta. Se alimenta principalmente de venados, a los que caza de noche; león americano. (DEM, 1996)

¹⁷ Dicionário *seletivo, restritivo* ou *restringido* (Martínez de Sousa, 1995, p. 164), caracteriza-se por registrar um repertório de termos escolhidos de acordo com critérios de valor. Dirige-se a um público específico, a um grupo que domina um léxico comum e se reconhece como comunidade através do uso lexical compartilhado. (Moreno Fernández, 1998, p.19).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(2) s I. Mamífero carnívoro de la familia de los félidos, propio de los desiertos de África y de Asia del sur. Tiene aproximadamente 1 m de altura hasta la cruz y 2 de largo hasta el arranque de la cola, que es larga y termina en una pequeña bola de cerdas; sus dientes y uñas son muy fuertes y tiene el pelo entre amarillo y rojo. De ambos sexos es característico el rugido, y del macho una melena que le crece con los años. (DEM, 1996)

Algumas observações sobre a atividade:

Os envolvidos no jogo participam de maneira intensa e prazerosa, disputando e trocando informações, observando, complementando as propostas dos companheiros, fazendo associações e inferências, contra-argumentando. Usam seu conhecimento de mundo, de língua, exercitam a atenção, a memória, o senso crítico, atendendo aos pressupostos que compõem a base do curso de Língua Espanhola UnATI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos o propósito de, através deste trabalho, trazer uma idéia simples sobre usos menos canônicos do dicionário que incluam aspectos lúdicos, apresentando sob um prisma diferente uma obra que carrega histórica e socialmente o peso da *autoridade* e da *verdade*. Segundo nossa proposição, *brincar* com um dicionário envolve o prazer de abrir suas páginas e buscar o que normalmente não se faz: uma descrição que não descreva, uma definição que não defina, ou, pelo menos, onde existam dúvidas e ambigüidade. Não é objetivo nessa espécie de *jogo*, criticar a organização dos verbetes, nem tachar de incorreto ou malfeito este ou aquele enunciado lexicográfico. Antes porém, buscamos uma aproximação a um tipo de obra (um tanto mítica) que faz parte da nossa trajetória em relação à língua, seja ela materna ou estrangeira, comumente de modo bastante formal e até, *respeitoso*. Quando reconhecemos que uma entrada de dicionário pode recuperar momentos e lugares, história, juízos de valor, crenças políticas, sociais, é possível refletir que jogar com o léxico e seus significados é manter contato estreito com língua e cultura, enriquecendo o processo ensino-aprendizagem.

LÉXICO E SEMÂNTICA

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação*. www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm
Acesso em agosto 2007.

CASTRO, Luciana M. Cerqueira. *A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores: ainda existem utopias realistas*. 185 p. Tese de Doutorado em Medicina Social. Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DICCIONARIO del español usual en México. México: El Colegio de México, organizado por Luis Fernando Lara, versão digital, s/d. [1ª ed. 1996, 3ª reimpresión 2005].

FERREIRA, Ângela Marina Chaves. *Leitura de textos teóricos: um suporte metodológico para o Projeto Línguas para a Comunidade*. *Cadernos do IX CNLF. Línguas Estrangeiras e Diacronia*, Vol. IX, nº 14. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005.

GARGALLO, Isabel S. *Lingüística Aplicada a la enseñanza del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco/Libros, 1999.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: BIBLOGRAF, 1995.

MEC/SEsu; UFPR; UESC. *Avaliação Nacional da Extensão Universitária/Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras*. Brasília, 2001, p. 9-37.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. *A definição lexicográfica*. In: *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

UNATI. <http://www.uerj.br/modulos/kernel/index.php?pagina=167>
Acesso agosto 2007.

O VOCABULÁRIO POPULAR NA ILHA DO PAVÃO

Denise Salim Santos (FACHA/UERJ/UNIG)

d.salim@globo.com

Nomear seres e objetos que estão a seu redor é a forma que o homem encontra para registrar seu conhecimento do mundo, sua interação com ele, para estruturá-lo a partir da percepção de diferenças e semelhanças presentes no mundo real que o cerca, classificando-as, apropriando-se da realidade no momento mesmo em que lhe atribui um representante sógnico que é a palavra.

Designa-se léxico ao conjunto de palavras de uma língua gerado *por atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos lingüísticos: as palavras* (Biderman, 1998, p. 11). Como patrimônio vocabular de uma determinada língua natural, é o resultado da história dessa língua, cujos elementos herdados, assim como seus modelos categoriais, possibilitam a geração de novas unidades lexicais, novas palavras.

Segundo Biderman (1998, p. 13), a etapa mais primitiva do conhecimento da realidade identifica-se com a organização do léxico básico de uma língua natural. Mas o ampliação progressiva do conhecimento da realidade e a conseqüente apropriação do mundo, como já foi dito, fez com que o homem desenvolvesse técnicas e construísse o conhecimento científico. Justifica-se desta forma a necessidade constante de expansão do repertório lexical para cobrir e registrar o avanço científico e técnico que se impôs às sociedades civilizadas, intensificada também pela velocidade frenética das mudanças sociais, da comunicação, do contato com outras culturas e a influência inequívoca dos meios de comunicação de massa. A possibilidade desse enriquecimento constante confirma a idéia de léxico como um sistema aberto a novos acréscimos, a outras adaptações, pois à medida que muda a realidade surge a necessidade de serem alteradas as representações que se fazem dela. E essas novas representações fixam-se no nível lingüístico através do léxico que reflete e refrata o modo como o grupo social vê e representa o mundo, servindo também *de mensageiro de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social* (Isquerdo,

LÉXICO E SEMÂNTICA

2004, p. 11) . Essa idéia também está presente em Michel Foucault em uma de suas reflexões sobre palavra e história natural e as coisas:

De sorte que não teria sido possível falar, não teria havido lugar para o menor nome, se no fundo das coisas, antes de toda representação, a natureza não tivesse sido contínua. [...] As coisas e as palavras estão muito rigorosamente entrecruzadas: a natureza só se dá através do crivo das denominações, ela que, sem tais nomes, permaneceria muda e invisível, cintila ao longe por trás deles[...] (Foucault, p. 1999, p. 222)

Léxico, então, deve ser compreendido como a totalidade de palavras de uma língua ou o saber interiorizado por parte dos falantes dessa língua. Estudá-lo é uma forma de resgatar a cultura dos grupos sociais, traduzindo a maneira como as sociedades percebem o mundo em que estão inseridas nas diferentes etapas de sua história e de sua constituição.

A delimitação das noções palavra como unidade constituinte do léxico provoca entre lingüista ampla discussão na tentativa de apresentar critérios e estratégias eficientes.

Do ponto de vista da significação, Mattoso Câmara denomina usa o termo “palavra” para designar o vocábulo lexical, sendo este o que encerra um semantema, em oposição ao vocábulo de significação apenas gramatical (Câmara Jr. 1974, p. 387-389). Do ponto de vista formas diz-nos o lingüista:

Ao contrário do critério fonológico que rege a nossa escrita, procurando representar aproximadamente os fonemas pelas letras e dividindo suas seqüências e acordo com as sílabas, a apresentação do vocábulo na escrita se faz pelo critério formal. Deixa-se entre eles, obrigatoriamente, um espaço em branco, porque mesmo quando sem pausa entre si num único grupo e força cada um é considerado uma unidade mórfica de per si. (Câmara Jr., 2000, p. 69)

José Lemos Monteiro em seu livro *Morfologia Portuguesa* (Monteiro, 2002, p. 12) afirma que *muito comumente os termos vocábulos e palavras são usados indistintamente para designar um conjunto ordenado de fonemas que expressam um significado*. Mas firma posição com Mattoso Câmara quando considera palavra somente os vocábulos que remetem a significados lexicais (os lexemas) e deixa o termo vocábulo para recobrir as outras formas da língua que funcionam como “instrumentos gramaticais” (preposições e con-

junções, por exemplo) e cujos significados são de natureza gramatical e não lexical.

Herculano de Carvalho (Carvalho, 1974, p. 578-579) também distribui as palavras em duas classe básicas: a dos lexemas, na qual estarão presentes os termos que têm significação objetiva e dos categoremas, cujos termos têm de significação gramatical. Carvalho define o léxico de uma língua como sendo a reunião das duas grandes classes ou conjuntos de palavras: as palavras lexicais, como inventários abertos e as palavras gramaticais como inventários fechados, deixando registrado que *as duas classes[...] coincidem, em traços largos, com respectivamente a dos lexemas e categoremas*.

Bernard Pottier acrescenta a noção de lexia e faz a distinção dos três termos- lexia vocábulo e palavra- a partir do plano do significado. As lexias resultam da combinatória de dois signos mínimos: o signo lexical e o signo gramatical. As lexias lexicais compreendem a classe das designações que Herculano de Carvalho explica como “termos de significação objetiva”, e são responsáveis pela representação dos referentes *antropo-sócio-culturais, geradores e refletores da visão do mundo de um determinado grupo. Os vocábulos seriam as inúmeras unidades lexicais de norma do discurso que condicionam a atualização das lexias no comportamento lingüístico dos usuários, variável de indivíduo para indivíduo* (Turazza, 1996, p. 77). No nível da fala, palavra corresponderia a cada atualização de uma lexia fixada pelo uso, ou seja, devidamente lexicalizada. Para o Pottier, lexia é a entidade memorizada; o vocábulo é a lexia tal como esta se apresenta em dicionários; e a palavra será, então, a lexia atualizada nos enunciados.

Genouvrier e Peytard distinguem léxico de vocabulário. Para eles, o léxico é o conjunto de todas as palavras que num momento dado estão à disposição do locutor: são as palavras que ele oportunamente emprega, compreende e que constituem seu léxico individual. Vocabulário é o conjunto de palavras que efetivamente são empregadas por um locutor num ato de fala determinado e corresponde à atualização de uma certa quantidade de palavras pertencentes ao léxico individual do locutor. O vocabulário é sempre parte do léxico individual, que por sua vez também é parte do léxico global, ponto extremo da cadeia, na qual se pode inventariar *uma soma con-*

LÉXICO E SEMÂNTICA

siderável de palavras num período historicamente determinado (Genouvrier & Peytard, s./d., p. 279-280)

Acatar a noção de vocabulário como conjunto de palavras que efetivamente são empregadas pelo usuário num determinado ato de fala facilita entender que a seleção deste ou daquele item lexical na construção de um enunciado pode ter a influência de vários fatores diatópicos, diastráticos ou diafásicos (idade, sexo, raça, cultura, profissão, posição social, comunidade em que vive etc.) construindo a identidade desse enunciador ou a preocupação do enunciador fazer-se entender, aproximar-se do enunciatário.

Considerando-se uma mesma comunidade, é possível estabelecerem-se pelo menos duas variedades de linguagem coexistentes, desempenhando cada uma delas um papel específico: culta ou padrão e popular. Para a materialização enunciativa de cada uma delas percebe-se um tratamento vocabular diferenciado. Numa atividade linguageira em que se faz necessário o uso do padrão culto, o vocabulário empregado é mais variado, havendo um cuidado maior com a precisão dos significados. A possibilidade de empregarem-se termos técnicos também está presente. Quando a atividade enunciativa se presta a reproduzir o uso popular, o vocabulário presente tende a menor variação, os termos empregados têm significados menos precisos, sendo recorrentes as palavras *omnibus* como *coisa*, *negócio* ou as de uso mais informal como *troço*, *treco*, *bagulho*, para nos mantermos no plano semântico das palavras “que servem para tudo”. Em enunciados dessa natureza o palavrão, as palavras obscenas, as injúrias, os xingamentos terão trânsito mais livre.

No entanto é possível detectar elementos que se apresentam simultaneamente no ato de fala culto e no ato de fala popular. Pretti (2003, p. 31), antes de referir-se ao tratamento vocabular, faz referência à existência de um dialeto social culto e a de um dialeto social popular e propõe *o estabelecimento de um dialeto social comum* em que estariam presentes todos os fatos lingüísticos que ocorrem nos dois dialetos. Transpondo-se a idéia para o plano vocabular, tem-se que esse dialeto comum apresentará unidades lexicais pertencentes às duas variedades de uso da língua: a padrão e a popular. O próprio falante tem a percepção de que há palavras que frequentam os diferentes tipos de enunciados e outras que só se materializam em condi-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ções discursivas especiais. As mais presentes seriam entidades léxicas do vocabulário comum, usual, enquanto as menos frequentes se distribuiriam entre o uso padrão ou uso popular. Assim, o vocabulário comum além de ser o lugar de encontro de maior parte das palavras da língua também serve de parâmetro para distribuição dos termos em cultos e populares.

Genouvrier e Peytard procuram caracterizar esse vocabulário comum ou “médio”, como o classificam, reproduzindo as idéias de Charles Bally e acrescentando outras, citadas a seguir:

[...] o sentimento de freqüência maior ou menor no uso de determinadas palavras reflete a existência de uma língua comum que reflete, num grupo lingüístico dado as formas constantes da vida humana e social; todas as formas de expressão utilizadas para empregos mais limitados, ou próprios de grupos mais reduzidos ficam a ela a subordinados. (Genouvrier & Peytard, s./d., p. 286-287)

Destacam os lingüistas que a língua comum “tem horror ao preciosismo da expressão”, tende a unificar os matizes sinonímicos e expressar cada coisa de uma só maneira. As formas que não são sentidas como pertencentes ao vocabulário da língua social ou dialeto social comum são considerados por eles como desvios. O uso de certos vocábulos mais raros, mais preciosos, que joga com matizes para construir efeitos de sentidos especiais, por exemplo, ficaria no nível formal da língua culta. Já o emprego de um vocábulo familiar, mais distenso, em que estão presentes bem ao extremo as gírias, é viável, desde que não constituam obstáculos ou sofram interdição pelas normas do grupo.

Num obra de ficção em que as personagens pertencem a estratos sociais diferenciados, como é o caso do romance em estudo, detectam-se várias passagens que servem de exemplo às três modalidades de seleção vocabular: a culta, a popular e a comum. O escritor busca ou deixa-se apanhar pelas palavras que certamente estariam “na boca” de pessoas do mundo real com o mesmo perfil social e psicológico das personagens que desfilam diante do leitor durante a narrativa. Por exemplo: a existência de personagens populares, de pouca ou nenhuma escolaridade, fruto de um ambiente social menos favorável, cria a possibilidade de atos de fala desta natureza, como se pode verificar na fala da negra velha Clementina, uma das moradoras da Casa dos Degraus:

LÉXICO E SEMÂNTICA

– Se dessa vez não emprenhar, não emprenha mais nunca – disse Clementina – desde ontem que eles estão na safadagem. Se fosse Naná, já tava com pelo menos dois no bucho, com tanta socação. (FIP, p. 20)

– Naná dá sorte. Tu veja como é as coisas. Naná pelejou pra conseguir que ele quisesse ela, passou mais de cinco mês se entupindo de banna de porco, cabaú e farinha pra engordar e crescer a bunda, só faltava esfregar o rabo nele toda vez que podia e da primeira vez que ele pegou nela foi ela que puxou ele no banho salgado, todo banho salgado ela metia a mão por debaixo dele. (FIP, p. 20)

Nesses excertos há um conjunto de elementos lexicais característicos do dialeto social popular que têm seus correspondentes sinonímicos no dialeto social culto:

Dialeto social popular vocabulário popular	Dialeto social culto vocabulário culto
emprenhar	engravidar
safadagem	libertinagem, devassidão
bucho	ventre
pelejou	insistiu
se entupindo	fartando-se
bunda	nádegas

No *Dicionário Houaiss* o verbete “emprenhar” assim se apresenta:

□ verbo

transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo

tornar(-se) prenhe (mulher ou fêmea); fazer conceber ou conceber; engravidar

Ex.: <emprenhou-a antes do casamento> <emprenhou de um desconhecido> <emprenhou muito jovem> <custou muito a e.>

Semanticamente o verbo *emprenhar* equivale a *engravidar*. Interessante observar que a datação do primeiro é registrada no séc. XIII e o seu sinônimo data de 1958, apenas, não havendo nenhum registro que determine o primeiro como termo informal, como ocorre com em vocábulos como *safadagem*, *bucho*, *bunda*, todos dicionarizados. Algumas hipóteses podem ser apresentadas para o fato: i) o termo faz parte do vocabulário comum ; ii) a presença dos demais termos informais, que chamaríamos de populares, acrescentariam esse traço discursivo –informal ou popular_ à palavra, deixando para o discurso social culto o emprego do termo *engravidar*; iii) o texto narrativo apresenta elementos que o delimitam temporalmente como

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

passado num período que corresponderia a alguns séculos atrás. A personagem habita uma ilha, mais isolada que outras ilhas. A presença do colonizador é forte. Portanto, *emprenhar* pode ser um daqueles vocábulos, tal qual se argumenta quando se fala em dialeto caipira, que se fixou no falar popular e ali se manteve deslocando-se do vocabulário culto para o vocabulário popular com emprego pejorativo: mulher que reproduz como as fêmeas de animais. Além disso, o termo *engravidar*, segundo a datação tem vida muito mais recente que *emprenhar* e não faria parte historicamente de nenhum dos dialetos em questão. Portanto, não teria razão de ser a sua presença no enunciado. Eis aí o cuidado do escritor com a seleção vocabular devidamente enquadrada no tempo da história.

Com relação ao termo *safadagem*, embora se possa imaginar que esta palavra seja um neologismo criado pelo escritor, resultante do cruzamento das formas *safadeza* (dicionarizada sem a rubrica “informal”) + *sacanagem* (com a rubrica “informal ou tabuísmo”) o que de fato ocorre é que o termo está registrado em DH¹⁸ com a rubrica “uso informal” e apresenta etimologia *safado*+*agem*, num processo regular e freqüente de formação de palavras como ocorre com *libertino*(adj.)+*agem*→ *libertinagem*.

Quanto ao verbo *entupir-se*, registram-se expressões sinônimas, inclusive a que oferecemos, como pertencente ao vocabulário culto, ambas sem qualquer rubrica. Não se pode negar, porém que o contexto em que foi empregado “entupir-se de banha de porco” atribui-lhe um traço pejorativo caracteristicamente popular.

Na sexta edição do “Novo dicionário da língua portuguesa”, de Cândido de Figueiredo, encontramos o vocábulo *pelejar* concorrendo com *pelear*, que é de etimologia espanhola, ambas abarcando o significado “lutar; combater; batalhar; insistir muito”

No entanto, assim como em DH, apenas nas formas *pelear* e seus derivados está presente a rubrica *regionalismo: Santa Catarina, Rio Grande do Sul*. Desta forma, *pelejar* pertenceria ao paradigma

¹⁸ A partir de agora será usada a sigla DH como referência ao *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*

LÉXICO E SEMÂNTICA

dos vocábulos comuns, uma vez que no contexto em que aparece não seria pertinente classificá-lo como culto.

Registram-se também no discurso também duas expressões freqüentes no uso popular que também têm seu correspondente culto:

esfregar o rabo: encostar-se

meter a mão por baixo: tocar, acariciar

Pelos poucos exemplos acima, vê-se a complexidade de se afirmar que uma palavra pertence exclusivamente a um vocabulário apenas. De fato, há um conjunto delas que se separa naturalmente. Mas há outros, limítrofes, que deixam o pesquisador de sobreaviso e dele exige cuidado no sentido de não se precipitar em fechar conclusões:

– Porção de *como*, não, *como* não é eles, eles tão é no proveito e ainda papando as mulheres. Corno é Iô Pepeu, que pensa que as mulheres é só dele e inda dá sustento a elas. Casa de Chão de lajota e telhado amouriscado não é todo mundo que tem, não. Papa fina, sabão nem de sebo nem de peixe, de sabão e coco fino, água de cheiro, bugiaria do pé à cabeça, muito respeito e compra na conta... aquela que bem dá o seu bem-bom. Bem da boa ficará!

CORNO

□ substantivo masculino

1 Rubrica: anatomia zoológica.

cada um dos dois apêndices ósseos presentes na parte superior da cabeça de muitos ungulados; nos bois, cabras e antílopes é permanente, não ramificado e revestido por uma bainha rígida de ceratina; nos veados é ramificado, trocado anualmente e revestido por pele [sin.: aspa, binga, chavelho, chifre, galho, guampa, guampo, haste]

adjetivo e substantivo masculino

Uso: informal ou tabuísmo.

16 que ou aquele que é traído pela mulher (diz-se esp. de marido, companheiro ou namorado); cornaça, cornudo, guampudo

Em DH, o vocábulo *como* em primeira acepção é termo pertencente a uma língua de especialidade, a zoologia. Já na acepção 16 nota-se uma alteração de sentido em função do uso que se faz dela. Melhor dizendo, há lugar para o emprego de cada uma, mas no e-

nunciado, apenas um deles se atualiza. Neste caso, no entanto, o escritor transgride e rejeita as 17 acepções que estão dicionarizadas e propõe um novo sentido para a palavra: “corno é quem se deixa explorar por aquele que pensa estar explorando”. Desloca-se do eixo semântico da palavra a idéia de traição pela mulher em relação ao marido, companheiro ou namorado, como cita o verbete, para que ele seja marcado pelo traço “homem que é explorado pecuniariamente pelos companheiros das amantes, porque “eles (os companheiros) *estão no proveito*”. *Estar no proveito* em lugar de *aproveitam*, ou *aproveitam-se* também assinala a existência dos dois vocabulários o informal, no primeiro caso e o culto, no segundo.

Tarefa mais complexa é procurar correspondência no vocabulário popular para certos itens lexicais que pertencem ao vocabulário culto. Talvez o peso da tradição ou mesmo o arranjo mais complexo dos enunciados de certa forma dificultem o trabalho de substituição pelo falante, mas não o do escritor que os emprega com maestria como traço construtor de suas personagens.

Sim, a *peleja* já se antevia na palidez das feições, na gravidade dos semblantes e na aparência pejada exibida por tudo o que se olhava ou tocava. Convocado pelo intendente Felipe Mendes Furtao, o mestre-de-campo Borges Lustosa, no salão nobre da Câmara, debruçado sobre cartas e plantas, em enfardamento de gala vastamente amealhado e um chanfallo descomunal à cinta, no qual ele, por ser pouco mais alto que um pé de bredo, volta e meia dava uma topada, procedia o exame das estratégias e urdiduras a serem empregadas na manhã seguinte, vencidos os três dias de prazo para que os índios voltassem para os matos. Com a milícia e a guarda arregimentadas e acantonadas no campo da Fortaleza, dispunha o mestre-de-campo de bem uns trezentos homens em armas, se bem que a mor parte deles não portassem armas, além de facões, espadas cegas e alabardas *do tempo de Dom Corno*. Mas contava-se com dois falconetes já guarnecendo o portal da Câmara, apropriadamente embuchados e em plena condição de fogo, conquanto a pólvora do paiol da guarda estivesse ensolvada. Mas os milicianos Domitilo e Cosme, artilheiros recém-nomeados, orgulhosos de sua posição e ansiando ver o que aconteceria ao darem um tiro de canhão nos índios, aproveitaram a pólvora dos foguetes de festa da paróquia, reforçando muito a

LÉXICO E SEMÂNTICA

carga, porque a pólvora de foguetes de festa é certamente bem mais fraca do que pólvora de tiro.(IFP, p. 60-1)

Nesse parágrafo encontramos o narrador envolvido na tarefa de descrever, detalhadamente, a cena em questão, na qual estão envolvidos o mestre-de-campo e o intendente da ilha, para planejarem estratégias de expulsão dos índios “para os matos”.

Diferentemente do que se observou na análise do vocabulário empregado nos discursos de Crescência e Clementina, o grau de formalidade da situação exigirá um outra seleção vocabular.

Os adjetivos *pejadas* (carregadas), *ensolvadas* (umedecidas) são exemplo de um vocabulário culto assim como substantivos *urdi-dura* (trama), gravidade (seriedade). *Mestre-de-campo*, termo empregado para designar, no período colonial, o posto militar correspondente a coronel, *alabardas*, *chanfalho* são termos com baixa frequência no uso comum diferentemente dos itens lexicais *facões*, *espadas*, *pólvora*, *paíol*, *canhão*, *tiro fardamento*, *guarda*, *estratégias* de uso mais freqüente que, presentes no mesmo contexto, remetem ao campo léxico-semântico de atividade militar, assim como os adjetivos *arregimentados* e *acontonados*, sendo que, somente o segundo recebe no DH a rubrica de “termo militar”.

Retomando a palavra *pelejar*, observa-se que ela está presente tanto no dialeto social popular de Clementina quanto no dialeto social culto do metre-de-campo, mas a situação de uso e o contexto em que aparecem é que determinam o sentido que cada uma assume, assim como o maior ou menor nível de formalidade a ela atribuído. Pensamos que o fato de ela estar presente nos dois enunciados não a inclui no vocabulário que Dino Pretti e Genouvrier e Peytard chamam de “comum” ou “médio”. Em ambos os casos a restrição de sentido imposta pelas condições do discurso inibem tal inclusão. O leitor certamente perceberá o emprego popular por extensão de sentido “insistir demasiadamente para alcançar um objetivo” na fala de Clementina e o emprego culto no discurso do narrador “luta, batalha”.

Dino Pretti, em seu artigo “Variação lexical e prestígio social das palavras” (Pretti, 2003, p. 56) aborda o fato de existir hoje uma aceitabilidade maior quanto à presença de gíria e “palavras obscenas” nos textos escritos da mídia e na literatura atribuindo tal com-

portamento a mudanças de comportamento social, pois *dentro dos padrões mais liberais da vida moderna, esses vocábulos acabam adquirindo um valor catártico para aliviar a tensão social, marcar a luta de classes, extrapolando das chamadas 'classes baixas' (entenda-se economicamente inferior) para outras classes*. A análise do lingüista sobre o assunto nos levaria a concluir que os palavrões, e também as gírias, deveriam estar incluídos no vocabulário comum. No entanto, comumente gíria e palavrão constituem um repertório com menos prestígio social, ou pelo menos, não há expectativa de encontrá-los no meio de um discurso que não seja considerado informal, distenso, o que, de certa forma, restringe a presença dessas formas no vocabulário comum. Deduz-se que, em relação ao uso de palavras obscenas ou de baixo calão deve-se levar em conta a expectativa do interlocutor e a situação discursiva em que são empregadas.

Em “O feitiço da ilha do Pavão” encontramos alguns itens lexicais dessa natureza, como ocorre nesta passagem em que o narrador faz a intermediação entre o pensamento da personagem Capitão Cavalão e o leitor:

Numa hora como a que estavam vivendo, aqueles asnos empoados tinham resolvido procurá-lo, para lhe infernarem a paciência e lhe fazerem propostas esmioladas [...] Podia dizer-lhes que *fossem à merda*, que agora tinha seu filho para preocupar-se, mas resolveu ser paciente e não tocar nesse assunto. (FIP, p. 154)

Através do discurso indireto, o narrador exterioriza a tensão da personagem através da expressão *fossem à merda*, expressão que é pensada e não dita. por Capitão Cavalão, o homem maior prestígio da ilha, respeitado pelas autoridades instituídas da Vila de São João Esmoler presentes ali, naquele momento, para aplacar sua impaciência diante de pessoas pouco agradáveis, fato denotado pelos sintagmas “asnos empoados” e “propostas esmioladas” e pela forma verbal “infernarem”.

Na voz do índio Tantanhengá, este revoltado por saber que seu povo seria expulso da vila e obrigado a voltar “para os matos”, encontramos outras ocorrências de palavrão:

– Cadê tendente? Cadê Dão Filipe de Meulo Furutado? Cadê condenado pecador, tenente estrumo? [...] Donde que saiu? Saiu de cu, bosta sem mistura, bosta pura! Fio arrejitado de sarigéia amolestosa, bixi-

LÉXICO E SEMÂNTICA

guento! Cadê tendente? Nós mandava antes de branco parecer! Vão-te à merda do caraio da postema da barbaridade! Dismigaia moleira, come nariz, chupa olho, capa zovo, enfia porrete no rabo [...] (FIP, p. 36)

Tem-se presente neste excerto várias palavras já cristalizadas pelo uso como palavrão: *cu*, *merda* (na expressão *vão-te à merda*), *caraió*, *zovo*. Mas outras há também de baixo prestígio pelo referente que simbolizam: *bosta*, *rabo*, *postema* (lembrando pus, secreção), *bi-xiguento* (remetendo à doença bexiga ou varíola), todas de significado de baixo prestígio social. Neste caso, não há intenção de controlar o discurso. As palavras que são empregadas são efetivamente formas de exteriorização psíquica ou exercício da função emotiva da linguagem. Chama atenção neste caso a seleção empregada da seqüência caótica de palavras “*Vão-te à merda do caraio da postema da barbaridade!*” que constrói, de fato, uma vez que os itens que estão presentes não acrescentam significados individualmente, mas constroem um único significado.

As palavras de baixo calão se apresentam nos dois discursos, sendo que na primeira análise leva em conta a expectativa dos interlocutores e embora o palavrão seja pensado, não é dito. Apenas Capitão Cavaló, o narrador e o leitor sabem disso. E o escritor, naturalmente. Na segunda, como a personagem não tem compromisso com a censura, com os preceitos morais da comunidade, e essa é uma das razões por que ela e seus irmãos de sangue estão sendo expulsos da vila, os termos aparecem explícitos no enunciado, ainda que a carga ofensiva que contêm seja diluída por uma farta dose de humor que caracteriza a exacerbação do índio, concretizada mais ainda pela série de palavras selecionadas para compor os enunciados, predominantemente pertencentes a um vocabulário popular como a forma variante de *filho* por *filho*; um sinônimo popular para “cérebro”, *miolo*; e uma “forma diacrônica” para “rejeitado” (*arrejeitado*) etc. Sobre a palavra *arrejeitado*, verificamos que existe no DH uma entrada lexical cuja a acepção não corresponde ao sentido com que empregado no texto. O que se vê em *arrejeitado* é a ocorrência de prótese em “rejeitado”, comportamento fonético comum na língua popular.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

arреjeitado □ adjetivo

Diacronismo: antigo.

lançado para longe; arremessado.

O que podemos concluir desse levantamento é que não existe um vocabulário apenas que englobe todas as palavras indistintamente. Isto é da competência do léxico geral. Há, de fato, alguns termos que estariam melhor reunidos sob a etiqueta de vocabulário popular e outros que constituiriam um vocabulário culto. Não se questiona a existência um vocabulário comum que se fixa como referência para o estabelecimento dos outros dois. Fica evidenciado também que a pertinência a um dos tipos não exclui a possibilidade da presença de palavras em discursos de outra natureza, pertencentes a outros dialetos sociais. Cabe ao talento, à perspicácia e á competência vocabular do escritor explorar os três conjuntos e deles aproveitar a melhor maneira de construir um texto literário de qualidade que dê prazer a seu leitor. E neste caso se inclui João Ubaldo Ribeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, J.G. H . *Teoria da Linguagem. Natureza do fenômeno lingüístico e a análise das línguas*. 4ª tiragem emendada. Vol. I. Coimbra: Atlântida, 1979.

GENOUVRIER, E. e PEYTARD, J. *Lingüística e ensino de português*. Coimbra: Almedina, s/d.

KOCK, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

PRETTI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

———. *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003

———. *Sociolingüística. Os níveis de fala*. 9ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: USP, 2003.

LÉXICO E SEMÂNTICA

OS NOMES NA LITERATURA

Maria Lucia Mexias-Simon (USS)
mmexiassimon@yahoo.com.br

Dou-te leitor um enigma; dou-te, também, a chave; decifra-o, se quiseres devorar-me; e, se me devorares, uma coisa pelo menos terás; o nome próprio, caminho da gazuas da máquina do meu mundo. (HOUAISS, Antonio. Prefácio a *Recado do nome*. In: MACHADO, 1976, p. 7)

O nome próprio pode ser apenas considerado uma seqüência fônica, destituída de significado, um índice, ou mesmo, um pronome com nome comum. Em situações reais, como já foi dito, uma seqüência como /j/o/s/é/ será tudo que se quiser atribuir: o vizinho, o diretor-da-escola, o-homem-que-passeia-com-o-cachorro, inclusive uma vaga relação com nome tipicamente brasileiro, o Pai de Jesus Cristo etc. Acrescentem-se variações que vão de: Exmo. Sr. Dr. José Pereira a Zeca, Zezé etc. A cultura permite as associações, a fala permite esses recursos, tornando o /j/o/s/é/, ao mesmo tempo, particularizado e polissêmico, unívoco e plurivalente.

No discurso literário, os recursos envolvendo o meio lingüístico, mítico, histórico, em que vivemos, são empregados pelos autores (sempre de forma consciente), desconhecidos, ou não, pelos leitores, mas sempre delineando uma trilha pela qual o destino dos personagens se desenvolve.

Observa B. Bettelheim:

Os anões simbolizam uma forma de existência imatura e pré-individual que Branca de Neve deve transcender. Por isso, o fato de dar um nome próprio e uma personalidade individual a cada um – como fez Walt Disney no seu filme – quando no conto de fadas todos são idênticos, interfere seriamente na compreensão inconsciente desse simbolismo. (1997, p. 100)

Ainda em relação aos contos de fadas, registram-se versões diversas de nomes, segundo maior ou menor a impressão do detalhe

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

observado. Por exemplo, a nossa conhecida Bela Adormecida¹⁹, com referência à beleza e à impassibilidade, em alemão se torna *Dornröschen* (rosinha espinhenta) com referência à inacessibilidade, relacionada à virgindade.

O universo literário é espelho do universo chamado real. Baseia-se sobre uma realidade social e cultural, com tudo que ela apresenta. Mas esse reflexo cristaliza-se, cancela-se, perdura e os personagens ganham quase autonomia, seu destino extrapola os limites do texto em que foram produzidos. Muitas vezes, para encontrar-lhes a raiz é necessário um trabalho de arqueologia. Outras vezes, a raiz é por demais evidente.

De quaisquer formas, o nome do personagem ganha concretização, se já não a possuía. E um recado do autor aos leitores, traça o caráter dos personagens, é parte da trama, vai se transformando em signo lingüístico pleno, com significante e significado, se não inteligido, ao menos intuído. Já Aristóteles, afirma:

...é somente após ter composto uma história por meio de ações verossímeis que os poetas cômicos dão a seus personagens nomes tomados ao acaso, contrariamente aos poetas jâmbicos, que compõem a partir de nomes únicos.

Na tragédia, por outro lado, o autor se limita a nomes de pessoas que existiram; o motivo está em que o possível é verossímil; se nós acreditamos na verossimilhança dos fatos que não aconteceram, claro está que aqueles que aconteceram são, forçosamente possíveis, pois se fossem impossíveis não teriam acontecido.

Entretanto, em algumas tragédias, um ou dois nomes somente fazem parte dos nomes conhecidos, enquanto que os outros são inventados; em algumas mesmo, não há um único nome conhecido. (1997, p. 24-25)

Portanto, os nomes nas tragédias clássicas são poucos e se repetem. Seria impossível esses nomes não se cristalizarem, chegarem até nossos dias, perpassando-se às ciências humanas, técnicas e até mesmo a expressões populares: complexo de Édipo, Eletra > eletricidade, Ion > ionização, boca de Cassandra > boca de çapa.

Contemplando eras até mais remotas, é fato estabelecido que

¹⁹ Os nomes dos personagens da literatura pertencentes a obras que não constam na bibliografia foram, por mim, extraídos da memória pessoal.

LÉXICO E SEMÂNTICA

as línguas começaram a se sistematizar por suas manifestações ditas literárias, *lato sensu*; nas cantilenas, nas fábulas, nos jogos de palavras. Desse material, profundamente enraizado nas diversas culturas, afloram as situações e os personagens da literatura *stricto sensu*, sendo esses evidentemente arquetípicos, pontas de icebergs, conjunto de semas, obrigatoriamente portadores de um nome que os aponte.

Esse apontar é por vezes óbvio, pode ser observado:

1 – No seu aspecto meramente fônico, paronímico:

- Jane Eyre – ar, leveza – Charlotte Bronte
- Ariel – espírito do ar – Shakespeare
- Heliodoro e Leandra – enleiam-se no decorrer da história – Guimarães Rosa

2 – Na composição do nome, com elementos preexistentes na língua, ou não:

- Dionora – nora de Deus – Guimarães Rosa
- Riobaldo – caminhante frustrado – Guimarães Rosa
- Qualhacoco – indica sua tarefa – Guimarães Rosa
- Heathclift – penhasco baldio – Emily Brontë
- Goldfinger – dedos de ouro – Ian Flenning

3 – Por simples onomatopéia, ou sinestesia:

- Joãozinho Bem-Bem – ruído das balas disparadas – Guimarães Rosa

- Dão Lalalão – “o amor é Dão Lalalão” langor, malemolência – Guimarães Rosa

- Laudelin → Laud’lin – faz a coleta nas igrejas – Guimarães Rosa

- Humpty-Dumpty – “quando Alice o encontra, imediatamente o reconhece “como se o nome estivesse escrito na sua cara”. E ele lhe diz que um nome sempre precisa significar alguma coisa: “meu nome significa a forma que eu tenho” – L. Carrol

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- Taras Bulba – batata – Gogol

4 – Por anagrama:

- Iracema – América – José de Alencar

- Caliban – Canibal – Shakespeare

5 – Pela simples leitura traduzida do nome:

- Lucy Frost – geada – Charlotte Brontë

- Capitão Nemo – ninguém – Júlio Verne

- Miranda – a que deve ser admirada – Shakespeare

- Le Chifre – o algarismo – Ian Fleming

- James Bond – ação, bônus – Ian Fleming

- Moacir – filho da dor – José de Alencar

- Maria da Glória – luminosidade – Guimarães Rosa

- Maria Behú – tristeza, obscuridade – Guimarães Rosa

- Flosino Capeta – maldade – Guimarães Rosa

- Maurício – árvore rija (*Mauritia vinifera*) – Guimarães Rosa

- Dona-dona – a proprietária – Guimarães Rosa

• Federico Freyre (composição) – rico, digno de fé – Guimarães Rosa

- João Carcará – rapina – Guimarães Rosa

- Diva – altivez – José de Alencar

- Til – a alfabetizadora – José de Alencar

- Bentinho – o consagrado – Machado de Assis

Exemplo notável de nome aderido à personagem encontra-se em Carmen, de Prosper Mérimée, depois retomado por Georges Bizet, em sua ópera. Em Horrocks, encontra-se:

Carmen is the title of the story and is a evocative choice. The Latin means:

LÉXICO E SEMÂNTICA

- i. a tune, song, train
- ii. a poem, epic and/or lyric
- iii. a response of an oracle, a prophecy, a prediction
- iv. a magic formula, incantation, charm
- v. a formula in religion, or law

There is also an association with the colour red, through the sufficiently homonymic *carmin*.²⁰

Carmen é o feitiço, a sedução, a hipnose. É, por outro lado, nome muito usado na Espanha, em lembrança ao Monte Carmelo, já citado no Velho Testamento, onde, por ocasião das Cruzadas, estabeleceu-se a ordem dos Carmelitas, mais tarde forçada a direcionar-se para Ocidente. Há fusão e confusão entre as etimologias; de qualquer forma, *Carmen* é a *outra*, a estranha e desejada, a quem se quer apri-sionar e sobre a qual se deseja, em vão, legislar.

A falta, ou omissão do nome também podem ser significativas:

No nome de iá-Dijina não se tocava, ficava em lugar dele uns espaços de silêncio” – Guimarães Rosa – *Noites do sertão*, p. 184.

como é mesmo o nome dela... Como é, Lala, me conta o nome dela... Lalinha hesitou – não fosse aquilo a sério – Guimarães Rosa – *Noites do sertão*, p. 169.

Em *A dona da história*, de João Falcão, a personagem central, interpretada por duas atrizes, dialogando consigo mesma, em nenhum momento declara seu nome. São nomeados: a amiga (Maria Helena), o namorado, depois marido (Luis Cláudio) o vizinho (seu Antônio), o cachorro (Rex), e os filhos (Luís Claudinho, Claudinho Luís, Cláudia Luísa e Luísa Cláudia). Fica bem evidente o quão pouco a personagem foi dona de sua história.

A mudança de nome também ocorre de maneira significativa:

Silvino, depois Irvino: filho de Heliodoro Maurício, em *Noites do sertão*, rejeita o sistema onomástico vegetal da família e desa-

²⁰ Carmen é o título e é uma escolha evocativa. O latim significa: balada, canção; um poema épico e/ou lírico; uma resposta de um oráculo, uma profecia, uma predição; uma fórmula mágica, encantamento, feitiço; uma fórmula em religião ou lei. Há também uma associação com a cor vermelha, através do homônimo correspondente *carmim*. (Cf. Palty, p. 37)

parece.

Personagens trocam de nome quando desejam praticar façanhas sem que seus próximos saibam quem as pratica, convivendo com os dois nomes. É o caso de muitos *super-heróis*, como Zorro etc. Guimarães Rosa também o coloca, quando Reinaldo confessa a Riobaldo “meu nome mesmo é Diadorim”. – *Grande Sertão: Verdades*. (na verdade, seu nome era Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, pouco compatível com sua condição de guerreiro – parênteses meus) É situação diversa do personagem que muda de nome, renegando o passado.

Autores que merecem consideração à parte, pelo grande número de nomes inventados para seus personagens são os comediantes latinos Tito Macio Plauto e Publius Terentius Afer Em Plauto, encontramos nomes próprios que passaram a nomes comuns como:

- Sósia – do grego – o que salva – ganhou sentido de pessoa muita parecida com outra, por ter-lhe o deus Mercúrio usurpado as feições a fim de pregar peças. – *Anfitrião*.

- Anfitrião – recebeu, forçosamente, Júpiter, em sua casa; ganhou significado de pessoa que recebe hóspedes. – *Anfitrião*.

Outros nomes são, evidentemente, formados *ad-hoc*:

- Blefarão – que pestaneja – o enganador – *Anfitrião*

- Brômia – que vibra – salva as situações – *idem*

- Megadoro – grandes dons – homem rico – *Aululária*

- Dromão – que corre muito – um servo – *idem*

- Eunômia – boas leis – dá bom conselho – *idem*

- Congrião – grande congro – o cozinheiro – *idem*

- Filopólemo – que gosta de guerra – o guerreiro – *Os cativos*

- Filócrates – que gosta de mandar – comanda a ação – *idem*

- Aristófão – que se melhor mostra – o vaidoso – *idem*

- Ergásilo – que gosta de trabalhar – *idem* – o nome é irônico,

LÉXICO E SEMÂNTICA

pois o personagem nada faz

- Estalagmo – que goteja – escravo ladrão de crianças – *idem*
- Gorgulho – o parasita – *O gorgulho*
- Planéria – que anda errante – moça nobre, roubada para escrava, depois reconhecida – *idem*
- Brosse – escova – que come tudo, deixa os pratos limpos – *Os menecmos*
- Peniculus – um parasita – *idem*
- Erotium – um cortesão – *idem*
- Cilindro – o cozinheiro – *idem*
- Pseudolus – falsozinho – *idem*
- Calidoro – belo presente – *idem*
- Simio senex – macaco velho – pai de Calidoro
- Simio Sicofanta – *idem* – o segundo elemento tornou-se um adjetivo.

Em Terêncio, encontramos:

- Dêmea – que é popular – *Os adelfos*
- Cântara – que dá de beber – *idem*
- Pânfila – amiga de todos – *idem*
- Calídia – a bela – *idem*
- Antifão – fala contra – *O eunuco*
- Dórias, Doro – presentes, dons – *idem*
- Gnatão – que tem grande queixo – *idem*
- Parmenão – que fica ao lado (do amo) – *idem*

Como se pode observar, alguns nomes formaram-se do grego, outros são de origem latina. A comicidade, em alguns casos, caía bem, dado tratar-se de comédias (lembrando-nos de que, no teatro

grego, comédia era a representação que acabava bem). Era um agrado ao público, que visava a um divertimento. O uso de nomes gregos deve-se ao fato de ser esse idioma do conhecimento dos autores, como também de grande parte da platéia.

Em *Todos os nomes* - José Saramago trata exaustivamente da questão. O personagem principal é o único nomeado – José. Nome muito usual, sobretudo na língua portuguesa, sem sobrenome, José, funcionário do que chamamos Registro Civil, perde-se, física e mentalmente, no labirinto de documentos, onde se registram os nomes dos cidadãos. Os registros das pessoas vivas estão acomodados em estantes desconfortáveis; nos registros dos mortos “... a partir de certa altura, começa a reinar a escuridão... menos bem acondicionados do que deveria permitir o respeito” (p. 14). Em certa ocasião, um pesquisador perdeu-se entre as estantes, lá ficando uma semana, sem água, sem luz, meio delirante, vivendo de ingerir enorme quantidade de papel velho. Desse dia em diante, quem tivesse que ir à seção dos mortos, deveria levar um fio atado ao tornozelo: o fio de Ariadne.

Ao funcionário José, “nunca lhe serviu de nada pronunciar o nome completo” (p. 19); colecionava notícias sobre pessoas do país que, por qualquer razão, se tornaram famosas. Faz lembrar o personagem de *O estrangeiro*, de A. Camus, com seu álbum de recortes: ambos são totais nulidades.

Um dia, José (que poderia ser o José de Drummond) escolheu cinco fichas de identificação e levou-as para sua casa. Lá chegando, viu que não eram cinco e sim, casualmente, seis fichas. Pelos dados anotados, pôs-se em busca da mulher cujo nome constava na sexta ficha e que, até então, lhe era desconhecida. Para isso, usou sua credencial de oficial do Registro Civil e, nem nos momentos de busca, declinava o sobrenome.

Foi à rua onde a mulher nasceu, descobriu a escola em que estudou sem muita sorte, pois “... na Conservatória Geral só existiam palavras ... não se podiam ver as caras, quando o mais importante era precisamente isso, o que tempo faz mudar, e não o nome, que nunca varia” (p. 112) “...a pele é tudo que queremos que os outros vejam de nós, por baixo dela nem nós próprios conseguimos saber quem somos...” (p. 157). José se recusou a usar a lista telefônica, ou o que se chamou “as finanças”. Extraía enorme prazer nas dificuldades da

LÉXICO E SEMÂNTICA

busca. Tendo descoberto que a mulher já estava morta, José foi ao cemitério, também um labirinto, sem muros, com a divisa *Todos os nomes*, embora esse título coubesse melhor à Conservatória, já que no cemitério não estão todos os nomes, e sim apenas os nomes dos falecidos. Depois de mais sofrimentos físicos, José ficou sabendo que jamais encontraria o túmulo, pois um pastor que ali cuidava de suas ovelhas, distraía-se trocando de lugar as placas de identificação. Consciente de que, no máximo, poderia resgatar o nome, nunca a pessoa, José aceita do chefe a incumbência de procurar o registro do óbito da mulher. Deve, porém, apagar esse registro, recolocando o nome da pessoa na divisão do nome dos vivos. Para isso, José precisou do fio de Ariadne.

Como diz o autor, “... a metáfora sempre foi a melhor forma de explicar as coisas” (p. 267). Assim nos mostra Saramago que nós usamos os nomes e os nomes nos usam de várias formas, podendo até triturar uma pessoa que não achou nada melhor a fazer de si mesma.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES, *Poétique*. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. *Na terra das fadas: análise dos personagens femininos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- MACHADO, Ana M. *Recado do nome*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.
- OLIVEIRA, Aileda de Mattos. “Antropônimo: a metonímia do poder, da liberdade, da coerção”, [Inédito].
- PARATORE, E. *Literatura de Roma*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PATTY, James S. “Prénom Carmen or the charms of etymology”.
In: *Romance Notes*. NC: USA: University of North Caroline, 2001.
V. XLII.

PLAUTE. *Théâtre*. Paris: Flammarion, 1991.

PLAUTO. *A comédia latina*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1996.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. S. Paulo: Schwarcz, 1997.

TÁCITO. *Obras menores*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa:
Imprensa Nacional, 1928.

VICTORIA, Luiz A . P. *Dicionário ilustrado de mitologia*. Rio de
Janeiro: Tecnoprint, s/d.

LÉXICO E SEMÂNTICA

QUESTÕES TERMINOLÓGICAS PARA UM TRABALHO TERMINOLÓGICO/TERMINOGRÁFICO SOBRE PATRIMÔNIO TURÍSTICO

Rosemary Irene Castañeda Zanette (UNIOESTE/PR)

O Patrimônio Turístico é um tema bastante presente na mídia mundial em 2007. Esse foi apenas um dos motivos pelos quais, decidiu-se elaborar um trabalho a seu respeito. O objetivo maior, então, é apresentar as diretrizes de como preparar uma obra terminológica/terminográfica sobre tal subárea do Turismo, a respeito dos seguintes aspectos: a) interesse do tema; b) justificativa do dicionário sobre tal tema e das suas características gerais, ou seja, a língua de partida, a portuguesa, com os termos e as respectivas definições e a língua de chegada, a italiana; c) esboço inicial da árvore de domínio.

Para começar é preciso entender o conceito norteador do trabalho. Assim, o Patrimônio Turístico é uma subárea do Turismo, segundo o que diz a OMT (Organização Mundial do Turismo), em sua obra *Sinais e Símbolos Turísticos* (2003, p. 143). Sua definição é apresentada pelo *Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo* (2000, p. 200):

Soma dos atrativos turísticos, da planta turística, das instalações turísticas e da infra-estrutura, ou seja, a disponibilidade real e potencial de elementos turísticos que um país ou uma região dispõe em determinado momento.

Os atrativos turísticos serão o cerne deste trabalho. Posteriormente serão fornecidos detalhes a seu respeito. Entendido o conceito fundamental, julga-se necessário explicar o porquê deste tema. Em primeiro lugar, o trabalho trata de um tema bastante atual para a população de todos os continentes, se se pensar em Patrimônio Turístico Mundial. Nesse ano, foi nítido o aumento de questões relacionadas aos problemas ambientais veiculadas pela mídia em todo o mundo. Estando o ambiente comprometido, tanto as belezas naturais como aquelas construídas pelo homem estão ameaçadas. Além dessa disposição dos meios de comunicação, os quais refletiram as movimentações a respeito que começaram a se intensificar em todo o mundo, o tema também foi tema de manifestações artísticas, como o *Live Earth*. Nele, mais de 100 artistas de renome intercalaram suas

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

apresentações com informes sobre essas questões. Os shows aconteceram em Sydney (Austrália), Tokyo (Japão), Xangai (China), Istambul (Turquia), Johannesburgo (África do Sul), Londres (Reino Unido), Hamburgo (Alemanha), Rio de Janeiro e Nova York. Toda essa mobilização vem de encontro ao que vem sendo feito desde 1972 pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), a partir da Convenção sobre a proteção do Patrimônio Cultural e Natural²¹, na qual estão envolvidos todos os Estados-membros, atualmente 192, além de outros seis membros associados. Nela, encontram-se uma série de diretrizes com a proposta de identificar, proteger e preservar o Patrimônio de todo o mundo, considerado especialmente valioso para a humanidade. Sendo um dos seus integrantes e para atender as suas determinações, criou, em 1937, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atualmente vinculado ao Ministério da Cultura²². Em contrapartida, a iniciativa privada também quis dar sua contribuição. Em 2000 a *The New Seven Wonders Foundation*, apresentou uma idéia inovadora. Baseando-se no tema das Sete Maravilhas do Mundo, ou seja, Patrimônio Mundial, escolhidas na Antigüidade por um único homem, e do desaparecimento de algumas delas, sugeriu a idéia de uma nova escolha. Propôs votação mundial, principalmente pelo seu site www.newsevenwonders.com, para que todos os povos participassem dessa seleção. Os finalistas de todo esse processo foram 21. O resultado foi apresentado em 07 de julho deste ano. Os vencedores foram o monumento de Petra, na Jordânia; Machu Pichu, no Peru; o Taj Mahal, na Índia; o Coliseu, na Itália; a pirâmide de Chichén Itzá, no México; a Grande Muralha, na China, e o Cristo Redentor, no Brasil²³. É possível que esse modo de participação ativa faça com que as pessoas de todos os continentes se dêem conta do Patrimônio exis-

²¹ Disponível em http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/convpatrimoniomundial.doc. Acesso em: 18 ago. 2007.

²² Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12149&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acesso em: 17 ago. 2007.

²³ Disponível em <http://www.new7wonders.com/index.php?id=633&L=0>. Acesso em: 17 ago. 2007.

LÉXICO E SEMÂNTICA

tente em seus territórios ou mesmo no mundo, e da importância de responsabilizar-se pela sua preservação. O ato de votar sugere indiretamente uma responsabilidade social, ou seja, cada cidadão tem de se preocupar com os sítios escolhidos. Isso é muito mais fácil de ser feito pelo que se tem apreço, ou se tem maior proximidade. A repercussão dessa iniciativa foi grande, principalmente nos países que tinham um dos candidatos dentro dos seus limites territoriais. No Brasil, por exemplo, foi feita uma campanha, anunciada pelos meios de comunicação, explicando que a votação no candidato brasileiro poderia também ser feita pelo site www.corcovado.com.br. A mídia, em geral, dedicou algum tempo à empreitada.

O tema, como visto, é bastante atual e interessante. Resta explicar, então, o porquê de uma obra terminológica/terminográfica a seu respeito. Pesquisando o mercado editorial brasileiro, foram encontrados alguns dicionários sobre a grande área do Turismo, como, entre outros, Braga, 2003; Campos, Dencker e Shigunov Neto, 2006; Caturegli, 1998; Pellegrini Filho, 2000; Stavale, 2004 e Viera, 2003.

Há também uma obra, publicação de Portugal, referência aqui no Brasil. É o Dicionário Técnico de Turismo (1990), de Celestino de Matos Domingues. Além disso, na internet, há uma série de sites que disponibilizam a definição de alguns termos. Observando as características gerais da bibliografia levantada, podem-se tecer algumas considerações. O Turismo se relaciona com diversas outras áreas e, por isso, são poucas as obras específicas. Todas as sete obras tratam da grande área e não de subáreas como Acomodação, Esportes ou Atividades de Lazer, entre outras. No caso das obras bilíngües, a língua estrangeira privilegiada, para trazer as formas equivalentes, é o inglês. Por fim, seria importante analisar o rigor terminológico/terminográfico com que as obras foram elaboradas. Mas isso ficará para um próximo trabalho.

Com base nesses dados, apresenta-se uma nova proposta. A idéia é elaborar um dicionário que seja mais específico, tratando apenas de uma subárea, no caso, o Patrimônio Turístico. A obra será bilíngüe, com os termos e definições em português e com equivalentes em italiano. A língua de partida foi escolhida após uma breve análise dos termos que representam os sítios do Brasil e da Itália que figuram na lista do Patrimônio Mundial, elaborada pela UNESCO. O

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

primeiro país possui 17 integrantes²⁴ dessa lista, e o segundo, 33²⁵. A diversidade de sítios dentro de um território já é grande, é ainda maior se comparada com um país de outro continente, com outro percurso histórico, com outras características geográficas. No país sul-americano, por exemplo, há cinco Centros Históricos e uma única Cidade Histórica de renome. Apesar de no país europeu, a proporção ser de oito para um, o que reflete a maior presença de sítios, a quantidade destes que não se enquadram numa classificação padronizada é ainda maior. Como exemplos, Veneza e sua laguna, os Monumentos Paleocristãos de Ravenna, a Cidade Romana de Casale, entre outros. No Brasil, a diversidade é menor e por esse motivo, o português foi escolhido como língua de partida. Quanto à língua de chegada, o italiano foi escolhido, na tentativa de inovar, pois as obras bilíngües são sempre em inglês. Segundo Ana Isabel Morais de Lima (1992, p. 80), estudiosa da terminologia do Turismo em Portugal, 50% dos termos da área são estrangeirismos, principalmente os de origem anglo-americana. São três os motivos que justificam essa realidade: a) a implantação de técnicas originadas no estrangeiro, e, conseqüentemente, passam a usar o termo original; b) a utilização de tantos materiais, também não nacionais; c) a conseqüente preparação de um novo profissional para lidar tanto com as novas técnicas, quanto com os novos materiais. A influência do inglês é também nítida nos dias de hoje. Em vista disso, uma obra com essas características poderia atingir um outro tipo de público não contemplado pelos vocabulários com as formas equivalentes em língua inglesa. Como toda obra terminológica/terminográfica, essa também auxiliaria os profissionais e estudantes de turismo, leigos com interesse na área e, também, turistas brasileiros que queriam compreender melhor as questões relativas ao Patrimônio.

Em seguida, é preciso tratar da árvore de domínio. Ressalta-se que as reflexões a seu respeito estão apenas no início. Para a UNESCO, a subárea se divide em dois grandes campos temáticos: o Patrimônio Cultural e o Patrimônio Natural. O primeiro, em linha de má-

²⁴ Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimonio/patrimoniomundial/copy5_of_index.html/mostra_documento. Acesso em: 20 ago. 2007.

²⁵ Disponível em <http://www.sitiunesco.it/index.phtml?id=4>. Acesso em: 20 ago. 2007.

LÉXICO E SEMÂNTICA

xima, é “composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico²⁶”. Quanto ao segundo, compreende “as formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, habitats de espécies animais e vegetais ameaçadas e áreas que tenham valor científico, de conservação ou estético²⁷”. As definições foram elaboradas com base nos critérios propostos pela Organização, os quais devem ser seguidos para incluir um sítio na Lista do Patrimônio Mundial e para classificá-lo como Cultural ou Natural. A divisão em dois grandes campos com base nas definições não é suficiente, pois existem “Sítios Mistos”, ou seja, contêm características tanto de um tipo quanto de outro. Como exemplo, tem-se o Parco Nazionale del Cilento, o único sítio misto italiano. Em linhas gerais, do ponto de vista dos bens naturais: representa os processos biológicos e ecológicos dos ecossistemas mediterrâneos; é uma área de beleza natural e importância estética excepcional; é o habitat natural de algumas espécies de fauna e flora ameaçadas. Já do ponto de vista dos bens culturais: conservou traços das tradições culturais e da forma de civilização que existiu no Mediterrâneo; mostra traços de civilização no período de encontro entre a Magna Grécia e as culturas apenínicas e mediterrâneas e, por fim, exemplo de insediamento urbano medieval²⁸. Para um leigo, ele seria considerado apenas um Patrimônio Natural. Essa classificação tem ainda mais subdivisões. Segundo as informações pesquisadas no site da UNESCO, nota-se a divisão do Patrimônio Cultural em Material e em Imaterial. Sobre o segundo, também denominado como Patrimônio Imaterial Intangível, encontra-se a seguinte definição:

O Patrimônio Cultural Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidade, grupos e indivíduos em todas as partes do

²⁶ Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomundial/index_html/mostra_documento. Acesso em: 20 ago. 2007.

²⁷ Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomundial/index_html/mostra_documento. Acesso em: 20 ago. 2007.

²⁸ Disponível em <http://www.pncvd.it/parco/index2.htm#patrimoniounesco>. Acesso em: 20 ago. 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes²⁹.

A título de exemplo no Brasil, as expressões orais e gráficas dos índios Wajãpi, do Amapá, em 2001, começaram a fazer parte da Lista do Patrimônio Imaterial Mundial, assim como o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, em 2003. Nota-se que este tipo de Patrimônio é complementar ao Patrimônio Cultural Material, pois foi realizada uma outra convenção, com o objetivo de dar conta do que não havia sido incluído naquela de 1972.

Finalmente, em 2003, após uma série de esforços, que incluíram estudos técnicos e discussões internacionais com especialistas, juristas e membros dos governos, a UNESCO adotou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Essa convenção regula o tema do patrimônio cultural imaterial, e assim complementa a Convenção do Patrimônio Mundial, de 1972, que cuida dos bens tangíveis, de modo a contemplar toda a herança cultural da humanidade³⁰.

Como se pode notar, a sua organização está apenas no início. Esse é um dos motivos pelos quais se optou por não tratar do tema neste trabalho. O outro diz respeito à diversidade retratada. Muitas realidades se traduzem em muitos termos e dificilmente será possível encontrar seus correspondentes em língua estrangeira. Desse modo, o trabalho tratará do Patrimônio Cultural Material e do Patrimônio Cultural. Foi até este ponto que a pesquisa chegou até o momento.

Aqui foram retratados alguns aspectos iniciais de um trabalho terminológico/terminográfico. Falta cumprir algumas outras etapas preparatórias. Quanto ao todo, acredita-se que o tema, além de vir de encontro ao destaque mundial dado pela mídia, contribuirá também para a conservação dos bens de toda a humanidade.

²⁹ Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomaterial/index.html/mostra_documento. Acesso em: 20 ago. 2007.

³⁰ Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomaterial/patrimaterial/mostra_documento. Acesso em: 21 ago. 2007.

LÉXICO E SEMÂNTICA

REFERÊNCIAS

AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1996.

BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: USP, 2004.

BRAGA, Robério. *Dicionário de turismo*. São Paulo: UNILETRAS, 2003.

CABRÉ, M. T. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CAMPOS, Letícia Mirella Fischer; DENCKER, Ada de Freitas Maneti; SHIGUNOV NETO, Alexandre. *Dicionário de administração e turismo*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2006.

CATUREGLI, Maria Genny. *Dicionário inglês/português. Turismo, hotelaria, comércio exterior*. São Paulo: Aleph, 1998.

Convenção sobre a proteção do patrimônio cultural e natural. Disponível em

http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/convpatrimonio_mundial.doc. Acesso em: 18 ago. 2007.

DOMINGUES, Celestino de Matos. *Dicionário técnico de turismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

IPHAN. Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12149&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acesso em: 17 ago. 2007.

La lista dei Siti Italiani dichiarati Patrimonio dell' Umanità. UNESCO. Disponível em <http://www.sitiunesco.it/index.phtml?id=4>. Acesso em 20/08/2007.

LIMA, Ana Isabel Morais de. *Urgência de uma terminologia do turismo: Situação actual e descrição de um projeto em curso. Terminologias 5-6*. Lisboa: Associação de Terminologia Portuguesa, abril/dezembro 1992.

Lista do Patrimônio Mundial no Brasil. Disponível em

<http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimonio/pa>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

[trimoniomundial/copy5_of_index_html/mostra_documento](#). Acesso em: 20 ago. 2007.

PELEGRINI FILHO, A. *Dicionário enciclopédico de ecologia e turismo*. 1ª ed. São Paulo: Manole, 2000.

Sinais e símbolos turísticos: guia ilustrado e descritivo. Organização Mundial do Turismo. Trad. de Gabriela Scuta Fagliari. São Paulo: Roca, 2003.

The New Seven Wonders Foundation. Disponível em: www.newsevenwonders.com. Acesso em: 17 ago. 2007.

Parco Nazionale del Cilento. Disponível em <http://www.pncvd.it/parco/index2.htm#patrimoniounesco>. Acesso em: 20 ago. 2007.

Patrimônio Cultural. Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomundial/index_html/mostra_documento. Acesso em: 20 ago. 2007.

Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomaterial/index_html/mostra_documento. Acesso em: 20 ago. 2007.

Patrimônio Natural. Disponível em <http://www.pncvd.it/parco/index2.htm#patrimoniounesco>. Acesso em: 20 ago. 2007.

STAVALE, Emeri de Biaggi. *Glossário de turismo: português/inglês, inglês/português*. São Paulo: Disal, 2004.

VIERA, Elenara Vieira de e CÂNDIDO, Índio. *Glossário técnico gastronômico, hoteleiro e turístico*. 2ª ed. rev. e ampl. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LÉXICO E SEMÂNTICA

UM ESTUDO DO LÉXICO MALSONANTE EM DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES ESPANHOL-PORTUGUÊS/PORTUGUÊS-ESPANHOL

Sabrina Araújo Pacheco (UFRGS)

binap@brturbo.com.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, investigamos o léxico que recebe a marca de uso *malsonante*³¹ em um importante dicionário monolíngüe do espanhol: *Diccionario Electrónico de la Lengua Española* 2003 (doravante DRAE). Segundo esse dicionário, as palavras e expressões marcadas dessa forma são empregadas em um discurso ofensivo e/ou consideradas tabus lingüísticos, ou seja, devem ser evitadas em certas situações de comunicação, sob pena de reprovação social, visto que ofendem, chocam e são desagradáveis aos ouvidos de pessoas cultas e educadas. O aprendiz de língua espanhola precisa ser informado de que a palavra ‘xingar’, por exemplo, apesar de ser de uso comum no português, no espanhol, com a mesma pronúncia, ‘*chingar*’ pode significar *practicar el coito* e não deve ser utilizada em alguns discursos.

Devido à importância das informações acerca do léxico ‘*malsonante*’ para os estudantes dos níveis iniciais de espanhol, analisamos, com base na investigação feita no DRAE (2003), o tratamento desse léxico em quatro dicionários bilíngües escolares: Michaelis Dicionário Escolar Espanhol-Português/Português-Espanhol, 2002 (doravante Michaelis); Dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol FTD, 1998 (doravante FTD); Minidicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol Ática, 2004 (doravante Ática) e Dicionário Santillana para Estudantes Espanhol-Português/Português-Espanhol, 2005 (doravante Santillana).

Os resultados desta pesquisa apontam a necessidade de se rever os dados sobre o uso lingüístico nas obras lexicográficas, especi-

³¹ Dicho especialmente de una doctrina o frase: que ofende los oídos de personas piadosas o de buen gusto. Que suena mal. – DRAE (2003)

almente nas obras bilíngües, as quais descrevem duas línguas e fornecem, portanto, usos distintos aos aprendizes de língua estrangeira. Pretendemos contribuir para a descrição de aspectos pragmáticos do léxico e sua conseqüente inserção na microestrutura dessas obras lexicográficas.

A MARCA ‘MALSONANTE’ NO DRAE (2003)

De acordo com a análise de todos os verbetes que recebem a marca ‘*malsonante*’ no DRAE (2003), essa marcação é utilizada para indicar sentidos que são considerados impróprios e “proibidos” em muitas situações de comunicação, sob pena de reprovação e perseguição social.

Na língua espanhola, as palavras e expressões que recebem essa marca parecem exprimir dois tipos de proibição:

1. proibição de tocar, fazer ou dizer algo por medo de um castigo (proibição instituída por um grupo social como medida de proteção, superstição);
2. interdição de ordem cultural e social sobre a qual se evita falar por pudor, crença ou superstição.

Nesse sentido, a marca ‘*malsonante*’ parece referir-se a um conjunto de condutas de ordem sexual, moral, social e religiosa que sofrem algum tipo de restrição na sociedade, quer porque estejam institucionalmente proibidas, como acontece com certos comportamentos, como prostituir-se, quer porque não sejam aprovadas como um comportamento social aceitável, como menosprezar alguém, chamando-o de estúpido, por exemplo.

A título de ilustração, vale observar essa marcação no verbe ‘*chingado*’ do DRAE (2003).

chingado, da

1. adj. *malson*. Méx. Que ha sufrido daño.

2. f. *malson*. Méx. prostituta.

ah, *chingado*

loc. interj. *malson*. Méx. U. para expresar sorpresa o protesta.

a la ~.

loc. adv. *malson*. El Salv. y Méx. a paseo. Me mandó a la *chingada*. ¡Váyase a la *chingada*!

de la ~.

LÉXICO E SEMÂNTICA

loc. adj. *malson*. Méx. pésimo. U. t. c. loc. adv.

V. hijo de la ~

Nesse verbete, a marca ‘*malsonante*’ aparece cinco vezes. As duas primeiras acepções referem-se à palavra ‘*chingado(a)*’ e as outras três referem-se às locuções distintas, formadas a partir dessa palavra: ‘*ah, chingado*’; ‘*a la chingada*’ e ‘*de la chingada*’. Como essa palavra só apresenta dois sentidos e ambos são considerados ‘*malsonantes*’, é de se esperar que todas as locuções formadas a partir dela também sejam ‘*malsonantes*’. Contudo, há casos em que nenhum dos sentidos de um determinado vocábulo recebe essa marca, mas as locuções e/ou frases formadas a partir dele são entendidas como ‘*malsonantes*’, ou seja, são comumente empregadas para ofender, para causar escândalo, chocar, ou ainda para fazer referência a tabus lingüísticos. Essa situação pode ser observada no verbete ‘*culo*’ do DRAE (2003).

culo

1. m. Conjunto de las dos nalgas.

2. m. En algunos animales, zona carnosa que rodea el ano.

3. m. ano.

4. m. Extremidad inferior o posterior de algunas cosas. Culo del pepino, del vaso.

5. m. En el juego de la taba, parte más plana, opuesta a la carne.

6. m. coloq. Escasa porción de líquido que queda en el fondo de un vaso.

(...) a tomar por ~, o por el ~.

1. locs. advs. vulgs. *malsons*. a hacer puñetas. Manda ese trabajo a tomar por culo y búscate otro.

2. locs. advs. vulgs. *malsons*. Muy lejos. Lanzó el balón a tomar por culo.

dar por ~, o por el ~.

1. frs. vulgs. *malsons*. Sodomizar

2. frs. vulgs. *malsons*. fastidiar (enfadar)

(...) lamer el ~ a alguien.

fr. vulg. *malson*. Adularlo servilmente para conseguir algo de él.

(...)

Nenhuma das seis acepções de ‘*culo*’ recebe a marca ‘*malsonante*’. No entanto, há locuções e frases formadas com esse vocábulo que recebem tal marcação. Retiramos apenas uma parte do verbete ‘*culo*’, a fim de ilustrar o emprego da marca que estamos estudando, porém há ainda mais 22 expressões ‘*malsonantes*’ nesse verbete.

É importante observar que, no verbete ‘*culo*’, a marca ‘*malsonante*’ aparece combinada com a marca ‘*vulgar*’ em locuções ad-

verbiais e frases, diferentemente do que ocorre no verbete ‘chingado’, no qual a marcação ‘malsonante’ é empregada sozinha ou com as marcas geográficas ‘México’ e ‘El Salvador’, para restringir o uso de alguns sentidos a esses países. O DRAE (2003) utiliza ‘vulgar’ e ‘malsonante’ para especificar ainda mais o uso da palavra ‘culo’. A combinação dessas marcas nos informa que, além de essas expressões serem ‘vulgares’, ou seja, pertencerem ao vulgo, a uma linguagem popular, sem nenhuma preocupação com a correção e a elegância, também são utilizadas em um discurso ofensivo, grosseiro e inadequado em muitas situações de comunicação. Antes de passar à análise do tratamento do léxico ‘malsonante’ em dicionários bilíngües de língua espanhola e portuguesa, é necessário mostrar a relação existente entre as marcações ‘vulgar’ e ‘malsonante’.

VULGAR E MALSONANTE: UMA RELAÇÃO DE INCLUSÃO

Segundo Garriga (1994, p. 1), que apresenta um panorama da marca ‘vulgar’ desde o Dicionário de Autoridades (1726-1739) até o DRAE (1992), é possível dividir as acepções marcadas como ‘vulgares’ no DRAE em três grupos, conforme o quadro que segue.

Acepções que recebem a marca ‘vulgar’ no DRAE (1992)	1 - Palavras e acepções que designam conceitos que são objeto de tabu. 2 - Palavras e acepções que pertencem à linguagem de grupos marginais. 3 - Arcaísmos que se mantêm em zonas rurais, considerados pouco cultos.
--	---

No grupo 1, estão os vocábulos relacionados ao sexo, ou seja, aqueles que são utilizados para designar os órgãos sexuais e o ato sexual, como ‘carajo’, ‘chorra’, ‘concha’ e ‘joder’, por exemplo. Esses termos, segundo Garriga (1994, p. 10), levam a marcação “es voz malsonante”. Também estão nesse grupo palavras que se referem às práticas sexuais, mas que acabaram adquirindo sentidos figurados, como no caso de ‘lambeculos’, que significa, literalmente, lambencus, mas é empregado com o sentido de puxa-saco. O autor também inclui nesse grupo insultos, como ‘gilipollas’, que tem o sentido de tonto; palavras relacionadas à ingestão de vinho, como ‘pelotazo’, e expressões denominadas por ele de “fuertes”, como ‘vete a la mierda’.

LÉXICO E SEMÂNTICA

No grupo 2, encontram-se palavras que designam sentidos relacionados com atos de grupos marginais, delinquentes. Nesse grupo constam termos que significam roubar, ‘*afanar*’, e matar, ‘*liquidar*’, por exemplo.

O grupo 3, segundo o autor, é muito numeroso e abarca arcaísmos que se mantêm na linguagem de pessoas pouco cultas e/ou que vivem em zonas rurais, é caso de ‘*achalay*’, expressão que indica admiração, satisfação e surpresa, e ‘*acollarar*’, que significa unir duas coisas ou pessoas. A maioria dessas palavras está marcada com “vulgar” e “anticuados” ou “vulgar” e “desusados”.

O objeto de estudo do presente trabalho está no primeiro grupo de palavras ‘*vulgares*’, de acordo com a classificação de Garriga (1994). São palavras que designam objetos de tabu, insultos e expressões fortes, que chocam o interlocutor. Conforme o autor, a marcação ‘*malsonante*’, utilizada para indicar esse tipo de palavras, foi empregada inicialmente na edição de 1992.

Mostramos a história da marca ‘*vulgar*’ no DRAE desde o Dicionário de Autoridades (1726-1739) até a edição de 1992, com o objetivo de evidenciar a relação existente entre ‘*vulgar*’ e ‘*malsonante*’. De acordo com o que foi exposto, fica claro que a marca ‘*malsonante*’ especifica um conjunto de palavras ‘*vulgares*’. Assim, para o DRAE (1992), aquilo que é ‘*malsonante*’ é, necessariamente, ‘*vulgar*’, mas aquilo que é ‘*vulgar*’, nem sempre é ‘*malsonante*’. Nesse sentido, todas as acepções ‘*malsonantes*’ deveriam também ser marcadas como ‘*vulgares*’, ou, ao invés de utilizar essas duas marcações, por uma questão de economia, seria possível empregar somente a marca ‘*malsonante*’, deixando claro ao consulente, que onde ocorre a marca ‘*malsonante*’, está implícita a marcação de ‘*vulgar*’.

No entanto, não é o que acontece no DRAE (2003). Como já mostramos nos verbetes ‘*chingado*’ e ‘*culo*’, a marca ‘*malsonante*’, ora aparece sozinha, ora combinada com ‘*vulgar*’. Talvez, para esse dicionário, as expressões que recebem somente a marca ‘*malsonante*’, não sejam de uso exclusivo do povo, mas sim tenham surgido numa classe social mais popular e, posteriormente, se estendido a todas as camadas da sociedade. Ou seja, são expressões utilizadas por

peçoas de todos os níveis sociais, empregadas quando se pretende ofender, chocar, ou designar objetos de tabu.

A discussão sobre a combinação, ou não, da marca ‘*malsonante*’ com a marca ‘*vulgar*’ e/ou com outras marcações é muito importante, porém nossa maior preocupação é que o léxico ‘*malsonante*’ seja bem definido e bem marcado nos dicionários bilíngües de língua espanhola e portuguesa. Isso seria importante para que os aprendizes de espanhol conheçam esse vocabulário e saibam identificá-lo e, se for o caso, utilizá-lo de forma adequada em uma situação real de comunicação.

Os dicionários bilíngües escolares examinados neste trabalho marcam as palavras e expressões ‘*vulgares*’, sem alertar para o uso ‘*malsonante*’, deixando, portanto, de fornecer uma informação essencial para o aprendiz de língua espanhola.

O LÉXICO *MALSONANTE*
EM DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES
ESPANHOL-PORTUGUÊS/PORTUGUÊS-ESPANHOL

Depois de feita a análise de todos os verbetes que recebem a marca ‘*malsonante*’ no DRAE (2003), pesquisamos esses mesmos verbetes nas quatro obras lexicográficas bilíngües escolares examinadas, com a finalidade de verificar o tratamento dado aos itens lexicais ‘*malsonantes*’. Retiramos, dessas obras, as palavras, locuções e frases que apresentam os mesmos sentidos marcados como ‘*malsonantes*’ pelo DRAE (2003), juntamente com a(s) marca(s) que as acompanha(m).

A escolha dos dicionários bilíngües analisadas aqui foi feita por meio de uma pesquisa realizada em vinte escolas de Porto Alegre. Escolhemos dez escolas públicas e dez escolas particulares que possuem mais de 800 alunos. Dentre as escolas públicas selecionadas para a visitaçáo, selecionamos escolas municipais, estaduais e federais. Verificamos que as quatro obras mais consultadas pelos alunos de Ensino Fundamental e Médio, nas escolas, visitadas, são: Michaelis (2002), FTD (1998), Ática (2004) e Santillana (2005).

Faz-se necessário, antes de mostrar os verbetes analisados nessas obras, definir o tipo de dicionário que estamos analisando.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Schmitz (2001) apresenta um apanhado geral dos tipos de obras lexicográficas bilíngües existentes no mercado, mas se restringe às obras inglês-português/português-inglês. Apesar disso, ele utiliza uma classificação que pode servir para quaisquer dicionários bilíngües, independente dos pares de língua desses dicionários. Segundo esse autor, as obras bilíngües mais comuns podem ser divididas em: “dicionário bilíngüe tradicional”, “dicionário semibilíngüe” e “dicionário bilíngüe especializado”.

O primeiro tipo, rotulado de “dicionário bilíngüe tradicional” (p. 164), é aquele que fornece equivalentes e não se preocupa em dar definições. Normalmente, essas obras são pequenas, e a falta de espaço leva à superficialidade das equivalências. Esse tipo de dicionário oferece uma lista de equivalentes separados por vírgula, sem nenhuma indicação de diferença de significados e de usos de uma língua para outra que auxilie o usuário em sua escolha e/ou em sua compreensão da palavra consultada.

O segundo tipo constitui um avanço no terreno da lexicografia e, de acordo com o autor, é denominado “semibilíngüe” (p. 165). Esse dicionário não apresenta uma lista de alternativas de equivalentes soltos, ou seja, fora de seu contexto de uso. A grande vantagem do semibilíngüe é a utilização de “orações-modelo” (p. 166) dentro dos verbetes, ajudando os usuários a compreender corretamente o significado da palavra pesquisada, bem como as diferenças de significado de uma língua para outra.

O último tipo apresentado por Schmitz (2001) é o “dicionário bilíngüe especializado” (p. 166). Esse dicionário fornece equivalentes para a tradução de termos técnicos de uma área específica, isto é, trata de uma linguagem de especialidade.

Os quatro dicionários analisados neste trabalho enquadram-se na definição de dicionário bilíngüe tradicional proposta de Schmitz (2001). Entendemos que o melhor dicionário para os aprendizes de língua estrangeira, dentre os três tipos apresentados, é, sem dúvida, o dicionário semibilíngüe. Contudo, sabemos que a obra bilíngüe mais utilizada pelos iniciantes é, na maioria das vezes, a tradicional, conforme a pesquisa que realizamos nas escolas de Porto Alegre. Isso ocorre porque os dicionários semibilíngües, ou seja, aqueles que contêm orações-modelo, geralmente possuem um maior número de ver-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

betes, são mais completos, mais volumosos e mais caros. Em vista disso, o usuário desse dicionário é o aprendiz de língua estrangeira que está em um nível mais avançado.

Os dicionários bilíngües mais usados por iniciantes são os tradicionais, por serem pequenos, com menor número de verbetes e com preço mais acessível. Esses dicionários oferecem uma consulta fácil e rápida. No entanto, além de não apresentarem definições em sua microestrutura, são carentes de informações referentes ao uso da língua, dados estes essenciais para aprendizes de língua estrangeira.

Por meio da análise das marcações empregadas por esses dicionários para especificar o léxico *'malsonante'*, pretendemos repensar o modo como as informações a respeito do uso lingüístico estão dispostas nas obras lexicográficas bilíngües escolares e contribuir para a organização dessas informações, principalmente no que concerne ao vocabulário *'malsonante'* que deve ser conhecido pelo estudante de língua espanhola.

É importante lembrar que os dicionários bilíngües examinados não apresentam a marca *'malsonante'* e, na maioria das vezes, para as mesmas acepções que recebem tal marcação no DRAE (2003), empregam a marca *'vulgar'*. Tal fato pode ser observado nas expressões que foram transcritas desses dicionários.

No quadro abaixo, colocamos todas as expressões *'malsonantes'* encontradas nas obras bilíngües examinadas.

Léxico <i>'malsonante'</i> em dicionários bilíngües escolares espanhol-português/português-espanhol	
Dicionário Ática (2004)	carajo - m. 1. vulg. Caralho. chingar - v.t. 4. vulg. Fornicar. cojón - m. vulg. Testículo. concha - f. 3. vulg. Arg. Órgão sexual feminino. coño m. vulg. 1. Cono, vulva. dar/tomar por el culo. Dar ou tomar no cu. joder - v.t. vulg. 1. Foder, copular. pollo - m. vulg. Pênis.
Dicionário Michaelis (2002)	carajo - m. 1. vulg caralho. cojón - m. 2. vulg colhão. coño - m. 2. vulg. xoxota. descojonarse - v. vulg perder os colhões, desconjuntar-se. joder - vi 1. vulg foder.
Dicionário	picha - f. vulg pica, pinto, pau, caralho. carajo - caralho.

LÉXICO E SEMÂNTICA

FTD (1998)	chingar - v. realizar ato sexual. cojón - m. testículo, colhão. concha - f. Amér., vulva. coño - m. vulva, parte externa da genitália feminina. dar/ tomar por culo - dar ou tomar no cu. hostia - f. bofetão, tapa. joder - v foder, praticar o coito, relação sexual. lamer el culo (a alguien) - puxar o saco de alguém. pijo/a - m. pênis. pollo - m. caralho. carajo - m. 1. vulg. Órgão sexual masculino. chingar - v. 4. Praticar o ato sexual. É vocábulo chulo. concha - f. 2. vulg. Amér. O órgão sexual feminino. É vocábulo chulo.
Dicionário Santillana (2005)	coño - m. interj. vulg. Parte externa do órgão genital feminino. É vocábulo chulo. joder - v. 1. vulg. Praticar o ato sexual. É vocábulo chulo. polla - m 2. vulg. Ver pene. É vocábulo chulo. lamer el culo. vulg. Puxar o saco. É expressão chula. hóstia f. 2. vulg. Golpe com a mão aberta. Bofetada.

Os dicionários Ática (2004) e Michaelis (2002) apresentam a marca ‘*vulgar*’ para indicar o léxico considerado ‘*malsonante*’ pelo DRAE (2003). Já o Dicionário FTD (1998), o qual oferece o maior número de expressões ‘*malsonantes*’, não fornece nenhum tipo de indicação dos contextos de uso dessas expressões. Somente para a palavra ‘*concha*’, emprega uma marcação geográfica, alertando que o sentido descrito é utilizado na América. O Dicionário Santillana (2005) utiliza a marcação ‘*vulgar*’ para especificar o léxico em questão, porém faz uma ressalva no final dos verbetes alertando que alguns sentidos são chulos. Esse último dicionário é o único que alerta os consulentes para os sentidos ‘*malsonantes*’ de alguns vocábulos. Os demais pecam ao não apresentarem uma informação fundamental para os aprendizes de língua espanhola.

Os dicionários bilíngües escolares fornecem um número de verbetes muito inferior ao dos monolíngües, já que oferecem apenas o vocabulário básico da língua, isto é, o léxico considerado fundamental para qualquer tipo de comunicação. Devido ao menor número de verbetes constantes nesses dicionários, eles oferecem bem menos acepções ‘*malsonantes*’ que o DRAE (2003).

Os dicionários em questão preocupam-se mais em fornecer as acepções ‘*malsonantes*’ que se referem aos órgãos sexuais e ao ato

sexual, marcando-as, na maioria das vezes, como ‘vulgares’. Dentre essas acepções, quase sempre apresentam aquelas que, no DRAE (2003), não recebem marcas geográficas para indicar as localidades de ocorrências dos usos ‘malsonantes’, ou seja, os dicionários bilíngües, geralmente, tratam daquilo que é ‘malsonante’ para todos os países de língua espanhola, não incorporando palavras e expressões restritas a um ou a alguns países somente. A escolha dessas palavras e expressões ‘malsonantes’, comum à maioria dos países de idioma espanhol, obedece aos critérios adotados pelos dicionários examinados para a seleção do léxico descrito: a frequência de uso. O objetivo das obras bilíngües, como já mencionamos, é fornecer o vocabulário essencial de uma língua, e não descrevê-lo exaustivamente, como fazem as obras monolíngües em geral.

Contudo, os dicionários bilíngües escolares falham na medida em que quase não fornecem palavras e expressões utilizadas como insultos, pois as mesmas são muito utilizadas por falantes de língua espanhola, como podemos observar em filmes, músicas e jogos de futebol, por exemplo. E, já que o critério para a inserção de vocábulos em obras lexicográficas bilíngües é a frequência de uso, termos que designam ofensas deveriam fazer parte de tais obras.

Além de não fornecerem esse tipo de léxico, utilizado para ofender, desrespeitar e menosprezar, as obras bilíngües examinadas pecam em relação ao tratamento do vocabulário ‘malsonante’ apresentado, visto que o marcam como ‘vulgar’, não especificando os contextos de uso; informação essencial para o aprendiz de língua espanhola. Como já foi dito, a marca ‘vulgar’, no DRAE (2003), informa que certos vocábulos são utilizados pelo povo, dessa forma, ao empregarem somente essa marca para indicarem expressões relacionadas a órgãos sexuais e ao ato sexual, os dicionários analisados não alertam o consulente que o uso dessas expressões em alguns contextos pode gerar constrangimentos e mal-entendidos.

Com base nessas constatações, acerca do tratamento do léxico ‘malsonante’ nos dicionários bilíngües escolares analisados, entendemos que o sistema de marcação para tratar desse léxico necessita ser repensado.

LÉXICO E SEMÂNTICA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este trabalho contribua para a organização das informações sobre o uso da língua nos verbetes das obras lexicográficas. Os dados acerca do uso são essenciais para o aprendizado de uma língua e, por esse motivo, devem ser repensados no âmbito lexicográfico, sobretudo em dicionários bilíngües. O próximo passo desta pesquisa é propor uma sistematização de marcas de uso para especificar o léxico *'malsonante'* nos verbetes de dicionários bilíngües espanhol-português/português-espanhol, especialmente na parte espanhol-português. Já que nosso objetivo é auxiliar os estudantes em níveis iniciais de língua espanhola a reconhecerem esse léxico e saberem quando não utilizá-lo, para que não sofram nenhum tipo de repreensão ou de discriminação social em situações reais de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLESTERO-ALVAREZ, M. Esmeralda & VALVAS, Marcial Soto. *Dicionário espanhol-português/português-espanhol*. São Paulo: FTD, 1998.
- DIAZ Y GARCÍA-TALAVERA, Miguel. *Santillana para estudantes: espanhol-português/português-espanhol*. São Paulo: Moderna, 2005.
- FLAVIAN, Eugenia & FERNÁNDEZ, Gretel Eres. *Minidicionário espanhol-português/português-espanhol*. São Paulo: Ática, 2004.
- GARRIGA, Escribano Cecílio. Las marcas de uso: despectivo en el DRAE (2003). **In:** *Revista de Lexicografía*, 1, 1994-1995, p. 113-147.
- PEREIRA, Helena Bonito Couto. *Michaelis dicionário escolar espanhol: espanhol-português/português-espanhol*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario electrónico de la lengua española*: versão 1.0. Madrid: Espasa, 2003. CD-ROM.
- SHIMITZ, John Robert. A problemática dos dicionários bilíngües. **In:** OLIVEIRA, A. M.P.P. & ISQUIERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico; lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 161-170.

**VARIANTES LEXICAIS NA TOPONÍMIA PORTUGUESA:
OS ELEMENTOS GENÉRICOS (ENTIDADES GEOGRÁFICAS)
DENOMINADOS. ESTUDO DE CASO:
DIFERENÇAS TERMINOLÓGICAS
ENTRE PORTUGUÊS DO BRASIL E PORTUGUÊS EUROPEU**

Patricia de Jesus Carvalhinhos (FFLCH-USP)

patricia.carv@usp.br

APRESENTAÇÃO

A relação existente entre um elemento geográfico e seu respectivo nome tem sido objeto de muita discussão desde a sistematização dos estudos de Toponímia. Alguns países, sobretudo aqueles com um histórico de estudos toponímicos, mantêm comissões geográficas, entre cujos objetivos figura a questão nomenclatural.

Uma vez que o topônimo propriamente dito não pode ser estudado sem considerar-se o elemento geográfico ao qual se vincula, analisa-se o *sintagma toponímico* – bloco composto pelo elemento genérico (entidade geográfica denominada) e o elemento específico (o nome ou topônimo propriamente dito). Presentes tanto em cartas geográficas/topográficas quanto em repertórios toponímicos, as entidades geográficas que recebem o nome (também chamadas *acidentes geográficos*), são, tanto quanto os nomes propriamente ditos, elementos cruciais na análise do sintagma toponímico, pois também carregam traços linguoculturais do denominador, em termos de substância semântica. Estruturalmente, de acordo com a natureza da língua, esses termos ou elementos podem vir justapostos ou aglutinados³².

³² Ainda sobre a posição dos elementos no sintagma toponímico, vale lembrar que, no caso de uma língua aglutinante (exemplificativamente, as línguas indígenas americanas), a tendência é que haja a adição de um novo elemento geográfico na língua dominante. Outra condição que gera a adição de um novo termo geográfico é a passagem natural do tempo: muitas vezes, em línguas como as neolatinas, é possível observar, durante uma análise diacrônica, que o termo geográfico original esvaziou-se de sentido. Por vezes, sua incorporação ao topônimo ocorre pela gramaticalização, ou seja, a palavra plena, ao esvaziar-se de sentido, pode funcionar como uma forma presa, com características sufixais. Ainda neste caso, há a conseqüente adição de um novo termo (Dauzat, 1922; Dorion, 1972; Dick, 1990), o que propicia outros dados para análise.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Longe de se cogitar algo conclusivo, o presente artigo propõe um convite à reflexão sobre a natureza das relações entre elemento geográfico e o nome de lugar. Apresentaremos, com este objetivo, algumas variantes lexicais presentes em termos genéricos de sintagmas toponímicos portugueses, sendo os acidentes geográficos relacionados a elementos hídricos, no campo físico, e a aglomerados humanos, no campo antropocultural; observa-se, evidentemente, possíveis contrapontos com a nomenclatura geográfica brasileira.

Quando necessário, apresentamos as relações lingüísticas com os topônimos aos quais se vinculam os termos geográficos, mas, principalmente, as relações semânticas presentes entre os próprios elementos geográficos estudados, sendo estas relações uma possível pista para determinar mecanismos de escolha no eixo paradigmático da língua, por parte dos denominadores. Partimos, portanto, do conceito de variante lexical, sua contextualização num contexto mais amplo – o da dialetologia – para, em seguida, tratar das variantes lexicais presentes em termos genéricos de sintagmas toponímicos.

VARIANTES LEXICAIS

O conceito de variante lexical é aqui aplicado no sentido de se verificar as diversas resultantes de escolhas, por parte do denominador, no eixo paradigmático da linguagem. Já consideramos, em outras oportunidades (Cf. Carvalhinhos, 2003 e 2007), que o nome do lugar, *quando* e *se* nasce de maneira espontânea, é sempre o reflexo de um ato de fala. Cristalizado pelo uso, todos os elementos pertinentes a este ato de fala conservam-se na substância semântica do topônimo, ainda que seu significado esteja esvaziado.

A denominação da própria entidade geográfica vinculada ao nome também revela dados do povo denominador, e as variantes lexicais, sendo um espelho de sua fala, são importantes para que se tracem áreas dialetológicas em determinado território e, por outro lado, como léxico já estabelecido e cristalizado, a Toponímia fornece dados ao dialetólogo sobre a permanência de certos traços arcaicos na fala de determinado território.

Sobre a relação existente entre Onomástica e Dialetologia, sobretudo no que concerne às variantes lexicais presentes nos termos

genéricos, mencionamos Nicolaisen (1980), autor que, retomando dados do Atlas Lingüístico dos Estados Unidos e do Canadá, trata das relações existentes entre as variantes lexicais e as variantes toponímicas. No texto *Onomastic Dialects*, parte de alguns pressupostos que nos interessam para a reflexão proposta neste estudo. Primeiro, porque há similaridades entre alguns dados apresentados na toponímia norte-americana e o Brasil por questões históricas (línguas em contato, colonização); segundo, porque propõe alguns critérios metodológicos para o estudo das variantes presentes em genéricos (*creek, brook, -kill, stream*), tanto pelo esboço de uma análise lexicológica (não levada a termo pelo autor) quanto pela analogia entre a distribuição, variação e frequência das lexias no território, em sua condição de elemento genérico de um sintagma toponímico, e também como topônimo.

Além de observar a distribuição e frequência dos genéricos (que, uma vez parte de um sintagma toponímico, são mais estáveis que as lexias comuns³³), o autor analisa as áreas de ocorrência das variantes, geralmente decorrentes de movimentos colonizatórios; todas as variantes (*creek, brook, stream*) são transparentes e ativas na língua atual. Dois exemplos de nomes estrangeiros para acidentes hídricos – segundo ele, opacos – são o francês *bayou* (criado em contato com a língua indígena Choctaw *bayuc*, significando “curso inativo” e irradiado a partir de Louisiana) e o holandês *kill*³⁴, este último muitas vezes como forma presa, em composição com outros termos.

Em Portugal, já os *Inquéritos Lingüísticos* realizados por Paiva Boléo na década de 40, a fim de ampliar e atualizar o estudo de

³³ “Lexical items to be studied will come from selected native speakers of the geographical varieties of American English, whereas onomastic items will be mostly culled from printed maps, some perhaps from oral tradition, but in all cases from sources anchored to the ground and therefore much less mobile than individual informants. This is not to say that place names never migrate - they do, especially in this country - but toponymically applied generics are less easily uprooted than their non-onomastic counterparts in the general lexicon. Words are as footloose as the people who use them, while place names tend to be stationary.”(Nicolaisen, 1980, p. 37).

³⁴ Nicolaisen afirma que, apenas por ser opaco, *-kill* se presta à sua extensão e aplicação a bifótos de outra natureza, como montanhas. Está restrito ao vale do Hudson, e nunca pertenceu ao léxico ativo do inglês, nem como adstrato.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Leite de Vasconcelos (*Esquisse d'une dialectologie portugaise*, tese defendida em 1901), traça isoglossas em todo o território, na mesma linha do Atlas citado por Nicolaisen. Um dos mapas publicados apresenta as isoléxicas, limites que separam os fenômenos léxicos de outras áreas de ocorrências. Pode ser que as variantes lexicais, no que tange aos elementos geográficos presentes nos sintagmas toponímicos, correspondam a essas isoléxicas; neste momento, contudo, seria precipitada tal afirmação.

Segundo estudos calcados nos inquéritos de Boléo (Lindley Cintra, 1961-62; Orlando Ribeiro, 1962-63), há interpretações diversas sobre as variantes lexicais. Ainda que se baseie nos atuais falares e dialetos do território português, fica clara, pelo menos nos dois autores mencionados, a importância da toponímia local como fator comprovante da antiguidade de determinadas formas presentes nos falares, seja quanto à fonética, à morfologia ou semântica. Para Ribeiro, sobretudo, a presença da toponímia auxilia na demarcação das áreas conservadoras e inovadoras em termos de fala (o autor prefere *terras velhas* e *terras novas*, pois sua análise é realizada a partir da ocupação do território³⁵ no período da Reconquista).

Portanto, ainda que não seja nosso objetivo nesta comunicação tratar deste tema³⁶, fica claro que as variantes lexicais na toponímia, sobretudo as presentes no topônimo propriamente dito, marcam áreas toponímicas que poderão coincidir com as áreas dialetológicas.

Refletimos, aqui, sobre o que se apresenta no atual Portugal Continental quanto aos termos genéricos mais usados para duas realidades distintas: a física, exemplificada pelas variantes *ribeira/ribeiro*, preferidas em Portugal às formas mais utilizadas no Bra-

³⁵ Orlando Ribeiro contesta, ainda, baseando-se em considerações de vários autores, o conceito de *ermamento*, isto é, o esvaziamento da atual região central portuguesa no período da presença árabe na Península Ibérica: "Os arcaísmos que a prospeção dos falares regionais pôs a descoberto compreendem-se, ao mesmo tempo, no quadro da organização precoce dessa terra densa, e da estabilidade e permanência, a despeito das vicissitudes superficiais, da sua população." (1962-63, p. 201).

³⁶ Será necessário um estudo amplo para que se possa chegar a esta distribuição de variantes lexicais na toponímia de Portugal, sejam variantes presentes no acidente geográfico ou no nome propriamente dito. Esta comunicação, pois, é apenas uma introdução ao tema.

sil, ribeirão e córrego, e a antropocultural, caracterizada por pequenos aglomerados humanos³⁷, dos quais destacamos os termos genéricos *lugar, aldeia, casal, póvoa, quinta*. Em termos de variação de sentido, trazemos a *vila*, de diferente significação em Portugal e no Brasil, apresentando, pois, uma variação semântica.

VARIANTES LEXICAIS: ELEMENTOS HÍDRICOS.

Embora nossas observações se baseiem em *corpora* de densidade e alcance heterogêneos, acreditamos que, mesmo assim, oferecerão um princípio de análise sobre o tema, devidamente aprofundada e retificada quando do avanço de nossas pesquisas³⁸. Tanto no Brasil quanto em Portugal, as variantes lexicais presentes nos elementos genéricos (que, muitas vezes, assumem a função de topônimos), apresentam uma diferenciação básica quanto ao volume de água, sendo possível, neste sentido, considerá-las pertencentes a um mesmo eixo paradigmático, contidas pelo mesmo arquissemema (“massa de água”), e apresentando, como semas distintivos, os atributos referentes a largura e a profundidade. Num primeiro momento, a escolha de lexias em genéricos referentes a acidentes hídricos parece ser mais homogênea³⁹ que a operada nos relativos às povoações,

³⁷ Já em nossa Tese de Doutorado, em 2005, nos dedicamos a esta problemática, ainda que sob outra perspectiva.

³⁸ Dizemos que os *corpora* são heterogêneos porque se trata apenas de uma amostragem, divergente, em termos de escala, nos dois países, além de restrito em ambos. Como o foco de nossa pesquisa é Portugal, a exemplificação com topônimos brasileiros se dá em nível de macrotoponímia, ou seja, mencionamos, aqui, apenas nomes de municípios que conservam as lexias em estudo. Por outro lado, os exemplos de Portugal relatados neste tópico provêm de duas fontes distintas, ambas com uma escala detalhada: o *Reportório Toponímico de Portugal*, escala 1/25.000, publicado pelo Ministério do Exército, em 1967; por outro, lançamos mão de dados disponibilizados pelo Serviço Nacional de Informação Geográfica, na vertente referencial para detecção e eliminação de focos de incêndio (SCRIF – Serviço de Cartografia de Risco de Incêndio Florestal), que se baseia nas mesmas cartas do Exército, escala 1:25.000, mas com todas as atualizações proporcionadas pelos serviços de informação digital por satélite. Como se percebe, pela escala, os exemplos de Portugal tendem a ser mais abundantes pela escala das cartas utilizadas; por outro lado, a maioria dos exemplos mencionados pertence ao distrito de Aveiro, foco de nossa análise em projeto de pesquisa atual.

³⁹ Dizemos que parece ser porque, na verdade, apenas estudos com cartas geográficas com um bom nível de detalhamento poderão trazer mais dados. Citamos, por exemplo, os dados parciais coletados por um aluno nosso de graduação para sua monografia de avaliação neste

LÉXICO E SEMÂNTICA

no sentido que se poderia aventar que, uma vez “transplantada” a LP para o Brasil no período colonial, o denominador lançaria mão das mesmas lexias utilizadas na metrópole – diferentemente dos aglomerados humanos, cuja configuração se prende a condicionantes históricas, geográficas, culturais e econômicas, entre outras. Contudo, a homogeneidade das denominações portuguesas e brasileiras não se verifica, pois, se no Brasil as formas mais comuns e produtivas para designar cursos de água de médio porte são as lexias *córrego* e *ribeirão*, em Portugal nenhuma das duas é usual – nem como acidente físico, tampouco como topônimo.⁴⁰

Todas estas variantes – *córrego*, *ribeiro*, *ribeira*, *ribeirão* – são transparentes e pertencem ao léxico ativo em seus locais de ocorrência e, também, aparecem distribuídas uniformemente nos dois países, como elemento genérico. No Brasil, é muito comum encontrar topônimos que apresentem *córrego* e *ribeirão* toponimizados (incorporadas ao nome), como em nomes de municípios.⁴¹

primeiro semestre de 2007 (Cf. Stabile, 2007). Stabile conseguiu detectar, em seu estudo inicial, que as denominações de cursos de água apresentam variações não somente quanto à massa de água, mas também quanto ao sistema de drenagem do solo e à intermitência: segundo seu levantamento, *arroio* é freqüente no sul, *córrego* é geral, mas com maior concentração no Sudeste; *riacho* é típico do nordeste, assim como a *vereda*. Os *corixos* são da região pantaneira, assim como os *igarapés* e os *paraná*s só aparecem na região norte como elemento hídrico (enquanto no sul e sudeste só aparecem toponimizados).

⁴⁰ Sobre as condições atuais das lexias mencionadas, em termos de freqüência, em Portugal, recorremos dos dados do Programa CONCOR, disponibilizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: numa breve busca, fica clara a preferência, também marcada na toponímia, pelas formas *ribeira/ribeiro*, em detrimento do *córrego* e *ribeirão*. Dados disponíveis para consulta em:

<http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_rld_pesquisa_PE.php> Acesso em: 02 ago. 2007.

⁴¹ Segundo atual levantamento do IBGE (*IBGE cidades*, disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>), verificamos, no Brasil como um todo, os municípios cujo topônimo incorpora o acidente geográfico mencionado. São eles: *Ribeirão do Largo*, BA; *Córrego do Ouro*, GO; *Córrego Fundo* e *Córrego Novo*, MG; *Ribeirão das Neves* e *Ribeirão Vermelho*, MG; *Corguinho* (MS); *Ribeirão Cascalheira* e *Ribeirãozinho*, MT; *Ribeirão*, PE; *Ribeirão Claro* e *Ribeirão do Pinhal*, PR; *Ribeirópolis*, SE; *Ribeirão Bonito*, *Ribeirão Branco*, *Ribeirão Corrente*, *Ribeirão do Sul*, *Ribeirão dos Índios*, *Ribeirão Grande*, *Ribeirão Pires* e *Ribeirão Preto* (SP). Em contrapartida, a forma *ribeira* e derivados aparece apenas em dois nomes de municípios, *Ribeira do Piauí*, PI; e *Ribeira*, SP; já a lexia *ribeiro* requer estudo quanto ao motivo da denominação, pois pode configurar, ainda, um antropotopônimo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em Portugal, a ocorrência destas duas formas como genérico é inexpressiva, e sua ocorrência em topônimos é de baixa frequência em relação às formas *ribeira/ribeiro* e derivados: em todo o distrito de Aveiro, encontramos apenas três topônimos – *Córregos*, região, Mealhada; *Córregas*, região, Oliveira de Azeméis; *Córrego de Loredelo*, povoado, em Vale de Cambra – e uma aplicação como genérico, no sintagma *córrega* da *Sabrosa*, também em Vale de Cambra. Em outra fonte, que abarca todo o território continental português, detectamos apenas dezoito (18) ocorrências com a lexia *ribeirão* no país, sendo treze (13) realmente genéricos relativos a cursos d'água, e somente cinco (5) como topônimos, em aglomerados humanos.

É possível que o português do Brasil tenha preferido *córrego* a *ribeira* por características topográficas, pois, além da definição geral de *córrego* como “*pequeno rio, riacho*”, encontramos uma especificação que pode ter ocasionado a escolha: tanto Aulete quanto Holanda concordam que *córrego* é um *sulco aberto por águas correntes*; para Cunha, *córrego*, derivado de *correr*, aparece incorporando o sentido de “*riacho*” no século XVI, procedendo do latim **corrugus*. Para Pinho Leal (*apud* Costa, 1959), há uma especificação ainda maior no sentido, já que “*córrego* ou *corgo* no antigo português significa *ribeiro* ou *regato* que corre profundo entre penedias ou pelas quebradas das serras.”⁴²

Corgo, no Brasil, ocorre como quase como variante diastrática (o metaplasmo, neste caso, é característico dos falares caipiras), aparecendo pouco como genérico; em Portugal, *corgo* e derivados (*corgo*, *corga*, plurais e diminutivos) aparecem como topônimos e, em proporção elevada, como genéricos. Em função de genérico, em Aveiro, a estrutura sintagmática é simples: genérico (*corga*, *corgo*, plurais), preposição + substantivo, muitas vezes ficando subentendida a posse: como exemplos, citamos *corga* do *Coval da Mó* e *corga* do *Gavião*, no concelho de Albergaria-a-Velha, *corga* da *Barrosa* *corga* do *Pardinho* e *corga* do *Rossio* (Águeda). Como topônimos,

⁴² Também Aulete menciona definição similar, “caminho estreito e fundo entre montes, cadeia de montanhas (...), ainda que não se refira, explicitamente, à presença de água. Holanda é mais claro, pois define *córrego* como “Caminho estreito, ou atalho, entre montes ou muros” para, em seguida, citar como brasileirismo o uso de *córrego* como “Ribeiro de pequeno caudal; riacho”.

LÉXICO E SEMÂNTICA

além da forma simples, o substantivo (*Corgo*, Estarreja; *Corga* e *Corgas*, Santa Maria da Feira), aparecem os marcadores toponímicos *de cima/de baixo* (*Corgo de Cima* e *Corgo de Baixo*, Anadia), *do norte/ do sul* (*Corga do Norte* e *Corga do Sul*, Ovar), e a forma duplamente marcada pela relação e pela posição geográfica (*Corgo do Seixo de Baixo* e *Corgo do Seixo de Cima*, em Vagos).

Já *ribeiro* é um “rio pequeno; riacho, regato”, do latim *ripario*. O feminino *ribeira* é definido como “massa de água que corre entre margens próximas, menos larga e profunda que um rio”. *Ribeirão*, forma produtiva no Brasil, conforme exemplificado anteriormente, significa *ribeiro bastante largo* e, numa segunda acepção, *terreno apropriado para nele se lavrarem minas de diamantes* (Holanda).

Tanto **corrugus* quanto *riparia/ripario* não constam dos dicionários de língua latina; provavelmente porque provêm do latim vulgar. A forma latina *ripa*, significando “margem”, derivou para o português *riba* (que consta, como topônimo, nos seguintes povoados aveirenses: *Ribaforros* (Anadia), e *Ribas* (Ílhavo e Santa Maria da Feira). Ainda aparece como nome de uma região em Anadia, *Riba-boa*, e outra em Vale de Cambra, *Riba Má*). Vasconcelos (1931, p. 158) assim define *riba*: “*Originariamente as formas eram, realmente, riba do Douro, (...) por ‘margem do Douro’ (...), como em latim ripa fluminis (...)*”, e mais adiante, explica a aplicação desse termo, baseado em documentos dos séculos VIII ao XV: “*(...) pois naquele tempo a ripa, ou riba, não significava só a ribanceira, margem (...), mas ainda todas as terras que ficavam superiores, e águas vertentes para o mesmo rio.*” Podemos concluir, então, que houve um processo metonímico e a margem do rio, *ripa fluminis*, passou a significar toda a região adjacente, inclusive o próprio curso d’água.

Ribeirão, definido como *terreno apropriado para nele se lavrarem minas de diamantes*, pode conduzir-nos à hipótese de sua escolha, por parte do denominador, ter sido mais adequada às atividades ligadas à mineração, no período colonial brasileiro. Dicionários de português europeu definem o termo como *brasileirismo, ribeiro grande*. Além de não ser nosso objetivo, aqui, o presente estágio das pesquisas toponímicas brasileiras não permite declarações conclusivas sobre as causas da disseminação, multiplicação e perpetuação do

uso desses genéricos, no Brasil, em detrimento das formas mais frequentes em Portugal. Provavelmente, com o avanço das pesquisas e uma busca sistemática em atas e registros dos séculos XVI a XVIII, se possam comprovar algumas hipóteses, como a que estas duas formas terem sido difundidas durante um processo de dialeção do português do Brasil.

O que se pode depreender destes dados, portanto, é um conceito contrastivo de variante, além da variante presente em um único território nacional: se o denominador opera escolhas num eixo paradigmático e percebemos contrastes de acordo com o volume, velocidade, largura e profundidade das águas, também é verdade que não são as mesmas variantes mais utilizadas em Portugal que vieram para o Brasil. No caso específico deste estudo pontual, é mais fácil perceber a causa das variações quando o genérico se refere a fatos sociais ou elementos culturais, como nos genéricos referentes aglomerados humanos, que abordamos a seguir.

VARIANTES LEXICAIS: OS AGLOMERADOS HUMANOS

Atualmente, em Portugal (pelo menos, em sua área continental), percebe-se uma variedade de lexias, todas referentes a aglomerados humanos⁴³, transformadas em elementos genéricos (e, algumas

⁴³ Aroldo de Azevedo (1957, p. 31-33) define, no seu estudo *Embrões das cidades brasileiras*, uma série de dados comparativos entre as denominações usadas para designar diferentes tipos de aglomerados humanos, do ponto de vista da Geografia Humana. Estes dados são de especial importância para o trabalho realizado quanto à escolha lexical no eixo paradigmático da linguagem, pois fica claro que, embora às vezes se aplique a mesma lexia, o conceito é diferente entre Brasil e Portugal. Para o autor, por exemplo, no Brasil “a mais elementar das formas de aglomerações humanas costuma ser designada por dois vocábulos de significação idêntica – povoado e povoação, embora outros termos existam, de caráter restrito e regional, que servem para identificar algumas de suas modalidades.” Comparativamente, cita Portugal, “de onde recebemos tais vocábulos”. Segundo ele, ali “faz-se uma distinção bastante nítida entre ambos: *povoação* é o lugar povoado – cidade, vila, aldeia ou lugarejo, correspondendo a um núcleo de condensação do povoamento”, sem distinção de dimensões. Já povoado é chamado, em certas regiões, *casal*, e significa “a aldeia, o lugarejo ou pequena localidade em que habita gente”.

Ele diz, ainda, que em Portugal a povoação engloba um sentido muito amplo (desde as menores localidades até as cidades), o que não se dá no Brasil. “O povoado ou a povoação, tal como entendem os brasileiros, não se confunde com nenhum dos pequenos aglomerados da Eu-

LÉXICO E SEMÂNTICA

mesmo, em topônimos); são variantes, aparentemente em relação sinonímica, mas apresentando variação de significado. A interpretação das legendas de uma carta geográfica, em geral, indica uma equivalência entre estes pequenos povoados, ainda que lhes correspondam termos genéricos diferentes como *aldeia*, *quinta*, *póvoa*, *lugar* ou *casal*.

Para iniciar a argumentação, contudo, apresentamos um elemento genérico que, atualmente em Portugal, não pode ser considerado pertencente exatamente ao mesmo paradigma⁴⁴ dos aglomerados humanos anteriormente mencionados, pois é definido como uma aglomeração humana de tamanho intermediário⁴⁵ entre a aldeia e a cidade. Mas o conceito histórico de *vila*, naquele país, não tem relação com o número de eleitores ou benfeitorias à coletividade, conforme lei em vigência desde 1982.

Segundo documentação coletada no Arquivo Distrital de Aveiro por Oliveira (1967), a romanização foi a responsável pela adoção do termo *vila*. A *villa* romana era unidade agrária⁴⁶ e fiscal, aplicada às propriedades coletivas peninsulares. Seus termos (limites) eram marcados com *padrões* (tipo de marco de pedra praticamente desaparecido, mas bastante presente na toponímia portuguesa até ho-

ropa Ocidental, sobretudo pela fraqueza de laços que o prendem à área rural." Povoados, no Brasil, portanto, estão ligados à zona urbana: "Povoados foram os *arraiais* da época da mineração do ouro (...), como são as *corrutelas* das atuais áreas diamantíferas do Brasil Central." Cita, ainda, na Bahia e no nordeste, os termos *comércio* e *rua*, a fim de acentuar a diferença com as habitações isoladas da zona rural. "Em São Paulo, o *bairro* rural contém sempre um povoado". Os grifos são do autor.

⁴⁴ Não pertence ao mesmo paradigma em termos práticos, por sua dimensão e por razões administrativas, conforme se verá; isso não quer dizer, contudo, que não pertença ao mesmo campo semântico, como se referirá adiante.

⁴⁵ O Art. 12 da Lei nº. 11/82, de 2 de Junho, condiciona que além de mais de três mil eleitores, para ser elevada à condição de vila uma povoação necessita ter algumas instituições coletivas, como, por exemplo, farmácias, correios, estabelecimentos comerciais e de hotelaria, agência bancária, escolas, transporte coletivo. Há exceções, quando a povoação possua relevância histórica, arquitetônica ou cultural. Antes dessa data, porém, a condição de vila não era assim regulada, conforme o que se explanará em seguida, pois advinha do conceito antigo de *vila*.

⁴⁶ Encontramos, ainda, várias referências em documentos da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX (*Apud* Costa, 1959), sobre a permanência desse conceito de vila como unidade agrária, no sentido de equivaler a *quinta* (propriedade rústica), e não a povoação. Como se pode perceber, houve mudança de sentido.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

je) e a propriedade era encabeçada pelo *dominus*, que pagava o imposto ao governo e, por sua parte, podia dividir a propriedade em subunidades⁴⁷. “A vila recebeu nome romano, ordinariamente o do seu possuidor adjetivado com um sufixo” (1983, p. 14; Cf. tb. Vasconcelos 1931; Carvalhinhos, 1998; 2000 e 2007).

Embora Oliveira refira-se à área onde está o atual distrito de Aveiro, podemos estender essa prática a todo o território considerado cristão, o que fica confirmado pela toponímia, conforme citação do autor:

As freguesias⁴⁸ provêm geralmente de um agrupamento de pequenas vilas, naquele antigo conceito de unidades agrárias. O nome da vila mais importante ficou a designar a freguesia, e os das pequenas que se lhe anexaram, bem como das sub-unidades (casais, quintanas, quintas, vilares) e o das glebas (bustelos, bouças, soutos, agras, várzeas) passaram para os lugares. (Oliveira, 1967, p. 18-19).

Estas subunidades marcam, pois, dois campos semânticos que se interseccionam, uma vez que, de um lado, temos as denominações pertencentes a um eixo paradigmático definitório de “agrupamento de casas”, atualmente configurando elemento genérico nos sintagmas toponímicos aos quais pertencem. Do outro lado, no que concerne às subunidades de caráter agrário (*bouças, bustelos, soutelos, agras*), houve, muitas vezes, esvaziamento semântico, e o genérico passou a incorporar a função de topônimo.

⁴⁷ Os suevos (e, posteriormente, os visigodos), que se instalaram na península a partir de 409, respeitaram essa divisão de propriedade, assim como toda a estrutura administrativa legada pelo império Romano. Contudo, a presença dos muçulmanos mudou essa política: a coroa era dona, então, da antiga propriedade dos *dominus*, que passou a ser *reguenga* (realenga): o rei era, deste modo, o *dominus*, e podia ceder a quem quisesse as terras. Os possuidores das pequenas áreas só mudaram de *dominus*, continuaram a pagar e puderam permanecer em suas terras.

⁴⁸ Também o conceito de freguesia, que ainda hoje é uma circunscrição administrativa, tem origem na época dos cristãos germânicos, ou seja, entre os séculos V e VII. Assim explica Saraiva (1996:48): “As paróquias substituíram as vilas na sua função de células cívicas e a chefia moral das comunidades passou dos *dominus* aos párocos. Essa evolução está na origem da palavra *freguesia*, termo que, pouco a pouco, foi designando as novas unidades de povoamento e vizinhança: o trabalhador, que do ponto de vista da vila era um servo ou colono, do ponto de vista da organização eclesíástica era um filho: *fili ecclesiae*, donde veio o *fillgrês* e depois freguês.” No Brasil, a freguesia existiu até o século XIX, em média, e, na toponímia, encontramos vestígios cristalizados na cidade de São Paulo, no bairro *Freguesia do O*.

LÉXICO E SEMÂNTICA

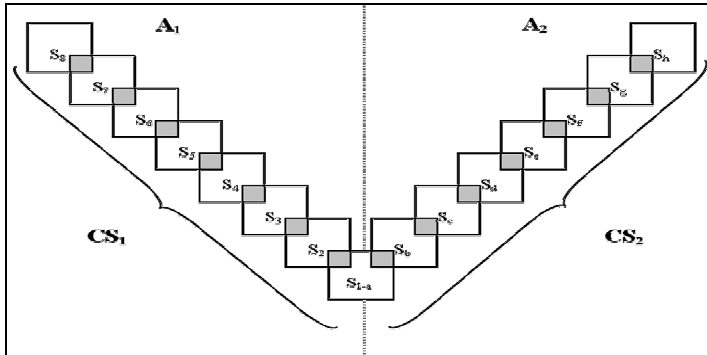
Os genéricos *casal*, *póvoa*, *vilar/vilarinho*, entre outros, pertencem ao léxico ativo e ainda são produtivos (e plenos de sentido), funcionando, embora não sejam sinônimos, como elementos equivalentes, dentro de um mesmo eixo paradigmático, à popular *aldeia* e *lugar*.

Para Dick (1999), este tipo de relação semântica define-se como hiperonímia:

Em certas circunstâncias, ambos os termos são enunciados em conjunto, como se fizessem parte de um só bloco de significação, exigindo o reforço de um outro genérico, às vezes da mesma natureza do existente, para a completa identificação. No enunciado “bairro de Vila Pompéia” (SP), o termo “vila”, na origem um índice de aglomeração humana, vem se enfraquecendo, paulatinamente, como portador dessa função; tanto que é comum a referência esclarecedora a “bairro”, de sentido aproximado, cuja significação ainda é de domínio geral. É provável que a lexia possa funcionar, no plano da língua, como um hiperônimo de outras unidades semelhantes, ou seja, de parque, jardim, granja, chácara, condomínio, conjunto residencial, para transmitir a noção de aglomerado.

A citação da autora refere-se a um fenômeno observado em grandes centros urbanos, sobretudo São Paulo. Este fenômeno de hiperonímia também ocorre em Portugal, embora seja necessário ter em mente as diferenças políticas entre os países, ligadas a sua configuração como nação.

Na verdade, percebemos uma relação de co-hiponímia entre os termos *aldeia*, *casal*, *póvoa*, *vilar/vilarinho*, *lugar*, por pertencerem a um mesmo campo semântico e terem, em seu bojo, o mesmo arquissemema (A_1), “povoação”. Semanticamente, o termo que opera a “ponte” entre estes dois campos semânticos (CS_1 , povoados e CS_2 , terras para cultivo) é a *quinta* (S_{1-a}), definida como “grande propriedade rústica com casa de habitação e geralmente cercada de muros; casa de campo; herdade; terra de sementeira”. Veja-se o esquema seguinte:



Campos semânticos relativos a povoações e terras cultiváveis em Portugal

Onde:

A ₁ = arquissemema. Hiperônimo: povoação/povoado.	A ₂ = arquissemema. Hiperônimo: campo/terra (cultivada e inculta).
CS ₁ = Campo semântico “aglomerados humanos”	CS ₂ = Campo semântico “terras”
S _{1-a} = quinta (lexia que tanto incorpora a idéia de habitação quanto de terra cultivável: intersecção dos dois campos)	
S ₂ = casal ⁴⁹	S ₆ = bouça ⁵⁰
S ₃ = póvoa ⁵¹	S _e = agro/agra ⁵²
S ₄ = lugar ⁵³	S _d = busto/bustelo ⁵⁴
S ₅ = aldeia ⁵⁵	S _c = barbitos ⁵⁶

⁴⁹ *Casal*, s.m., pequeno povoado; lugarejo; granja; herdade; conjunto das propriedades de uma família; conjunto de pequenas propriedades rústicas (...).

⁵⁰ *Bouça*, Lat. *baltea*, “matagal”. S.f., terreno que só produz mato; terreno inculto e murado, onde se cria mato ou lenha.

⁵¹ *Póvoa*, do arc. *povoo* < Lat. *populu*, povos. S.f., pequena povoação.

⁵² *Agro*, do Lat. *agru* < agers. m., campo; terra cultivada ou arável.

⁵³ *Lugar*, s. m., espaço ocupado; localidade; terra; povoado (...).

⁵⁴ Derivado de busto, adicionado do sufixo diminutivo medieval *-elo*. *Busto*, segundo Leite de Vasconcelos: “terreno plantado de pastagem de gado (...)” (1931, p. 301).

⁵⁵ *Aldeia*, do ár. *Aldaya*. S. f., pequena povoação de categoria inferior a uma vila sem jurisdição própria; povoação rústica.

LÉXICO E SEMÂNTICA

S₆= vilar/vilarinho
S₇= vila
S₈= cidade

S₁= chã /chão
S₂= várzea
S_n= chousa⁵⁷.

O que se observa, no esquema, é a comprovação da relação de co-hiponímia entre os termos de cada um dos campos semânticos, ainda que se possa objetar⁵⁸ tal fato quanto ao campo 2 (CS₂). Os respectivos arquissememas, A₁ e A₂, contêm os sememas (S₁, S₂, etc., para o campo dos *aglomerados humanos* e S_b, S_c, etc., para o campo da *terra cultivada*), e esta relação sêmica entre cada semema fica explícita na zona escura, que representa a intersecção dos sememas. Este núcleo comum faz com que possamos classificar todos os elementos como pertencentes ao mesmo campo semântico, e as partes não preenchidas de cada representação do semema referem-se ao que diferencia cada um dos termos entre si.

Portanto, o sema de contato é o que aloca cada um dos termos como pertencentes ao mesmo paradigma, sendo eleitos, no ato denominativo, segundo critérios que vão da objetividade à subjetividade, do descritivo ao associativo, do concreto ao metafórico, marcando, assim, a visão de mundo do grupo na denominação. Em termos práticos, e numa visão diacrônica, a *quinta* é a unidade lexical que faz a relação entre o grupo dos aglomerados humanos e as terras cultiváveis, outrora todos relacionados, por serem os aglomerados iminentemente rurais.

A questão da co-hiponímia quanto aos termos relativos às povoações parece ter sido pressentida por Leite de Vasconcelos (1936, p. 256), ao discorrer sobre o povoamento ou gênese geral das povoa-

⁵⁶ *Barbitos*, segundo Vasconcelos, procede de *barbeito*, lexia do século IX: "Um documento de 1096, nos Diplom. et Chart., nº 834, dá a definição: 'in terras ruptas vel barbeitos' (=terras lavradas ou cavadas ou mexidas)." (1931, p. 177)

⁵⁷ *Chousa*, do lat. *clausum* < **clausa*, segundo Leite de Vasconcelos. Esta forma, assim como todos os derivados (*Chousa*, *Chouselas*, *Chouselinha*, *Chouso*, *Choso*), é vazia de sentido, não figurando mais como genérico: "(...) *cerrado*, *fazendinha*, *pomarzinho sobre si com cerca*; (...) *A palavra chousa, que já figura num texto de 1220, Inquisitiones, l.13, (...) existe ainda em Porto de Mós, no sentido de 'tapada'*" (1931, p. 421).

⁵⁸ Mencionamos uma possível objeção porque, na verdade, são elementos genéricos medievais que atualmente são topônimos, e, embora todos incorporem um dado agrário, alguns menos marcados, contrariamente ao que ocorre no CS₁, cujo arquissemema está explícito.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ções, e propor uma categorização dos aglomerados para o começo do século XX: *cidade*, *vila* e *aldeia* são os termos propostos (em ordem decrescente de tamanho e número de habitantes), sendo as duas primeiras classificadas sem

(...) dificuldade, porque elas dependem de títulos dados por lei, segundo certas razões (importância histórica ou econômica, importância eclesiástica, população, função política etc.). Já não se definirá com tanta precisão a terceira. (1933, p. 264).

Conforme fica expresso pelo trecho grifado, para o autor, o conceito de *aldeia* pode ser representado por diversas lexias, em Portugal, mesmo que haja variações de sentido: cita, então, as lexias *sítio*, *quinta*, *casal* e *monte*, nas quais houve uma incorporação do sentido, e, assim, o todo acaba recebendo a denominação de uma parte. Vasconcelos mapeia, pois, todas as variações semânticas entre os termos descritos nas várias regiões portuguesas, e o sentido por nós compreendido é o geral, não o particular – que varia de região para região, como é o caso da lexia *monte* a qual, segundo ele, no Alentejo significa “casal de herdade”.⁵⁹

No Brasil, a diferença terminológica em relação a Portugal deve-se aos movimentos ocorridos no período colonial, às peculiaridades na formação de aglomerados humanos (que se prende, obviamente, a fatores socioeconômicos). Não é possível apontar, neste momento, se todos os topônimos que possuímos denominando municípios, atualmente, são toponimizáveis⁶⁰ – estudos preliminares revelaram que não. Contudo, podemos observar, de norte a sul, alguns municípios que apresentam, em seu nome, as lexias *arraial* (*Arraial, PI; Arraial do Cabo, RJ*) e *vila*: *Vila Pavão, Vila Valério, Vila Velha (ES); Vila Boa, Vila Propício (GO); Vila Nova dos Martírios (MA); Vila Bela da Santíssima Trindade e Vila Rica (MT); Vila Nova do Piauí (PI); Vila Flor (RN), entre outros*.

⁵⁹ *Herdade*, s.f.: Grande propriedade rural, composta, em geral, de terras de semeadura, montados e casa de habitação; quinta. *Herdade* não apareceu no *corpus* nem como elemento genérico, nem como topônimo.

⁶⁰ Por exemplo, *Vila Flor (RN)* é, na verdade, fruto da substituição de nomes indígenas por de localidades portuguesas, conforme determinação da Carta Régia de 1755. Trata-se, pois, de um nome transplantado. Seu nome original era aldeia de *Gramació*, substituído pela denominação da vila pertencente ao distrito de Bragança, em Portugal.

LÉXICO E SEMÂNTICA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já se anunciou no início desta exposição, nenhum dado aqui apresentado é conclusivo. Os pontos tocados objetivam, apenas, comparar as variantes lexicais quanto a sua substância semântica, e é evidente que um estudo em profundidade conduz a outros resultados. Tentou-se, deste modo, estudar a variante no sintagma toponímico, tanto na posição de elemento genérico quanto topônimo propriamente dito. O que se conclui, com esta comunicação, é que a análise das variantes lexicais proporciona elementos que integram tanto os campos da dialetologia, lingüística, filologia, geografia e história, entre outros campos do saber, marcando, assim, a característica multi e interdisciplinar das ciências onomásticas.

BIBLIOGRAFIA

AULETE, F. J. Caldas. *Dicionário da língua portuguesa Caldas Aulete*. 5ª ed. brasileira, rev., atual. e aum. Rio de Janeiro: Delta, 1987.

AZEVEDO, Aroldo de. Embriões de cidades brasileiras. *Boletim paulista de geografia*. Associação dos Geógrafos Brasileiros (Regional de São Paulo). São Paulo: março de 1957, Nº 25, p. 31-69.

BOLÉO, Manuel de Paiva; SILVA, Maria Helena Santos. Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental. *Boletim de Filologia*, XX, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 85-112.

CARVALHINHOS, P. J. *A toponímia portuguesa: um recorte lingüístico do Douro ao Tejo*. 1998. Mestrado pelo programa de pós-graduação em lingüística. Universidade de São Paulo, São Paulo.

———. Arcaísmos morfológicos na toponímia de Aveiro, Portugal *Cadernos do CNLF* vol. XI, nº 04. Rio de Janeiro: CIFEFIL, Instituto de Letras, UERJ, 2007, p. 26-38.

———. Esvaziamento semântico: ocorrências na toponímia aveirense. In: *Congresso Internacional 500 anos de língua portuguesa no Brasil*, Évora, Portugal: 2000.

———. *Hierotoponímia portuguesa. De Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas. Estudo de caso: as Nossas Senhoras*. 2005. Doutorado pelo programa de pós-graduação em Semiótica e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Linguística Geral – Departamento de Linguística. Universidade de São Paulo, São Paulo.

———. Onomástica e Lexicologia: o léxico toponímico como catalisador de fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*. São Paulo, 2003.

CINTRA, L. F. Lindley. Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, XX, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961-1962, p. 273-307.

COSTA, Alexandre de Carvalho. *Lendas, historietas, etimologias populares e outras etimologias respeitantes às cidades, vilas, aldeias e lugares de Portugal continental*. Porto: Civilização, 1959.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*, Paris: Librairie Delagrave, 1922.

DICIONÁRIO universal da língua portuguesa. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>> Acesso em: 15 de jun. de 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

———. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de Caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *Investigações Lingüística e Teoria Literária*. Recife, v. 9, 1999, p. 119-148,

DORION, H.; MORISSONEAU, C. *Les noms de lieux et le contact des langues*. Québec, Les Presses de l'Université Laval, 1972.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio eletrônico*. Positivo Informática Ltda. Regis Ltda., 2004.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE cidades*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso: 15 jul.2007.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. *Reportório toponímico de Portugal – 03 – Continente*, carta 1:25.000 (3 volumes). Serviço Cartográfico do Exército: Fevereiro de 1967.

NICOLAISEN, W. F. H. Onomastic Dialects. *American Speech*, Vol. 55, No. 1. (Spring, 1980), p. 36-45.

LÉXICO E SEMÂNTICA

OLIVEIRA, Pe. Miguel de. *Ovar na Idade Média*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 1967.

POTTIER, B. *Linguística geral: teoria e descrição*. Trad. e adapt. portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1978.

PROGRAMA CONCOR – *Linguística de corpus*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_rld_pesquisa_PE.php> Acesso: 02 ago. 2007.

RIBEIRO, Orlando. *A propósito de áreas lexicais em Portugal*. Boletim de Filologia, XXI, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos: 1962-1963, p.177-205.

SARAIVA, Jose Hermano. *História concisa de Portugal*. 18ª ed. Mira-Sintra: Europa-América, 1996.

SCRIF – *cartografia de risco de incêndio florestal*. Disponível em <<http://scrif.igeo.pt/asp/toponim.asp>> Acesso em: 20 jul. 2007.

STABILE, Rodrigo A. *A hidronímia, a sociedade e o meio. Uma questão não só onomástica*. Monografia, parte da avaliação da disciplina Toponímia Geral e do Brasil I, FFLCH-USP, 2007.

VASCONCELOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901). 3ª ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. Reimpressão.

———. *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994. Volume I. Reimpressão, 1933.

———. *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1995. Volume II. Reimpressão, 1936.

———. *Opúsculos*, v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

INSTRUÇÕES EDITORIAIS

1. O textos completos dos trabalhos do Congresso Nacional de Lingüística e Filologia devem ter os mesmos títulos dos resumos correspondentes, que forem enviados com o Formulário de Inscrição.
2. Cada trabalho apresentado ao CiFEFiL deve seguir estas normas:
 - 2.1. Os originais devem ser digitados em Word para Windows, com extensão .DOC ;
 - 2.2. Configuração da página: A-5 (148 X 210 mm) e margens de 25 mm;
 - 2.3. Fonte Times New Roman, tamanho 10 para o texto e tamanho 8 para citações e notas;
 - 2.4. Parágrafo justificado com espaçamento simples;
 - 2.5. Recuo de 1 cm para a entrada de parágrafo;
 - 2.6. Mínimo de 05 e máximo de 12 páginas (exceção para os minicursos, que podem ter até 20 páginas);
 - 2.7. As notas devem ser resumidas e colocadas no pé de cada página;
 - 2.8. A bibliografia deve ser colocada ao final do texto;
3. Os trabalhos completos devem ser enviados por e-mail para eventos@filologia.org.br até o primeiro dia do evento (exceção para os textos dos minicursos, que devem ser enviados até o final de junho).

Outras informações podem ser adquiridas pelo e-mail eventos@filologia.org.br ou pelo telefone (21)2569-0276.

